

UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

DISSERTAÇÃO

Instituto de Pesquisas das Culturas Negras: narrativas de um Movimento
Negro e educador

Gabrielle da Silva Mesquita

2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**INSTITUTO DE PESQUISAS DAS CULTURAS NEGRAS: NARRATIVAS DE
UM MOVIMENTO NEGRO E EDUCADOR**

GABRIELLE DA SILVA MESQUITA

Sob a Orientação da Professora
Joselina da Silva

E a Coorientação do Professor
Amauri Mendes Pereira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/ Nova Iguaçu, RJ
Fevereiro de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M578i

Mesquita, Gabrielle da Silva, 1995-
Instituto de Pesquisas das Culturas Negras:
narrativas de um movimento negro e educador /
Gabrielle da Silva Mesquita. - Seropédica; Nova
Iguaçu, 2023.
88 f.

Orientadora: Joselina da Silva.
Coorientador: Amauri Mendes Pereira.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares, 2023.

1. Raça e Racismo. 2. Movimentos Sociais. 3.
Movimento Negro . 4. Mulheres Negras. 5. Instituto de
Pesquisas das Culturas Negras. I. Silva, Joselina da,
1955-, orient. II. Pereira, Amauri Mendes, 1951-,
coorient. III Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. IV.
Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES



TERMO Nº 627 / 2023 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.035414/2023-87

Seropédica-RJ, 01 de junho de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

GABRIELLE DA SILVA MESQUITA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestra**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 16/02/2023

Membros da banca:

AMAUURI MENDES PEREIRA. Dr. UFRRJ (Coorientador/Presidente da Banca).

ANA PAULA DA SILVA. Dra. UFF (Examinadora Externa à Instituição).

AMILCAR ARAUJO PEREIRA. Dr. UFRJ (Examinador Externo à Instituição).

MATILDE RIBEIRO. Dra. UNILAB (Examinadora Externa à Instituição).

(Assinado digitalmente em 01/06/2023 18:52)
AMAUURI MENDES PEREIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matrícula: 2131782

(Assinado digitalmente em 06/06/2023 09:48)
AMILCAR ARAUJO PEREIRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 047.909.697-03

(Assinado digitalmente em 23/06/2023 22:11)
MATILDE RIBEIRO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 023.257.548-71

(Assinado digitalmente em 02/06/2023 08:30)
ANA PAULA DA SILVA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 028.168.997-05

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: **627**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **01/06/2023** e o
código de verificação: **238324766e**

26/06/2023, 18:14

Dedico esta pesquisa a todos os associados e militantes que passaram pelo IPCN e fizeram
deste um lugar de acolhimento e luta.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus por não me deixar sucumbir nesse tempo. A ele seja toda a Glória e louvor! Foi intenso demais viver a experiência do mestrado. Nesse processo, perdi pessoas (Minha querida Tia Simone Cristina, minha amada Avó Norma Leda e meu eterno Avô Haroldo Pereira). O luto foi doloroso demais, mas juntei meus cacos e reconstruí a vida transformando o luto em saudades, boas lembranças e um olhar de esperança.

Em meio a tudo isto, fui surpreendida por um tumor genético o qual tive que operar às pressas perdendo um dos ovários. Sim, muitas vezes pensei em desistir por não ter forças para me dedicar, mas Deus cuidou de tudo e me renovou dia após dia, restabelecendo minhas emoções, força e saúde. Ele foi fiel e honrou o pouco de fé e esforço que havia em mim. Obrigada, Deus!

Não posso deixar de agradecer à minha família e, em especial, aos meus pais (Sandra Cristina e Uilians Venâncio) e ao meu marido (Francis Oliveira). Eles foram essenciais nesta caminhada. Seguraram meus braços para me ajudar e muitas vezes me carregaram no colo com todo afeto para que chegasse ao destino apontado.

Amigos como Guadalupe Simplício, Graciene Brandão, Priscila Bahia e Juliana Nascimento foram cruciais em todos os momentos. Nas dores, elas estavam ali; nas alegrias também. Haviam dias que só tinha choro, mas o sentimento de não estar sozinha trazia a alegria de continuar e lutar. Mulheres pretas, trabalhadoras e estudantes são sinais de resistência para viver e sobreviver.

À minha orientadora e amiga Dra. Joselina da Silva, sou grata por tudo! Gratidão por todo o carinho, cuidado e ensinamento. “Profã. Jô”, você é incrível e uma inspiração para mim, e acredito que para todos que passam por sua vida. Obrigada por tudo: por todas as ligações, todas as partilhas, pelos encontros e por toda força e energia que carrega e compartilha com os outros. Joselina, você é gigante!

Agradeço aos professores doutores que compõem essa banca aceitando fazer parte desse longo processo. Grata sou ao meu coorientador, Prof. Dr. Amauri Mendes Pereira, que aceitou o desafio de me acompanhar neste processo final da dissertação. Amauri, muito obrigada!

Finalizo esta parte agradecendo aos membros associados e antigos presidentes do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) que contribuíram de forma efetiva com esta pesquisa. Em especial, agradeço a Adélia Azevedo, Amauri Mendes Pereira, Abigail Paschoa (em memória), Maria Alice Santos e Margareth Ferreira, que se colocaram à disposição para fazer parte do grupo de interlocutores que foram entrevistados. Dedico meu trabalho ao Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, aos associados, aos ancestrais daquele lugar e a todos que por ali passaram e foram transformados pela educação social que ali é partilhada.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

RESUMO

MESQUITA, Gabrielle da Silva. **Instituto de pesquisas das culturas negras: narrativas de um Movimento Negro e educador**. 2023. 88 p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

A presente pesquisa propõe-se a dialogar sobre uma organização do Movimento Social negro, o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e as narrativas históricas construídas entre os anos de 1970 e 1990 naquele espaço. O desenvolvimento da pesquisa se configurou em entrevistas semiestruturadas com antigos e atuais associados e presidentes que passaram e permanecem no IPCN. Também, dialogamos com os históricos da formação do Movimento Negro e social no Brasil com recorte no Rio de Janeiro. Diante disso, o objetivo foi realizar um recorte sobre as narrativas de construção e permanência/resistência do IPCN a partir dos olhares dos interlocutores que fizeram parte desde a fundação do Instituto até a consolidação do mesmo, perpassando este movimento pelas intersecções sociais como raça, gênero e sociedade. Perante isso, o trabalho busca descrever a importância da história do IPCN na sociedade, no território central do Rio de Janeiro e nos movimentos sociais.

Palavras-chave: IPCN; movimento; racismo.

RESUMEN

MESQUITA, Gabrielle da Silva. **Instituto de Investigaciones de Culturas Negras: Narrativas de um Movimento Negro y Educador**. 2023. 88 p. Disertación (Maestría en Educación, Contextos Contemporáneos y Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

Esta investigación pretende discutir una organización de movimiento social negro el Instituto de Investigación de las Culturas Negras (IPCN) y las narrativas históricas construidas entre los años 70 y 90 en ese espacio. La investigación se llevó a cabo mediante entrevistas semiestructuradas con antiguos y actuales miembros y presidentes que pasaron y siguen en la IPCN. También dialogamos con los antecedentes históricos de la formación del movimiento social negro en Brasil, centrándonos en Río de Janeiro. Ante esto, el objetivo fue realizar una revisión de las narrativas de construcción y permanencia/resistencia del IPCN desde las perspectivas de los interlocutores que formaron parte del instituto desde su fundación hasta su consolidación, recorriendo este movimiento por intersecciones sociales como raza, género y sociedad. En vista de ello, el trabajo busca describir la importancia de la historia del IPCN en la sociedad, en el territorio central de Río de Janeiro y en los movimientos sociales.

Palabras clave: IPCN; movimiento; racismo.

ABSTRACT

MESQUITA, Gabrielle da Silva. **Institute of Research on Black Cultures: narratives within a Black Educational Movement** 2023. 88 p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

The purpose of this research is to explore an organization within the Black Social Movement, the Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) and the historical narratives constructed from the 1970s to the 1990s in that space. This research was conducted through semi-structured interviews with former and current associates and presidents who passed and remain in the IPCN. Additionally, we engaged with the history of the formation of the Black and Social Movement in Brazil with focus on Rio de Janeiro. Given this, the goal was to carry out an excerpt on the narratives of construction and permanence/resistance of the IPCN from the perspectives of the interlocutors who were part of it from the institute's inception until its establishment, examine these narratives by considering the intersections of social factors, including race, gender, and society. The study aims to elucidate the historical significance of IPCN within Rio de Janeiro's society and the broader context of social movements."

Keywords: IPCN; movement; racism.

LISTA DE FIGURAS

Figura	Páginas
1. Linhas do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras.....	60

LISTA DE SIGLAS

ACRIAPI	Associação Cultural e Recreativa do IAPI
CEBA	Centro de Estudos Brasil
FAETEC	Fundação de Apoio à Escola Técnica
FNB	Frente Negra no Brasil
GMN	Grupo de mulheres Negras do Rio de Janeiro
GTAR	Grupo de Trabalhos André Rebouças
IPCN	Instituto de Pesquisa da Cultura Negra
MAM	Museu de Arte Moderna
MNU	Movimento Negro Unificado
MUCDR	Movimento Unificado contra a Discriminação Racial
SINBA	Sociedade de Intercâmbio Brasil
SINBA	Sociedade de Intercâmbio Brasil
TEM	Teatro Experimental do Negro
UCAM	Universidade Cândido Mendes
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora UERJ
UJS	União da Juventude Socialista
UHC	União dos Homens de cor
UMES	União Meritiense dos Estudantes Secundaristas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: A PESQUISA E EU.....	13
CAPÍTULO I.....	22
RAÇA, RACISMO E MOVIMENTO.....	22
1.1 Alguns apontamentos sobre a construção da Raça e Racismo no Brasil.....	22
1.1.1 Racismo Institucional.....	24
1.1.2 Racismo Individual.....	26
1.2 Movimentos Sociais no Brasil: breves recortes entre os anos de 1970 e 1990.....	28
CAPÍTULO II.....	33
CAMINHOS DA PESQUISA.....	33
2.1 Metodologia.....	33
2.1.1 Lugar de pesquisa.....	34
2.1.2 Entrevistados.....	35
CAPÍTULO III.....	38
MOVIMENTO NEGRO E O IPCN: SEU SURGIMENTO, O OLHAR DOS ATIVISTAS E O CONTEXTO.....	38
3.1 Breve marcos do Movimento Negro.....	38
3.2 Atividades do IPCN.....	46
3.2.1 Consolidação da sede do IPCN e de outros movimentos.....	51
3.2.2 Movimento Negro como um Educador.....	56
3.2.3 Linhas do IPCN, segundo Joel Rufino dos Santos.....	59
3.3 Um olhar sobre Mulheres Negras nas décadas de 70 e 80.....	61
3.3.1 Algumas das Movimentações das mulheres negras no RJ.....	63
3.3.2 Mulheres Negras no IPCN.....	64
3.4 IPCN nos dias atuais.....	71
3.4.1 Um organismo vivo: movimentações atuais.....	73
CAPÍTULO IV.....	76
CONCLUSÃO.....	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	79
ANEXOS.....	82
ANEXO A – Jornal semanal do IPCN – 1976.....	82
ANEXO B – Ata da Reunião Aqualtune.....	88

INTRODUÇÃO: A PESQUISA E EU

Desde a minha infância, sempre fui lembrada por minha família que eu era negra, que talvez a vida seria bem mais difícil para mim. Atualmente moro em um quintal de família e, dentro desse quintal, a única pessoa com formação superior é a minha mãe. Em toda minha infância eu tentava fazer de tudo para ser parecida com ela. Eu a reconhecia como algo muito além de todas as famílias de amigos que eu tinha.

Dentro desta perspectiva de ser “alguém na vida” como minha mãe, que parecia algo muito distante, eu esquecia totalmente que minha cor e as economias da minha família poderiam atrapalhar todo esse processo com o qual eu tanto sonhava. Desde nova havia uma vontade em mim de um dia ser professora ou até mesmo advogada. Mas o magistério era meu sonho.

Meus pais sempre foram trabalhadores – meu pai era feirante e minha mãe trabalhava na parte administrativa de uma empresa dentro da Fiocruz. Aliás, os empregos da minha mãe sempre foram em lugares públicos, desta forma, ela sempre trabalhou prestando serviço para locais como: Caixa Econômica, Fiocruz, Datamec e BR Distribuidora. Diferente do meu pai, que batalhou a cada dia para subir um novo degrau. De feirante, foi fazendo alguns cursos profissionalizantes, onde conseguiu trabalhar em fábricas de produtos de cabelo, biscoitos e, atualmente, em uma indústria de gás de cozinha.

A trajetória de trabalho e de finanças dos meus pais nos possibilitou (minha irmã e eu) estudar em algumas escolas privadas durante os anos do Ensino Fundamental I. Do Ensino Fundamental II até o Ensino Médio, estudamos em escolas públicas. A partir disso, percebi que a vida era bem mais difícil do que eu achava. Meus pais sempre me cobravam pensar em uma profissão que eu desejasse. Desde criança, fui incentivada a pensar em algo grande para o futuro, mas, dentro do que uma pessoa negra poderia chegar.

Ensino Médio

No meu último ano do Ensino Fundamental II, realizei uma prova para Escola Técnica Estadual (FAETEC). Minhas esperanças eram zero para aquele lugar. Imagine uma preta fazendo Ensino Médio técnico em Turismo na Escola Técnica Estadual da FAETEC. Entretanto, na segunda lista de espera, lá estava meu nome. Passei pra FAETEC para fazer Turismo. Meu pai falava que isto não era para mim, que iria ser muito difícil. Nunca entendi o porquê de ele dizer que seria tão difícil. Mesmo assim, comecei a estudar na FAETEC de São Cristóvão em 2012. Com 15 anos, comecei a andar de trem. Saía todos os dias da Baixada

Fluminense para a Zona Norte do Rio de Janeiro; e o trem lotado, tanto no trajeto de ida quanto no trajeto de volta. Isso ocorria, pois, a grade era totalmente integral de segunda a sábado. Eu saía com a classe trabalhadora local e também voltava com ela.

Durante as primeiras semanas de aula, tudo foi novo, “mágico” (pois era um local novo), mas bem exaustivo. Enquanto a maior parte dos alunos morava entre a Tijuca e a Zona Sul, eu estava lá enfrentando os perrengues do transporte público quase todos os dias. Nas semanas iniciais, comecei a perceber como a cor influenciava totalmente naquele lugar. Eu fazia parte de uma turma com mais ou menos trinta (30) alunos e, contando comigo, havia apenas seis (6) pessoas negras na turma: um (1) menino e cinco (5) meninas negras. Todas estas pessoas negras moravam em alguma região periférica do Rio de Janeiro. Os outros vinte e quatro (24) alunos eram brancos e tinham um certo privilégio, e a maior parte deles tinha melhores condições financeiras.

Com o passar dos dias, acabei me tornando amiga dos alunos negros e mais pobres (algo que seria bem normal naquela situação). A estrutura da escola era grande, nunca tinha estudado em um lugar como aquele – tínhamos até aula de francês. Eram exatamente duas quadras de esporte e um refeitório muito bonito e limpo. Era exatamente tudo ao contrário do que já havia presenciado em outras escolas.

Na escola, os maiores quantitativos de alunos eram visivelmente brancos. Lembro que todos os negros naquele lugar, para fazer parte de alguns determinados grupos, precisavam apresentar determinadas características, isto é, ou eram negros homossexuais, que se apresentavam como descolados, ou eram negros que se saíam bem em se relacionar afetivamente com brancos e brancas dos grupos.

Foram três anos bem cansativos, dolorosos e exaustivos. Lembro que no segundo ano me filiei à UJS (União da Juventude Socialista). Tornei-me uma estudante secundarista envolvida nas demandas sociais da educação pública. Frequentei debates, manifestações nas ruas, congressos e outras saídas. Dentro da UJS, virei amiga da Mel Gomes. Ela era uma mulher negra, de cabelo Black, lésbica, estudante e periférica. Ela me ensinou sobre política, comunismo, movimentos sociais e – até mesmo algo que eu reconhecia, mas, parecia velado para mim – o racismo.

Mesmo vivenciando a luta de várias demandas sociais, junto com a UJS¹, inclusive diversas demandas sobre o combate ao racismo, só consegui perceber o poder do racismo

¹ UJS – União da Juventude Socialista

sobre minha vida no último ano do Ensino Médio Técnico. Vivenciei uma infeliz experiência, fui discriminada na sala de aula por minha professora de Filosofia.

Em uma determinada aula, tive uma dúvida na matéria, quando fui pedir esclarecimento da mesma, a professora virou para toda turma e disse: *“É por isso que é preciso ter o controle dessas pessoas aqui. Precisa ter cotas, por não ter esse sistema, entra qualquer um aqui que não sabe nada.”*. Naquele mesmo momento, a turma ficou em silêncio e uma amiga negra gritou: *“Vocês não perceberam que a professora falou isso por que a Gabrielle é negra?”*. No mesmo momento saí da sala chorando e fui até a direção da escola relatar o que havia acontecido. Não houve nenhuma providência imediata da direção da escola.

No dia seguinte, fui até a delegacia com meus pais onde o caso foi registrado como Injúria Racial. Até os dias de hoje, nada foi resolvido, nunca fui chamada para nenhum outro registro e não recebi nenhuma devolutiva sobre o Boletim de Ocorrência. Pelo contrário, precisei continuar frequentando as aulas com a professora racista. Devido à denúncia, sofri “perseguições” de professores e alunos, os quais diziam que eu estava acabando com a carreira de uma professora que lutou tanto por aquele cargo público. O final do Ensino Médio foi totalmente exaustivo por conta daquela situação. Desisti do Técnico em Turismo e só concluí o Ensino Médio na FAETEC.

Realizei a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) no mesmo ano para tentar uma vaga na universidade. Lembro que fiz um pré-vestibular social oferecido por uma igreja Batista no bairro ao lado de onde eu morava. Era cansativo sair da escola e ir direto para as aulas do pré-vestibular, que eram ministradas à noite. Havia dias que eu dormia na sala de aula. Como eu chegava atrasada, nunca conseguia um lugar na frente. Era tão difícil estudar naquela situação que eu desisti do pré-vestibular, mas fiz o Enem e obtive uma nota razoável.

Carteira assinada

Assim que estava terminando o Ensino Médio, meus pais começaram a dizer que eu precisava trabalhar, e tão logo antes de terminar comecei a procurar oportunidades pelo Centro do Rio de Janeiro e também em *sites* de empregos. Consegui uma vaga no ramo de Telemarketing. Na entrevista, percebi que havia muitos negros naquele lugar – por incrível que pareça, eu me sentia um pouco mais confortável no meio deles.

No final daquele ano, concluí o Ensino Médio e, no início do ano seguinte (2014), comecei a trabalhar. O horário era entre o período da tarde e noite. Como residia na baixada,

sempre foi preciso sair muito cedo de casa para chegar em um horário confortável no trabalho para que não ocorresse atrasos. O dinheiro que eu recebia era para ajudar nas despesas da minha casa, como contas e alimentação.

Nesse mesmo ano, em 2014, no primeiro semestre tentei o SISU e o PROUNI, infelizmente não obtive nota para entrar na universidade. Continuei trabalhando e procurando outro emprego. Comecei a me incomodar com a quantidade de negros que trabalhava ali, muitos eram pais e mães de família. Alguns vinham de tão longe que parecia até uma viagem. O salário não era tão bom, mas a maioria das pessoas que ali trabalhava dependia daquele dinheiro para alimentar a família.

Com algumas informações e leituras que adquiri durante meu processo de formação acadêmica, percebo que trabalhos como o Telemarketing fazem parte do time de empregos subalternos. De acordo com alguns autores que escrevem sobre a temática racial, como Almeida (2019), com o Racismo Institucional e Estrutural, muitas vagas de empregos subalternas são ocupadas por pessoas negras devido à desigualdade racial e social. Por isso, muitos daqueles trabalhadores eram negros, e por esse motivo é possível perceber o porquê de não haver tantos alunos negros naquela época nas escolas técnicas.

Durante meu tempo nesse trabalho, percebi como os corpos das mulheres negras eram sexualizados. Diversas vezes fui assediada pelo meu chefe, que dizia que eu parecia ser uma “preta bem quente”. Eu morria de tristeza com aquela situação, no entanto, eu não podia ficar desempregada. Aturei aquilo com muito choro por seis meses. Muitas mulheres negras sofriam com o assédio e racismo que vinham por parte dele.

Por fim, no segundo semestre do ano de 2014 abriram vagas para cursos de graduação das universidades federais pelo SISU, que na ocasião acabei passando para a Universidade Federal Fluminense (UFF) no *campus* de Santo Antônio de Pádua, interior do Rio de Janeiro, no curso de Pedagogia. No mesmo dia que soube da notícia, pedi aviso prévio no trabalho e, depois de trinta dias, o contrato com a empresa foi encerrado.

Graduação

Entrar para Universidade Federal foi uma grande conquista pessoal e familiar. Por ser longe da capital do Rio de Janeiro, eram mais de 380 km de distância e, por isso, precisei mudar imediatamente para Santo Antônio de Pádua, onde ficava um dos *campi* da UFF. Com o dinheiro que havia recebido do aviso prévio, consegui manter-me por uns três meses na cidade.

Minha chegada foi muito acolhida por aquelas pessoas do interior. Na primeira semana de aula, percebi que aquele polo era repleto de pessoas negras, porém, poucos professores negros. No início, tive muitas dificuldades com a rotina de estudos, pois eram muitos textos e a grade de aula era bem espaçada, haviam aulas em algumas partes do dia e outras à noite. Devido a isso, eu passava o dia inteiro no *campus* e a madrugada era o momento em que eu podia pôr a leitura em dia. Os textos eram difíceis, eu tinha extrema dificuldade de entender aquela escrita. No primeiro período, fui aprovada nas matérias com notas medianas. Foi muito difícil essa transição, e pensei em desistir diversas vezes.

Com os passar dos meses, consegui auxílios e bolsas que me ajudaram a permanecer na universidade. Com o tempo, fui entrando em Grupos de Pesquisas com ênfase em questões raciais e sociais. Aqueles grupos me ajudaram muito a perceber minha existência na universidade. Ingressei como Vice-Diretora do Diretório Acadêmico de Pedagogia na Universidade Federal Fluminense em Santo Antônio de Pádua. Permaneci dois anos nesse “cargo”, onde, com muita luta, consegui uma bolsa no PIBIC² e, ao fim da bolsa de Iniciação Científica, consegui uma bolsa no PIBID³. Todos esses processos foram importantes para minha permanência e minha construção como mulher negra e periférica na Universidade.

Lembro que no meu terceiro período tive uma professora que dava aula de Filosofia na Educação que marcou diretamente minha vida acadêmica. No final de uma de suas aulas, ela me chamou para conversar e relatou que eu atrapalhava o desenvolvimento da turma e que daquele jeito eu não iria conseguir concluir minha graduação. Essa conversa aconteceu devido a uma dúvida que tentei sanar durante a aula com uma colega de classe, pois eu havia perdido o primeiro tempo daquele dia.

Aquela fala me trouxe uma dor, pois eu estava dando o meu máximo para permanecer na universidade e conseguir me sentir incluída na rotina universitária. Naquele momento, tive vontade de cancelar aquela disciplina, pois percebi que minha presença incomodava aquela aula. Mas fazer o cancelamento daquela disciplina iria atrapalhar a integração do meu currículo.

Depois daquele momento, conheci minha orientadora, Dra. Ana Paula da Silva, que foi como um aconchego para a alma e impulso para continuar na graduação. Ela acreditava mais em mim do que eu mesma. Minha orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): uma mulher negra, doutora e cheia de planos e projetos de pesquisa para aquele espaço. Ela me ajudou a vencer cada desafio da graduação, principalmente o trabalho final. A

² PIBIC: Programa de bolsas de Iniciação Científica

³ PIBID: Programa de bolsas de Iniciação à docência

Profa. Dra. Ana Paula da Silva foi um acalento que não me deixou sucumbir na trajetória da graduação.

A partir de muitas leituras e percepções epistêmicas, percebi que aquele polo tinha tantos negros por um motivo: aquele Instituto de Educação Superior era majoritariamente um polo de licenciaturas na área de exatas, isso influenciava bastante na evasão dos alunos e nas notas de cortes tão baixas. Essa situação me fez refletir em muitas questões raciais e sociais, em como uma pessoa negra poderia vencer e quais os lugares ela realmente poderia alcançar.

Dentro de muitas percepções na universidade, consegui juntar um grupo de mulheres negras, e dessa ação construímos um Movimento Negro chamado NoroAfro. Fazíamos reuniões abertas todas as semanas, recebemos algumas mulheres da comunidade ao redor da UFF e construímos dois eventos sobre filmes e demandas negras. Foi um ano de muito trabalho social na universidade, mas, com o tempo, as pessoas do grupo começaram a ter outras demandas, e por esse motivo foi cada vez mais difícil realizar aquelas reuniões, até que, em um determinado momento, aquele grupo não existia mais. O movimento NoroAfro acabou. Foi decepcionante no início, as forças contrárias foram bem fortes, a maior parte dos integrantes desistiu de participar para ingressar em grupos marxistas da universidade, que acreditavam que não havia luta contra o racismo sem a luta da classe trabalhadora.

O fim do grupo mexeu bastante comigo, porém, comecei a investir mais tempo na academia, escrevendo projetos, participando de congressos e outros grupos de pesquisa na universidade. A partir disso, comecei a escrever o Trabalho de Conclusão de Curso que teve como título *“Esses alunos precisam de Jesus na vida deles”: um estudo sobre violência, gênero, classe e raça em uma escola no Interior do Rio de Janeiro*. Esse título teve como impacto uma fala de uma professora após a conclusão de um projeto sobre funk que apliquei na escola em que estagiava.

O trabalho foi escrito e apresentado no final de 2018, com aprovação em excelência. No momento final da graduação, percebi que foi aquela formação que me fez reconhecer meu lugar como mulher negra na sociedade e não me conformar com a posição estrutural racista em que nós negros somos colocados. Minha experiência na universidade me impulsionou a querer continuar as pesquisas acadêmicas e tentar ingressar no mestrado.

Mesmo com muita dificuldade na escrita e no desenvolvimento da mesma, o meu Trabalho de Conclusão de Curso me ajudou a escrever pré-projetos para a tentativa de ingressar no mestrado. Fiz as inscrições para todos os processos abertos: UERJ, UFF, UFJF e, por fim, a UFRRJ que, na verdade, sempre foi o lugar pelo qual eu tinha o desejo de estudar.

Depois de muito desânimo e um processo bem cansativo, consegui passar nas etapas de seleção até que fui aprovada no mestrado. Foram dias de luta para conciliar as etapas do processo seletivo do mestrado com o meu emprego. Receber o resultado final com aprovação trouxe alegria em um tempo tão difícil, o qual muitas vezes nos impossibilita de quebrar os padrões e começar a vivenciar lugares que são “fechados” para pobres e pretos.

Mestrado e trabalho formal

Em dezembro de 2019, descobri que passei para o mestrado. Foi uma mistura de felicidade com desespero, pois, um mês antes, tinha conseguido um trabalho que eu tanto desejava também. Como uma mulher negra moradora da Baixada Fluminense, em uma família com a mãe desempregada com apenas o pai trabalhando, renunciar o trabalho nunca foi uma opção. A partir disso, penso que não há como discutir racismo sem pensar na desigualdade social existente – vivenciei essa situação: o racismo que é/era um impacto diário que me impediu muitas vezes de conseguir terminar a graduação, dar um passo para o mestrado; e agora a desigualdade social que, de forma perversa, afeta minha casa e minha família.

A única chance existente era conversar com a direção da escola em que trabalho. A partir do que seria dito, seria mais fácil decidir o que fazer, pois ter uma bolsa no mestrado em um cenário caótico econômico do país era uma situação que poderia ser julgada como impossível. Porém, a conversa foi agradável e fui liberada para fazer as matérias na parte da manhã. Parece ter sido algo vitorioso, mas são muitos desafios expostos, tais como participar das aulas em alguns dias em Nova Iguaçu e outros em Seropédica e conseguir chegar a tempo no trabalho em Duque de Caxias. Essa parte foi a mais desgastante, pois foi preciso esforço não somente físico, mas também mental em meio a toda essa dinâmica diária.

No mês de março do ano de 2020, fomos surpreendidos por uma crise sanitária no mundo pelo vírus causador da Covid-19. Nesse ponto, eu havia assistido apenas uma aula no *campus* de Seropédica, uma correria para chegar ao local e logo em seguida chegar ao trabalho. O dia foi extremamente cansativo por essa situação, mas gratificante por saber que consegui chegar a um lugar onde as estatísticas vão dizer o contrário.

Falar sobre a minha trajetória é difícil, pois, em detalhes, consigo observar quantas coisas foram travadas por conta da estrutura do racismo na sociedade. Porém, construir uma história acadêmica nos faz refletir além das estatísticas que, de acordo com o Atlas da Violência 2017, “a população negra corresponde a maior parte (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios.”. Nessa perspectiva, podemos

pensar que um corpo negro tem uma condição menor de sobrevivência no país, então, ter menos de trinta anos e estar na academia encerrando o mestrado é um ato de revolução contra a política racista e estrutural que tenta nos matar todos os dias.

De acordo com Silvio Almeida (2019), a universidade muda a perspectiva científica de olhar mundo, e na maioria das vezes só descobrimos a identidade e o conhecimento de ser negro quando entramos em uma universidade, principalmente em cursos cuja discussão sobre a sociedade é assídua. Dentro dessa afirmação, consigo enxergar minha trajetória: mesmo que tenha sido lembrada desde criança sobre minha cor, eu só me encontrei e estruturei tudo o que recebia quando cheguei à universidade, assim, pensando de forma crítica a sociedade em que vivo.

Ao chegar no mestrado, me encontrei pesquisando sobre o Instituto das Pesquisas das Culturas Negras (IPCN). Pesquisar sobre o IPCN iniciou em 2020, quando fui apresentada à história do Instituto e então me vi pertencente ao lugar sem ter participado de sua trajetória histórica. Infelizmente, no ano em que iniciei a pesquisa, o Instituto se encontrava fechado devido à Pandemia da Covid-19. Não fiz parte da construção histórica do IPCN e não sou membra associada à Instituição, mas comecei a estudar e pesquisar sobre o lugar, já que ele foi uma das primeiras entidades legais do Rio de Janeiro a discutir a temática dos assuntos raciais, de acordo com Jurema Batista (1987), em uma entrevista para o CultneTv, no I Encontro de Associados do IPCN em 12 de setembro de 1987.

Dialogar com IPCN é entender que esta Instituição, em toda sua estrutura, é um organismo vivo. É importante entender cada passo da minha trajetória de resistências, em muitos espaços que passei, foi devido a um movimento de luta que já se articulava antes mesmo dos anos 70 e que esteve à frente da luta do combate ao racismo, fazendo com que, nos dias de hoje, alcançássemos direitos os quais nos foram negados por muito tempo. Tudo isso faz parte da luta do Movimento Negro no Rio de Janeiro e no Brasil. O IPCN faz parte da construção da história de muitos negros e negras que não chegaram a conhecer o lugar, entretanto, a luta do mesmo perpassou por suas trajetórias.

A pesquisa, que está sendo descrita nos capítulos, é dividida em três partes, sendo elas (1) Raça e Racismo, (2) movimentos sociais e (3) a história do Movimento Negro no Rio de Janeiro, já os caminhos da pesquisa e o foco central da pesquisa dizem respeito ao IPCN. Dialogaremos diretamente com Petrônio Domingues, Silvio Almeida, Joel Rufino, Nilma Lino e entre outros autores que discutem a temática Raça e Racismo.

No primeiro capítulo, iremos discutir alguns apontamentos sobre raça e racismo, movimentos sociais e marcos do Movimento Negro no Rio de Janeiro.

A partir disso, entraremos no segundo capítulo dialogando sobre a formação da pesquisa, descrevendo os caminhos que foram levados para a construção da pesquisa que, no seu decorrer, teve entrevistas estruturadas com membros e ex-presidentes do IPCN – e dentro dos escritos também dialogamos com esses entrevistados.

No terceiro capítulo, focamos no Movimento Negro e o IPCN, descrevendo sua história e sua luta como entidade legal no Rio de Janeiro. Também falamos sobre a luta das mulheres como parte da estrutura do Instituto. As entrevistas afirmam que a presença de mulheres naquele espaço também construiu novas demandas para as discussões sobre a vivência e a luta das mulheres negras no Rio de Janeiro. Encerraremos a pesquisa com contribuições e conclusões do autor nesse tempo de trabalho em que o objetivo central é o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras.

Acredito que este trabalho científico, em que o Instituto é o centro da pesquisa, irá contribuir de forma direta para os escritos sobre o IPCN. Espero ajudar na continuação desta história mantendo cada vez mais esse organismo vivo, contribuindo com um resgate histórico dos membros que auxiliaram na sua formação e unidade pública na sociedade.

CAPÍTULO I – RAÇA, RACISMO E MOVIMENTO

Neste capítulo, abordaremos de forma breve os conceitos de Raça e Racismo na sociedade e as fases dos movimentos sociais no Rio de Janeiro, tudo isso para que haja melhor entendimento sobre os conceitos e as lutas dos movimentos na sociedade, principalmente da construção do IPCN na Capital do Rio de Janeiro.

1.1 Alguns apontamentos sobre a construção da Raça e Racismo no Brasil

Segundo Almeida (2020), o termo “raça” foi usado primeiro para falar sobre/classificar animais e plantas, um pouco depois foi usado para classificar seres humanos. O autor afirma que a história desse termo tem a ver com poder e decisão, porém, faz parte da história política e econômica constituída na sociedade.

Para Seyferth (1995), o conceito de raça foi criado para estabelecer classificações a partir da cor de pele, porém, a autora relata que há diversos conteúdos que afirmam que esse termo foi criado para uma ideologia científica para falar sobre a diversidade da espécie humana, usando a cor de pele e fenótipos para classificar pessoas de forma sistemática, dividindo a espécie humana:

Produzidas por cientistas ou imaginadas pelo senso comum, as taxonomias raciais têm alto grau de arbítrio, pois implicam em seleção ou escolha das características que servem de base para a construção de esquemas classificatórios. No caso da humanidade, a ausência de critérios precisos de classificação fez com que a antropologia produzisse inúmeras taxo grandes “troncos”, geograficamente circunscritos e relacionados à variação da cor da pele (SEYFERTH, 1995, p. 175).

A Taxonomia relatada no texto de Seyferth (1995) é uma parte da biologia utilizada para classificação de seres vivos. O critério de raça veio desta área biológica, classificando-a como extremamente importante. Classificar pessoas pela “raça” implica o racismo como parte de uma condição científica. A criação deste termo validou ideologias racistas na sociedade. De acordo com Seyferth (1995), ideologias como a do darwinismo, antropossociologia, eugenia e entre outros, fez com que o racismo fosse crucial na estrutura do país. Todas essas ideologias tinham como objetivo fazer com que o país passasse por um processo de branqueamento através da miscigenação:

O espírito positivista surgido no século XIX transformou as indagações sobre as diferenças humanas em indagações científicas, de tal sorte que de objetivo

filosófico, o homem passou a ser objetivo científico. A biologia e a física serviram como modelos explicativos da diversidade humana: nasce a ideia de que características biológicas – determinismo biológico- ou condições climáticas e/ou ambientais – determinismos geográficos – seriam capazes de explicar as diferenças morais, psicológicas e intelectuais entre diferentes raças (ALMEIDA, 2020, p. 29).

O objetivo da criação do termo raça, de forma científica, seria submeter e destruir populações de cor, como África, Américas, Oceania e Ásia. Almeida (2020) afirma que o conceito de raça vai além de “conhecimentos” filosóficos ou científicos. Ele foi criado como uma tecnologia do colonialismo europeu para que houvesse segregação dos negros ao ponto de gerar destruição de pessoas negras na sociedade, após o período colonialista e escravocrata. As ideologias de raça fazem com que o racismo seja um mecanismo de colocar os brancos em posição de superioridade, criando, então, o racismo científico. Marize Conceição de Jesus (2015) afirma pelos escritos de Kabengele Munanga (2004), Octavio Ianni (2004) e Florestan Fernandes (1972) que:

Além de representar a cor deste indivíduo, o termo ‘negro’ demarca uma postura identitária, política e ideológica, como afirma Munanga (2004, p.52), mas, também, pode designar o conjunto de brasileiros pretos e pardos em suas manifestações culturais, como afirmam Florestan Fernandes (1972) e Octávio Ianni (2004). O termo é, ainda, utilizado pelo IBGE nos censos, demográficos. De acordo com Munanga (2004), quando a autodenominação da etnia ‘negro’ em seu sentido político, permite que, além de definir uma ancestralidade, o autorreconhecimento étnico-racial contribua na denúncia do racismo, mostrando o nível de desigualdades socioeconômicas a que este segmento está exposto. (MUNANGA, 2004; IANNI, 2004; FERNANDES, 1972 apud JESUS, 2015, p. 75).

Ideologia de Raça foi uma criação antropológica e científica para continuar discriminando negros e negras na sociedade, no entanto, tal conceito surge baseado na ciência e biologia. Segundo Seyferth (1995), o racismo foi construído também a partir dessas ideologias de branqueamento, causando desigualdade social, política e econômica sobre os seres humanos até os dias de hoje.

O racismo tem um processo de evolução dividido em: defesa (ato de se defender de pessoas negras); suposição (ato de supor que pessoas negras são ruins); estereótipo (ato de definir e limitar pessoas negras a partir de conceitos biológicos ou sociais); segregação (processo de separação de pessoas negras na sociedade); e genocídio (morte em massa de pessoas negras por ódio). Segundo Rufino (1984), o racismo é uma reprodução social dos indivíduos. Sendo assim, as pessoas na sociedade fazem o processo de ecoar o racismo nos meios sociais desde a infância até a vida adulta. Já para Almeida (2020), o racismo é classificado em três concepções, sendo elas: individual, institucional e estrutural.

Ainda, de acordo com o autor (2020), essas concepções têm os seguintes critérios: racismo e Estado; racismo e economia; e racismo e subjetividade. Esses critérios acompanham as classificações do racismo. Segundo Silvio Almeida, existe uma diferença entre Racismo Estrutural e Racismo Institucional e o Racismo Individual.

1.1.1 Racismo Institucional

O Racismo Institucional é representado pelo funcionamento de instituições que atuam direta e indiretamente nas dinâmicas de desvantagens e privilégios para determinados grupos, baseando-se no termo raça. Instituição que, segundo Almeida (2020), é diferente do Estado maior (Brasil), mas que tem influências diretas institucionais que seriam a forma de rotinização, orientação, comportamento (coordenação), que proporcionam estabilidade social ao sistema (Estado). O desenvolvimento social depende de como as instituições resolvem os conflitos que existem dentro dela (ALMEIDA, 2020).

A sociedade é marcada por diversos conflitos sociais, raciais, políticos e econômicos, a demanda social não é homogênea, ela é marcada por situações conflitantes. Neste contexto, entram as instituições, onde Almeida (2020) afirma em seu livro *Racismo Estrutural* que a existência do Racismo Institucional é presente pelo fato de que os conflitos raciais também são predominantes dentro das instituições, elas fazem parte dessa reprodução dos conflitos. O Racismo Institucional é uma forma de poder que tem como centralidade as relações sociais e políticas. Há interesses econômicos nessa situação, então, devido a esse efeito, o racismo passa a ser uma forma de dominação nas instituições. O racismo se dá a partir de parâmetros de discriminação baseados na ideologia de raça, o que mantém, de forma hegemônica, determinados grupos sempre no poder, que seriam os brancos. Isso contribuiu diretamente para a “manutenção” racista das instituições.

O Racismo Institucional tem sua atuação em instituições públicas e privadas, e sua função é fazer com que negros sejam impedidos de determinados espaços e que o Estado também não seja presente em lugares onde há a presença central da população negra. Segundo Santos (2008), os acessos para pessoas negras são dificultados através da instituição, seja ela pública ou privada, gerando, então, desigualdade racial em determinados ambientes. Isso faz parte da tática dissimulada do Racismo Institucional

Como nos lembra Almeida (2020), o racismo é parte da ordem social, ele não foi criado pelas instituições, pelo contrário, ele é reproduzido por ela. O Racismo Institucional

está ligado à ordem social do país que, na verdade, tem uma estrutura com tantos conflitos sociais, onde um deles é o racismo. As instituições são racistas, pois reproduzem o racismo da sociedade. Mesmo que na instituição existam negros ocupando cargos de poder, isso não muda o fato de haver a reprodução do racismo nos locais sejam eles públicos ou privados. Para Joselina da Silva e Maria Simone Euclides (2018):

Destarte, pensar a respeito do Racismo Institucional é inferir que sua manifestação se dá, sobretudo, na efetivação – ou no seu oposto – das políticas públicas, no momento em que seu alcance se diferencia em quantidade, qualidade e efetividade, a depender da raça dos possíveis beneficiários. Sua ação pode ser detectada não apenas pela assunção de presença, pela detecção de seu enunciado ou pela verbalização pejorativa baseada em epítetos relativos à raça (SILVA; EUCLIDES, 2018, p. 55).

De acordo com Werneck (2016), há diversas formas de se pensar racismo na sociedade e uma delas é o Racismo Institucional, que dá dimensão para o processo de construção da estrutura que também é racista. A estrutura racista tem como objetivo beneficiar e privilegiar pessoas brancas e discriminar e “diminuir” pessoas negras no meio social:

Já o Racismo Institucional (RI), que possivelmente é a dimensão mais negligenciada do racismo, desloca-se da dimensão individual e instaura a dimensão estrutural, correspondendo a formas organizativas, políticas, práticas e normas que resultam em tratamentos e resultados desiguais (WERNECK, 2016, s/p).

A democracia racial faz com que o Racismo Institucional seja invisível na sociedade. Essa falsa ideia de democracia legitima a desigualdade a partir do controle social. Para Fernandes (1978), o negro foi excluído da sociedade, sendo empurrado para situações subalternas e tendo de criar seu próprio destino:

[...] a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de reeducar-se e de transformar-se para corresponder aos novos padrões e ideais de homem, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e capitalista (FERNANDES, 1978, p. 20).

Faz-se necessário trazer o conceito do que é o Racismo Institucional. Diferentes autores retratam o que seria essa concepção de racismo, tratando a ideia de que ele é uma forma velada no capital para que continue não sendo reconhecida a desigualdade racial, fomentando então o mito da democracia racial no país:

A noção de Racismo Institucional apresenta a utilidade de acentuar as formas não flagrantes ou brutais do racismo, suas expressões veladas, pois transitam nas

instituições; mas ela se torna insuficiente a partir do momento em que faz do racismo um fenômeno abstrato, a repousar aparentemente sobre mecanismos abstratos, sem atores (WILEVIORKA, 2007. p. 16).

O Racismo Institucional é uma realidade sistêmica que foi fundamentada em raça para afirmar o mito da democracia racial, mascarando o racismo e a desigualdade racial brutal na sociedade. Souza (2010) afirma que existem outros tipos de racismo, mas o Institucional é uma forma de deixar velada a desigualdade que há na sociedade:

É toda forma de ocorrência que coloca em uma situação de desigualdade um coletivo, neste caso, um coletivo étnico. Ele não difere dos outros tipos de racismo, mas ele acontece através das instituições, coisa que não estamos acostumados a perceber. Então o processo de desenvolvimento institucional privilegia determinado tipo de grupo étnico em detrimento de outros. O Racismo Institucional pode ser encontrado, por exemplo, na hora das contratações no mercado de trabalho ou quando o Estado deixa de eletrificar determinada comunidade rural, ribeirinha, e desenvolve a mesma eletrificação em uma outra comunidade étnica (SOUZA, 2010, p. 1).

Não há como desvincular o Racismo Institucional da falácia da democracia racial, pois ela faz com que essa concepção de racismo seja desconhecida. O Estado faz parte deste mecanismo do Racismo Institucional, pois o mesmo dá legalidade para que este se estabeleça nas instituições brasileiras.

O Racismo Estrutural é processo histórico e político, pois tem esta base que, indireta ou diretamente, cria condições para que negros e negras sejam discriminados de forma ativa e colocados em situações e ocupações subalternas na sociedade. Segundo Almeida (2020), responsabilizar um setor jurídico ou uma instituição não é o suficiente para que a sociedade pare de reproduzir a desigualdade racial. O problema do racismo está na estrutura histórico-social que infelizmente conduz todos os indivíduos da sociedade.

1.1.2 Racismo Individual

Finalizando as concepções de racismo de Almeida (2020), temos o Racismo Individual. Claramente, tanto o Racismo Estrutural quanto o Institucional não tiram a responsabilidade daquele que é praticado pelos indivíduos. Pelo contrário, é importante entender que o racismo é sim estrutural, não somente atos isolados de indivíduos, porém, “pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas e não é um alibi para racistas.” (ALMEIDA, 2020, p. 50).

Segundo Almeida (2020), a concepção individualista do racismo é quando uma pessoa discrimina outra ou um grupo devido ao seu tom de pele, sendo este ato considerado Racismo Individual, onde essa pessoa é responsabilizada pelo ato racista e responde juridicamente e criminalmente pelo ato.

O mesmo autor (2020) citado acima nos sinaliza que o indivíduo branco, quando criança, pode não entender o que é ser um branco, mas a estrutura da sociedade já o coloca em um lugar de privilégio. Uma criança branca não precisa saber que ela é branca, diferente de uma criança negra, que desde a sua infância já é lembrada de sua cor e o seu “lugar” de ocupação na sociedade.

O problema é que, pelo fato de o Brasil ter uma pluralidade de cores, as pessoas desacreditam na existência do racismo no país. As pessoas acreditam no racismo como xingamentos, ofensas, constrangimentos, brigas e até mesmo morte, vendando seus olhos para o Racismo Estrutural e Institucional. Um exemplo de estrutura racista é: “Qual é a cor daqueles que são suspeitos pela polícia? Por que até hoje o Brasil é governado somente por pessoas brancas?”. Esses são exemplos de perguntas que nos fazem refletir sobre a estrutura social em que vivemos.

Desta forma, o conceito de raça e racismo estão atrelados. Um exemplo disso são as declarações de autores como Gilberto Freyre (1933) em sua obra *Casa Grande e senzala*, na qual afirma que o processo de mestiçagem seria uma forma de obter uma população totalmente branca no futuro, *gerando um povo forte*. Como já foi relatado, obras como a supracitada construíram a ideia de democracia racial, isso graças ao processo de mestiçagem que foi implantado através das formulações dos conceitos sociológicos e científicos de raça (SEYFERTH, 1995).

Como já foi afirmado no texto, a democracia racial é um mito do qual o Estado se beneficia para dizer que não há racismo no Brasil. Na verdade, estamos dentro de uma estrutura racista cheia de facetas que muitas vezes impedem que os brasileiros enxerguem como o racismo está velado dentro da sociedade. O mito da democracia racial é uma forma de manutenção de poder, dando aos brancos domínio sobre a política e economia:

Assim, detêm o poder os grupos que exercem o domínio sobre a organização política e econômica da sociedade. Entretanto, a manutenção deste poder adquirido depende da capacidade do grupo dominante de institucionalizar seus interesses, impondo a toda a sociedade regras, padrões de conduta e modos de racionalidade que tornam ‘normal’ e ‘natural’ o seu domínio (ALMEIDA, 2018, p. 31).

Não há como defender uma ideia de democracia racial com tanta desigualdade social e racial na estrutura do país. Sim, o racismo é algo existente no Brasil e no mundo, sendo ele institucional e estrutural. De acordo com Joel Rufino (1998), o racismo tornou-se um dos filhos do capital, que veio crescendo e sobrevivendo a partir da logística do capitalismo, entretanto, esse pensamento não anula a presença do racismo também nas ideologias socialistas.

Negros e negras começaram a se movimentar de forma política e social para o combate ao racismo no país. Com o passar dos anos, negros articulavam-se dentro de movimentos sociais para defender o problema social estruturado que vivemos que é o Racismo. No tópico a seguir traremos um breve escrito sobre os principais marcos do Movimento Negro na sociedade.

1.2 Movimentos Sociais no Brasil: breves recortes entre os anos de 1970 e 1990

Podemos dizer que “Movimento Social” é um sistema de ações coletivas, singulares e mobilizações de protesto se articulando de forma plural na sociedade, como descreve Melucci⁴ (1989) em seu artigo *Um objetivo para os Movimentos Sociais?*. Para outros autores, como Gohn⁵ (2011), movimentos sociais são ações sociais coletivas que se mobilizam e articulam suas demandas de forma distinta na população. Conforme Alonso⁶ (2009 p. 55), “o Movimento Social são ações coordenadas pelas demandas da sociedade”.

Os movimentos sociais são mobilizações e organizações que sempre existirão e que são atuantes em sociedades que lutam pelas demandas da população, sendo elas relacionadas à moradia, terras, emprego, economia, questões étnico-raciais, gênero e entre outras vertentes de lutas sociais:

Na realidade histórica, os movimentos sempre existiram, e cremos que sempre existirão. Isso porque representam forças sociais organizadas, aglutinam as pessoas não como força-tarefa de ordem numérica, mas como campo de atividades e experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais (GOHN, 2011, p. 336).

De acordo com Alonso (2009), existe uma indagação feita por Melucci (1989) que seria: “Como o ator coletivo é formado ou quais relações e processos levam os indivíduos a se

⁴ Alberto Melucci: Professor do Departamento de Política Social da Universidade dos Estudos de Trento, Itália

⁵ Maria da Glória Gohn: Professora Doutora da Faculdade de Educação da UNICAMP e referência nos estudos de Movimentos Sociais.

⁶ Angela Alonso: Professora Doutora do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo e Pesquisadora do CEBRAP.

envolverem coletivamente numa ação política?”. Essa pergunta também surgiu como dúvida para mim nas leituras sobre o Movimento Social: “como em meio ao regime militar pessoas se organizaram para lutar pelos seus direitos?”. Porém Melucci (1989), já responde às indagações comentando que “a identidade coletiva é uma definição interativa e compartilhada produzida por numerosos indivíduos e relativa às orientações da ação e ao campo de oportunidades e constrangimentos no qual a ação acontece.” (MELUCCI, 1989, p. 342).

Diante das leituras realizadas nos escritos dos autores citados acima, afirmo que os movimentos sociais têm como proposta realizar uma análise e investigação das demandas da sociedade e se articular a partir delas. O objetivo deste tópico é trazer um recorte do Movimento Social no Brasil a partir da década de 1970, onde as organizações sociais, segundo Gohn (2011), cresceram em visibilidade e articulações na população.

Na década de 1970, os movimentos sociais no Brasil ficaram notáveis a partir de suas articulações contra o Regime Militar que estava instalado na política brasileira que, segundo Gohn (2011), até os movimentos de base cristã ficaram conhecidos a partir de sua inspiração na Teologia da Libertação.

Segundo Ilse Sherer-Warren⁷ (2013), na metade dos anos 1970, novos movimentos também entraram em cena, tais como os rurais, lutas feministas, ecologistas, pacifistas e étnicos, que reivindicavam democratizações na política e na sociedade:

O Movimento Social mais significativo pós-golpe militar de 1964 foi o de resistência à ditadura e ao autoritarismo estatal, surgido a partir de várias iniciativas, que congregavam em torno desse objetivo comum de resistência segmentos das camadas populares e intelectuais e artistas (SHERER-WARREN, 2013, p. 9).

De acordo com a autora, alguns desses movimentos tiveram destaque nessa década, sendo eles o movimento feminista com suas lutas contra o patriarcado e o autoritarismo do Estado, movimentos de lutas contra a violação de Direitos Humanos e movimentos negros que tinham com pilar conscientizar a população negra através da identidade racial, evidenciando o racismo na sociedade e sua estrutura.

Todos os movimentos sociais em crescimento nesse período, mesmo com suas temáticas de luta, se colocavam como oposição ao autoritarismo do Estado. Como apontado por Ilse Sherer-Warren (2013), a diretriz desses movimentos era uma autonomia política

⁷ Ilse Sherer-Warren, Doutora em Sociologia, atualmente é professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia Especial, atuando principalmente nos seguintes temas: movimentos sociais, redes, cidadania, globalização, ações coletivas, democracia, participação, exclusão e inclusão social, Direitos Humanos e multiculturalismo. Informações coletadas do Lattes em 15/04/2022.

como organização em luta contra as estruturas governamentais, rejeitando o regime opressor e restritivo a participação da população em totalidade.

Porém, entre os anos de 1980 e 1990, o cenário político do país mudou radicalmente, fazendo com que as mobilizações dos movimentos sociais acendessem, principalmente as manifestações de rua, que se articulavam a partir das visibilidades dos movimentos populares. Isso ocorreu após a queda do Regime Militar político.

A partir dos apontamentos da Ilse Sherer-Warren (2013), dos anos 80 aos anos 90 houve uma transição política para democratizar o Estado. Os movimentos sociais fizeram mobilizações em torno da busca de criação de novos direitos a serem incluídos na nova Constituição Brasileira, pois, em suas palavras, “uma das lutas importantes é pela regulamentação de direitos de direitos a partir da nova Constituição, como, por exemplo, as campanhas das feministas em prol de um novo código civil” (SHERER-WARREN, 2013, p. 11).

O movimento feminista foi um exemplo de lutas importantes naquela época, porém, houveram grandes mobilizações de ONGs, associações e movimentos que, no período entre 87 e 88, encaminharam propostas para inclusão de novos direitos na Constituição Brasileira, que, segundo a autora, foi denominada de “Constituição Cidadã.”. Nesse período, as grandes mobilizações foram realizadas pelo movimento das Diretas Já.

Nos anos de 1990, foram surgindo novas formas de organizações sociais, porém, institucionalizadas. Estas novas formas institucionais foram: Fórum Nacional de Luta pela Moradia e pela Reforma Urbana, Fórum Nacional de Participação Popular. Esses fóruns foram essenciais para o encontro nacional dos movimentos sociais:

Os fóruns estabeleceram a prática de encontros nacionais em larga escala, gerando grandes diagnósticos dos problemas sociais, assim como definindo metas e objetivos estratégicos para solucioná-los. Emergiram várias iniciativas de parceria entre a sociedade civil organizada e o poder público, impulsionadas por políticas estatais, tais como a experiência do Orçamento Participativo, a política de Renda Mínima, Bolsa Escola etc. Todos atuam em questões que dizem respeito à participação dos cidadãos na gestão dos negócios públicos (GOHN, 2011, p. 342).

A partir dos fóruns, foi criada a Central dos Movimentos Populares que, segundo a autora supracitada, foi um fato marcante nos anos 1990 para os movimentos sociais – pois houve uma organização nacional que lutava/luta pelas demandas populares – e que se articulou e formou colaborações entre diferentes tipos de mobilidades sociais, sendo elas populares ou não.

De acordo com Quintão⁸ (2010), no início dos anos de 1990, o Movimento Social Ética na Política foi de grande importância, pois contribuiu para as mobilizações pelo processo democrático contra atos de corrupção cometidos pelo presidente da época, Fernando Collor de Mello. Esse movimento mobilizou diversos estudantes pelo país que ficaram conhecidos como os “Caras-pintadas”, pois os manifestantes pintavam o rosto com tintas retratando as cores da bandeira do Brasil.

Conforme relata Ilse Sherer-Warren (2013), a mobilização da sociedade civil estava em torno do *impeachment* de presidente Collor (1992). Ainda que essas movimentações fossem dirigidas a partir dos partidos políticos, elas tiveram um amplo apoio não somente da juventude “Caras-pintadas”, mas também das ONGs, associações e movimentos daquele período.

Nessa mesma década (1990), na Baixada Fluminense, no município de São João de Meriti, iniciaram-se os movimentos sociais nas escolas chamados UMES (União Meritiense dos Estudantes Secundaristas). Segundo o Líder do Movimento dos anos 90 em SJM, André Luiz de Oliveira:

Antes de o Movimento Social estudantil chegar a São João, os estudantes secundaristas estavam muito jogados, sem direitos públicos na época. Não havia passe livre, não havia grêmios nas escolas. O movimento chegou para lutar pelos estudantes em São João de Meriti. Com a UMES na Cidade de São João, houve a inserção do nosso movimento na UBES (União Brasileira de Estudantes Secundaristas) e na UNE (União Nacional de Estudantes) que nos incentivou as escolas secundaristas a também participar do movimento “Caras pintadas”, mobilizando não somente São João de Meriti, mas também toda a baixada fluminense para lutar contra as corrupções que envolviam o governo de Fernando Collor (Entrevista com André Luiz de Oliveira, 30 de outubro de 2022).

Segundo Gohn (2011), grupos de mulheres também se organizaram entre os anos 1970 e 1990 lutando por seus direitos na política e se articulando diante das frentes de lutas contra discriminação de gênero. Nesta mesma época, houve o movimento Homossexual, que ganhou impulso em suas mobilizações nas ruas; e ocorreu o mesmo com o Movimento Negro que, na década de 70, também se mobilizou atuando na sociedade. De acordo com Ilse Sherer-Warren (2013), que cita Alberti e Pereira (2006):

Simultaneamente às lutas identitárias agregaram-se reivindicações pela democratização na política e na sociedade. Destacam-se o feminismo, com sua luta contra o patriarcalismo e o autoritarismo de Estado; o movimento de direitos

⁸Thales Torres Quintão: Doutor em Ciências políticas pela Universidade Federal de Minas gerais. A referência está no artigo publicado em 2010, pela revista “Toda Via” pela UFRGS, com o título “Os media e a construção dos caras-pintadas”. <https://www.ufrgs.br/revistatodavia/Artigo6%20-%20Revista%20Todavia.pdf>

humanos, com atuações contra a violação dos direitos humanos e civis, contra tortura e pena anistia; o nascente Movimento Negro contemporâneo, desenvolvendo uma consciência ou identidade negra e buscando evidenciar a existência de racismo na sociedade brasileira pela denúncia ao mito da democracia racial (ALBERTI; PEREIRA, 2006 apud ILSE SHERER-WARREN, 2013, p. 11).

A partir dessas novas lutas identitárias, que foram se constituindo e reivindicando seus direitos, o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), que é o ator principal dessa pesquisa, teve seu surgimento a partir dos anos 1970, quando os movimentos sociais estavam organizando-se.

Os movimentos sociais sempre possuíram seu papel essencial na sociedade, organizando-se para lutar pelas demandas sociopolíticas da população. O Movimento Negro, o Movimento LBTQIA+, o Movimento de Mulheres, Movimento dos Sem Terra, Movimento dos Indígenas, entre outros, são movimentos sociais, isto é: fazem parte das ações coletivas da sociedade.

Após dialogar de forma breve sobre os conceitos de raça, racismo e movimentos sociais – o que é importante para entender a pesquisa e em que contexto ela se encontra – iremos, no capítulo a seguir, falar sobre o processo utilizado para o caminho da pesquisa, como chegamos ao tema, aos entrevistados e quais métodos utilizamos para realizar as entrevistas.

CAPÍTULO II – CAMINHOS DA PESQUISA

As pesquisas sobre o Movimento Negro são históricas e dissertadas por muitos, o que é de extrema relevância até os dias atuais. Durante os meus estudos e pesquisas sobre o movimento e alguns de seus recortes no Rio de Janeiro, surgiu um questionamento sobre algumas entidades negras e uma delas é o IPCN. O questionamento surgiu a partir da percepção de que havia poucos escritos sobre uma sede tão importante para o Rio de Janeiro.

A partir disso, percebi que meu objetivo de pesquisa seria o IPCN, e que o objetivo central do meu trabalho tornou-se realizar uma análise sobre o Instituto a partir dos olhares históricos dos seus membros e presidentes. É importante ressaltar que o IPCN não possui somente uma narrativa, cada um dos entrevistados tem seu relato sobre o Instituto, cada um viveu o seu momento naquele espaço. Então, notaremos a seguir informações diversas sobre a construção da sede e sua permanência no Rio de Janeiro.

2.1 Metodologia

A pesquisa tem como centralidade o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, que foi fundado no ano de 1975. Essa trajetória é contada a partir da perspectiva dos interlocutores (entrevistados) que participaram da sua fundação e do seu processo de evolução como uma sede e um movimento histórico no Rio de Janeiro.

A construção da pesquisa não foi um processo individual. Em outras palavras, pessoas fizeram parte da construção destes escritos. Portanto, o IPCN tem uma história, e essas histórias foram construídas a partir das vidas de cada um que passou por este espaço:

A busca do conhecimento é uma atitude essencialmente humana, buscar compreender e dar significado para o mundo e as coisas é uma atitude de fazer parte da essência do ser humano. No entanto, o processo de elaboração de conhecimento sobre o mundo não é um processo individual. Os significados produzidos para que o homem compreenda melhor aquilo que o rodeia foram e são produzidos durante toda história da humanidade (TOZONI-REIS, 2009, p. 41).

Iniciamos o processo da pesquisa fazendo análise bibliográfica, buscando por textos, teses, dissertações, artigos e até livros que nos mostrassem a história do IPCN, sua construção e o envolvimento do Movimento Negro com o Instituto. De acordo com Tozoni-Reis (2009), o levantamento bibliográfico sobre uma determinada teoria é fundamental para o processo de construção da pesquisa, fazendo com que o cientista obtenha um conhecimento mais profundo

sobre o tema, na análise e coleta de dados sobre o objeto de pesquisa. Este processo fez-se importante, já que havia apenas alguns breves escritos sobre o Instituto.

Contudo, tomamos como ponto de partida realizar uma relação entre as pesquisas bibliográficas e documentais com a pesquisa qualitativa. Para que este movimento de relação entre as metodologias aconteça de fato, optamos pela qualitativa, o trabalho de campo e a etnografia, entendendo que os mesmos “não se preocupam com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GOLDENBERG, 2004, p. 14). Na coleta de dados empíricos, fizemos uso da entrevista narrativa com membros e ex-presidentes do Instituto.

As entrevistas que narram descrições sobre os acontecimentos do IPCN são o desenvolvimento central desse trabalho, já que permitem que os entrevistados falem abertamente sobre os fatos da história. A utilização de um roteiro semiestruturado (pré-testado) permite que o andamento da entrevista ocorra de forma mais espontânea. Pode-se, então, pensar a entrevista narrativa enquanto “jogos de linguagem, reciprocidade, intimidade, poder e redes de representação.” (SILVEIRA, 2002, p. 125 *apud* ANDRADE, 2012, p. 176). De acordo com Andrade, a partir das entrevistas as histórias que compõem as narrativas são encontros entre o pesquisador; e os sujeitos que compõem a pesquisa são histórias produzidas pelas vidas de cada sujeito por meio de sua forma de visualizar a construção do mundo.

A partir do objeto de pesquisa, que é o IPCN, utilizamos a técnica metodológica ou método “bola de neve” ou “*snowball*”, que normalmente é usado em pesquisas onde o primeiro entrevistado indica novos possíveis entrevistados e assim sucessivamente, até que se alcance o objetivo proposto (BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 332).

A junção destas formas metodológicas e a abordagem foram mais apropriadas para a problemática de pesquisa, já que se trata de um tema pouco exposto por cientistas do Movimento Negro. Analiso de forma que a completude entre aspectos teóricos e a aplicabilidade “pedagógica” foram a melhor forma metodológica para se abordar e praticar o tema.

2.1.1 O lugar de pesquisa

O campo de pesquisa deste trabalho foi o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN). No entanto, o que há de mais relevante é a história de cada membro que foi entrevistado para a realização deste trabalho. As falas dos membros e ex-presidentes foram

essenciais para esta produção. Inclusive, um dos pedidos de Abigail Paschoa na entrevista é que houvessem mais escritos sobre o IPCN.

Nesta pesquisa, os entrevistados foram Abigail Paschoa, Amauri Mendes Pereira, Adélia Azevedo, Maria Alice e Margareth Ferreira. Abigail, Amauri e Maria Alice são ex-presidentes do Instituto, sendo Abigail a primeira mulher a dirigir como presidenta o IPCN. Há muitos outros membros e ex-presidentes que também são importantes para essa pesquisa, mas não houve tempo hábil para que todos fossem entrevistados. Contudo, estes entrevistados foram indicados uns pelos outros para compor como parte principal desta pesquisa.

2.1.2 Entrevistados



Abigail Paschoa⁹ foi a primeira Presidenta mulher do IPCN. Socióloga, integrante do Partido Comunista Brasileiro, fez parte do crescimento do Movimento Negro Unificado no Rio de Janeiro. Foi pioneira na luta do Movimento Negro e do movimento de mulheres negras no país. Abigail faleceu em novembro de 2020. *Entrevista realizada no dia 26 de outubro de 2020 via Google Meet.*



Adelia Azevedo¹⁰ dos Santos, mulher, negra, feminista, filha de Luiz Bernardino dos Santos e Maria das Dores Azevedo dos Santos. Irmã de Wilson Azevedo dos Santos e neta das mulheres Lucrécia Bernardino dos Santos e Joana Nunes da Conceição. Carioca, nascida no bairro boêmio da Lapa, criada no subúrbio de Inhaúma, atualmente reside em Jacarepaguá, cidade do Rio de Janeiro. Formação acadêmica em Pedagogia, Arteterapia Analítica abordagem Afrocentrada. Pós-graduada em História da África pela Universidade Candido Mendes. Ativista nos movimentos políticos social e negro e mulher. Conselheira Benemerita e fundadora do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos dos Negros (COMDEDINE). Participação de coautoria no livro *NÓS por NÓS*, Editora Conquista/RJ – 2020. *Entrevista realizada no dia 22 de julho 2020 via Google Meet.*

⁹ Imagem e informações usadas pelo site Geledes no artigo sobre o falecimento de Abigail Paschoa. <https://www.geledes.org.br/roberto-freire-divulga-nota-de-pesar-pelo-falecimento-de-abigail-paschoa/>

¹⁰ Imagem do Cultne na TV. Entrevista do dia 4 de outubro de 2016. Ver mais em: www.youtube.com/watch?v=SOIC0Cc9svE

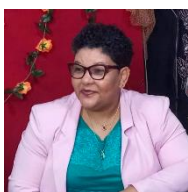


Amauri Mendes Pereira,¹¹ Militante do Movimento Negro. Doutor em Ciências Sociais – PPCIS-UERJ. Mestre em Educação – PPGEduc-UERJ. Especialista em História da África. Professor no DTPE-IE-PPGeduc-UFRRJ. Coordenador do GEPE – Conjuntura Nacional e Luta Contra o Racismo. Foi pesquisador do CEAA-UCAM, diretor da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros – ABPN e presidente do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras – IPCN/RJ.

Entrevista realizada no dia 15 de fevereiro 2021 via Google Meet.



Maria Alice Santos, 84 anos, natural da Capital do Estado de São Paulo. No caminho da vida, veio para o Estado do Rio de Janeiro, onde residiu na Capital e nos municípios de Niterói e São Gonçalo. Atualmente é moradora de Maricá. Maria Alice vem atuando nos Movimentos Sociais há muitos anos. Foi Presidente do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN). Atuou também como presidente da Associação de Moradores da Cidade Nova – RJ (AMORACIN). Foi representante da Escola de Samba Paraíso do Tuiti na Associação Estadual das Escolas de Samba/RJ. Participou do Fórum Estadual das Mulheres Negras e da Associação de Moradores e Amigos do Bairro Santa Paula-Maricá (PS-AMAS). A entrevistada ficou reconhecida nacionalmente por sua trajetória de luta contra a discriminação, sexismo, racismo e em prol da justiça social, por uma sociedade democrática, plurirracial e antirracista. Atualmente, está como idealizadora e coordenadora do Movimento Visibilidade da População Idosa/Negra no IPCN. *Entrevista realizada no dia 17 de agosto 2022 via Google Meet.*



Margareth Ferreira, mãe de dois filhos e avó de uma neta. Fundadora do Afrobuzios – Centro de Cidadania e Pesquisa das Culturas Afro-brasileiras e da Rede Adapo de Povos Tradicionais de Matriz Africana e Rede das Pretas – Coletivo de Mulheres Negras. Atualmente Diretora de Patrimônio do IPCN e Coordenadora Nacional Jurídica e de Matriz Africana do Movimento Negro Unificado (MNU). *Entrevista realizada no dia 16 de novembro de 2022 via Google Meet.*

Todos os entrevistados autorizaram a gravação das conversas para compor a pesquisa aqui descrita. No capítulo a seguir, iremos dialogar diretamente com as entrevistas realizadas

¹¹ Imagem usada pelo site Geledes no artigo de reflexão *Vidas e Lutas na diáspora africana nas Américas*. <https://www.geledes.org.br/vidas-e-lutas-na-diaspora-africana-nas-americas/>

durante a pesquisa. Esse método foi importante para o desenvolvimento da pesquisa, pois os entrevistados trouxeram narrativas vividas sobre o IPCN. Neste mesmo capítulo, trataremos sobre o Movimento Negro e o IPCN apresentando o surgimento do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, o olhar dos entrevistados ativistas sobre o a construção do espaço e suas mobilizações, o movimento de mulheres dentro do IPCN e suas organizações nos dias atuais. Nesse processo, será feita análise na construção do capítulo a partir das temáticas das movimentações do Instituto e do Movimento Negro.

CAPÍTULO III – MOVIMENTO NEGRO E O IPCN: SEU SURGIMENTO, O OLHAR DOS ATIVISTAS E O CONTEXTO

Neste capítulo, começaremos a dialogar com as entrevistas que foram estruturadas ao longo deste trabalho. A partir delas, temos o entendimento que IPCN consolidou e estruturou através do seu espaço físico alguns dos Movimentos Negros existentes no Rio de Janeiro. Dentro desta visão, é possível reconhecer que o IPCN foi o berço e balcão para organizações do Movimento Negro e suas vertentes.

3.1 Breves marcos do Movimento Negro

Mesmo com um discurso de democracia racial no Brasil, na construção política brasileira, as desigualdades raciais e sociais atingem pessoas negras e pobres, dificultando a vida das mesmas na sociedade até a construção de um ser social:

Movimento Negro são apenas, em suma, as ações e organizações que visam explicitamente a combater o racismo e a sua cultura. Essa “cultura do racismo” - e esse é um dos conceitos-chaves – consistiria mesmo na domesticação das expressões culturais e intelectuais da comunidade negra (SANTOS, 1985, p. 14).

O Movimento Negro foi intitulado com esse termo em 1934. Para enfatizar essa fala, Amílcar Araújo Pereira (2010) afirma, pelos escritos de Regina Pahim Pinto e Amauri Mendes Pereira, a seguinte citação:

Vale ressaltar que, segundo Regina Pahim Pinto, o termo “Movimento Negro” apareceu pela primeira vez ainda em 1934, num texto publicado no jornal A Voz da Raça, que era o órgão de divulgação da Frente Negra Brasileira (FNB) [...]. Entretanto, esse termo passou a ser utilizado recorrentemente pelos militantes que se engajaram na luta contra o racismo durante a década de 1970 “para designar o seu conjunto e as suas atividades (PINTO, 1993, p. 213 apud PEREIRA, 2008, p. 26).

Para Joel Rufino dos Santos (1994), tudo o que envolve entidades negras ou grupos de pessoas negras pode ser considerado como Movimento Negro. Não somente considerados, ele afirma que grupos de pessoas negras, sendo mobilizações políticas ou não, constitui o Movimento Negro:

[...] todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo [aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à autodefesa física e cultural do negro], fundadas e promovidas por pretos e negros [...]. Entidades religiosas [como terreiros de candomblé, por exemplo], assistenciais [como as confrarias coloniais],

recreativas [como “clubes de negros”], artísticas [com os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia], culturais [como os diversos “centros de pesquisa”] e políticas [como o Movimento Negro Unificado]; e ações de mobilização política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e ‘folclóricos’ – toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui Movimento Negro (SANTOS, 1994, p. 157).

Na concepção como pesquisadora e atuante dessa escrita, afirmo que o Movimento Negro é uma mobilização racial política e cultural que tem como pauta a luta contra o racismo e sua estrutura na sociedade. Dentro dessa mesma perspectiva de Joel Rufino, vejo que um conjunto de pessoas negras em práticas sociais, culturais ou políticas é um movimento de resistência, sendo assim, um movimento de articulações negras. Mas, em concordância com Petrônio Domingues (2007), essas definições são consideradas problemáticas, pois iria se fazer necessário dialogar com diversas temáticas negras nessa pesquisa para dar validação a essa definição:

Se consideram como Movimento Negro todos os movimentos que organizem em qualquer tempo e aspecto sob qualquer rubrica descendentes de africanos no Brasil, neste artigo estariam faltando, entre outros temas, a história das irmandades negras, dos terreiros de candomblé, da capoeira ou das escolas de samba (DOMINGUES, 2007, p. 102).

Para Lélia Gonzalez, não há uma visão única sobre Movimento Negro, há uma multiplicidade variante. O não há como definir o Movimento Negro somente como um ator político, ou apenas como um ator cultural e muito menos somente como um ator social. Segundo Lélia Gonzalez (2022):

Na verdade, falar do Movimento Negro implica tratar de um tema cuja complexidade, dada a multiplicidade de suas variantes, não permite uma visão unitária. Afinal, nós, negros, não constituímos um bloco monolítico, de características rígidas e imutáveis (GONZALEZ, 2022, p. 25).

Segundo Pereira (2008), o Movimento Negro se construiu a partir das mobilizações de grupos negros que estavam constituídos nos anos de 1970. Esse processo partiu das descobertas do “ser negro” e como isso é visto dentro de uma sociedade racista, desconstruindo uma identidade imposta e construindo uma identidade racial como afro-brasileiros. O mesmo movimento, constituído a partir das mobilizações, foi estimulado por intelectuais negros na luta contra o racismo dando um novo significado à palavra negro, ressignificando até mesmo a identidade racial para forma positiva em ser negro.

Existe uma variante para a constituição do Movimento Negro, mas se faz importante afirmar que existe uma diversidade e uma organização dentro do movimento e através dele. Um exemplo disso é o próprio Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, ele é uma organização dentro do Movimento Negro. Cada organização tem sua singularidade em suas articulações. Segundo Lélia Gonzalez, em seu livro *Lugar de negro* (2022), em parceria com Carlos Hasenbalg, existe uma complexidade ao falar de Movimento Negro, pois, dentro dele, há especificidades no seu modo de articulação. Dentro do movimento encontram-se “movimentos” e organizações que se estruturaram durante os anos.

Durante os anos trinta, o Movimento Negro político passou a se mobilizar a partir de jornais negros no Brasil – jornais de denúncias e até mesmo de informações sobre interesses dos negros que não havia em nenhum outro lugar. Através dessas mobilizações, o Movimento Negro teve um grande salto, que foi a fundação da Frente Negra no Brasil (FNB) em 1931.

A FNB foi uma entidade que tinha preestabelecido a conquista dos negros em setores de ascensão da sociedade. Foi uma das primeiras organizações de pessoas negras no século XX a lutar pela igualdade racial e presença de negros na sociedade. A Frente Negra no Brasil transformou-se em um partido político constituído apenas por pessoas negras ressaltando a importância dos negros, participando dos processos eleitorais do país, porém, foi destituída na vigência do golpe de 1937¹². Entretanto, não podemos deixar de relatar que foi uma das organizações políticas mais deliberadas na construção de uma democracia racial (GOMES, 2017).

Na vigência do Estado Novo (1937-1945), novos grupos articulavam-se como continuação do Movimento Negro. Um dos principais grupos constituídos naquela época foi a União dos Homens de Cor (UHC), fundado em Porto Alegre em 1943. Segundo Joselina da Silva (2003) em seus escritos sobre essa organização citada e os aspectos do Movimento Negro nos anos 40 e 50:

Esta rede foi fundada em Porto Alegre, em janeiro de 1943, por João Cabral Alves, que segundo seu estatuto era farmacêutico e articulista. Além dele, assinavam o documento de inauguração mais seis pessoas, sendo cinco homens e uma mulher, com profissões que variavam entre médico, advogados, funcionários públicos e uma doméstica. A UHC contava, cinco anos após sua fundação, com representação em pelo menos onze estados do país: Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Espírito Santo, Piauí e Paraná (Nosso Jornal, Curitiba, Ano II, nº 75, março, 1948) (SILVA, 2003, p. 225).

¹² O Golpe de 1937 – Período de regime autoritário no país conhecido como Estado Novo.

De acordo com Domingues (2005), a finalidade ascender o nível intelectual e econômico dos negros no Brasil - atuando em debates de imprensas nos territórios, assistência educacional, médica e jurídica e até mesmo participação em campanhas eleitorais – é de extrema importância para o marco dos movimentos. O grupo articulou-se nacionalmente ocupando territórios pelo Brasil tendo como diretoria chefes municipais das capitais do país.

Em 1944, grupos como Teatro Experimental do Negro (TEN), dirigido por Abdias do Nascimento, surge com a proposta de valorizar as pessoas negras socialmente e também a cultura Afro-brasileira. A proposta do TEN foi a exaltação e reconhecimento da cultura africana no Brasil. A estreia da primeira peça teatral foi em 8 de maio de 1945, em que o TEN abordava em suas apresentações questões políticas da negritude e também do movimento político/estético. Infelizmente, o teatro sofreu com problemas financeiros na década de 60 e o “movimento” Teatro Experimental do Negro foi totalmente extinto do País quando Abdias foi para os Estados Unidos devido a um autoexílio após a implementação da Ditadura Militar em 1964 (DOMINGUES, 2007).

É importante relatar que agrupamentos de formação do movimento foram completamente extintos quando regimes autoritários se instalaram no país. Esses regimes tinham como defesa uma política de Estado mínimo e controle de ordem dos corpos (GOMES, 2017).

No ano de 1975, foi fundado o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), cuja fundação foi de suma importância para a sociedade naquela atual conjuntura, abrigando de forma social e educativa jovens, mulheres e até mesmo o próprio Movimento Negro Unificado e a consolidação dele. O IPCN é a história da estabilização da luta dos negros no Rio de Janeiro. Grandes movimentos como o Movimento de Mulheres Negras no Rio de Janeiro iniciaram utilizando os espaços do IPCN.

Naquela conjuntura, unificar os jovens negros para denunciar o racismo na sociedade faz com que surja o Instituto de Pesquisas das Culturas das Negras (IPCN) fundado em 1975. De acordo com Domingues (2009), o IPCN foi a primeira organização com sede própria na cidade do Rio de Janeiro, sendo um lugar onde a juventude negra se reunia, um lugar repleto de cursos como danças, pré-vestibular social, cursos de línguas, história e culturas. A partir disso, o Movimento Negro se fazia presente naquele lugar, se construindo ali, criando forças políticas e até mesmo sociais para a vivência na sociedade.

Assim como a Frente Negra no Brasil, a União dos Homens de Cor, o Teatro Experimental do Negro, entre outros agrupamentos importantes na construção dos governos

instalados no Brasil, que foram um grande salto qualitativo na sociedade, podemos dizer que a construção do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras também foi uma organização de deliberação para o movimento.

Nos anos 70, dentro da época de fundação do IPCN, acontecia uma reunião de rearticulação do Movimento Negro no país. Algumas entidades negras e grupos reuniram-se para articular uma organização nomeada como Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCD). Dessa reunião, saiu a primeira atividade, que foi o ato público contra a discriminação racial que aconteceu na época, sendo o IPCN uma das associações que se movimentou em apoio ao ato:

O Movimento Negro unificado no Rio de Janeiro, não constituído através do IPCN. O Movimento Negro unificado surge de fato da articulação, da intensificação e da força da militância negra em São Paulo. (Entrevista com Amauri Mendes Pereira, 15 de fevereiro de 2021).

Assim como o Movimento Negro ajudou na consolidação e fundação do IPCN, podemos dizer que o IPCN foi uma das associações que deu seu total apoio à formação de um dos maiores grupos organizados de luta contra o racismo no Brasil, que é consistente até os dias de hoje na sociedade Brasileira: o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCD) – que não foi constituído no IPCN, porém, segundo informações descritas pelos entrevistados deste trabalho, os membros do MNUCD, Rio de Janeiro, usaram aquele espaço para articulações daquela organização.

A primeira entrevistada neste trabalho foi a integrante do IPCN, Adélia Azevedo, que diz uma frase que se repetiu de formas diferentes em outras entrevistas: “A verdade é a verdade de quem escreve”. Essa fala de Adélia leva-nos a refletir bastante na construção do Movimento Negro e suas organizações. Um exemplo disto é a construção do IPCN, pois cada autor que escreve sobre Movimento Negro e passa pelo IPCN lê o mesmo de uma forma distinta. Portanto, cada um tem sua narrativa sobre o Instituto e não será diferente na construção desse trabalho.

De acordo Joel Rufino Santos¹³ (1988), o surgimento do IPCN como uma organização do Movimento Negro é exemplar no Rio de Janeiro, alegando que o IPCN foi constituído por

¹³ Joel Rufino, carioca, filho de pernambucanos e morador de Cascadura. Foi historiador formado pela UFRJ, professor e escritor. Também coordenador no ISER, programa “Quanto vale uma criança Negra?”; Diretor do museu histórico da Cidade do Rio de Janeiro; Presidente da Fundação Cultural Palmares (MINC), entre outros cargos, os quais podem ser encontrados na sua biografia registrada no site: <http://www.joelrufinodossantos.com.br/>

filhos de Xangô, diferentes uns dos outros, mas que cada um colocou naquele espaço um pedaço do seu axé.

Segundo Santos (1988), sambistas e universitários da Candido Mendes organizaram-se às sombras do Teatro Opinião, organizados com a SINBA (Sociedade de Intercâmbio Brasil – África). Foi então que constituíram o IPCN com objetivos declarados, sendo estes: (1) Resgatar os valores afro-brasileiros; (2) Possibilitar a organização dos negros com o fito de combater a situação de cidadãos de segunda classe a que têm sido relegados; e (3) Lutar contra a colonização cultural que os tem envolvido. Em entrevista com Amauri Mendes Pereira, ele descreveu o surgimento do Instituto com informações parecidas com as de Joel Rufino:

Já havia espaços onde negros eram acolhidos. A maioria evidentemente ainda rejeitava, mas já havia alguns espaços. Um deles foi o centro de estudos afro asiáticos, onde começou a articulação que levou a SINBA. No centro de estudos afro asiáticos, que conheci pessoas que viviam na cruzada São Sebastião, em favelas no centro do Rio, que moravam na zona sul, negros que moravam lá e negros que moravam na zona norte, na zona oeste que é o meu caso, de outras regiões do Rio de Janeiro se conheceram no centro de estudos afro asiáticos. Saíram do centro de estudos afro-asiáticos e criaram a SINBA. Logo depois uma parte desse grupo que criou a SINBA, não se sente confortável com esta nova direção que está sendo imprimida por membros da SINBA (Entrevista com Amauri Mendes Pereira, 30 de janeiro de 2021).

Contudo, Amauri Mendes Pereira detalhou mais sobre o SINBA, explicando como foi a sua chegada na sociedade e como procedeu ao momento que logo iria fundir. Todavia, logo depois, relatou sobre a fusão de liderança em dois grupos: Filhos de Ghandi e SINBA, então veio o surgimento do IPCN:

A capoeira era muito forte, visitávamos muitos espaços de capoeira, era o mundo que eu vivia na época. E o afoxé Filhos de Ghandi, nós passamos ajudar regularmente. Toda semana Filhos de Ghandi faziam festa, ali no centro do Rio. E a frequência ali era sempre do mesmo pessoal, do pessoal de candomblé. Aos poucos a frequência dos filhos de Ghandi foi aumentando e toda semana aconteciam festas, pois tinha público e público era a juventude negra que não conhecia manifestações culturais de matriz africana e iam todos para lá e lotava, conseguíamos colocar bastante gente. E nos tornamos dirigentes dos Filhos de Ghandi e membros da SINBA. Então esse tipo de situação, não era confortável para uma militância preta e jovem que preferia ou que cuja vivência era principalmente estar junto com artistas, em museus, exposições de artes, falando com imprensa, com cineastas. Então é como se fossem dois mundos muito diferentes, que quando o IPCN é constituído, ele é constituído por esse grupo (Entrevista com Amauri Mendes Pereira, 30 de janeiro 2021).

Segundo o autor Pereira (2007), no seu livro *A história do Movimento Negro no Brasil*, a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (SINBA) foi fundada por Amauri Mendes Pereira, que veio um ano antes do IPCN. Na visão de Amauri, a SINBA foi criada por uma militância jovem e, em um determinado momento na história, ela passou a ser hegemônica por um grupo que era do subúrbio – inclusive, esse grupo tinha como direção Iedo Ferreira, que também foi um dos fundadores do IPCN. Segundo Amauri Mendes Pereira:

Em dado momento, a SINBA passou a ser hegemônica mesmo por um determinado grupo que era o grupo do subúrbio. E esse grupo que a direção era do Iedo Ferreira, que era o mais experiente, era o único que tinha vivência de organização política. Ele disse que precisávamos estar juntos nas manifestações culturais e juntos em espaços onde tinha a maioria de negros, essa era a visão do Iedo. (Entrevista com Amauri Mendes Pereira, 30 de janeiro 2021).

Como foi descrito, Iedo Ferreira¹⁴ era o mais experiente com visões políticas. Ele articulava o grupo a se mobilizar com frentes que dialogassem com as políticas dos negros naquela ocasião. Nessa perspectiva, surgiu o IPCN – esse mesmo grupo aos poucos se afastou da SINBA e fundou uma nova organização do Movimento Negro o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, tendo Benedito Sérgio como presidente, sendo ele uma referência, já que conseguia dialogar e articular com artistas famosos da época. Para Amauri, essa é a visão de surgimento do IPCN.

Adélia Azevedo foi uma das pessoas que também formou o grupo de membros do IPCN, porém, ela relatou que chegou em 1978. Ela descreveu a fundação do IPCN como algo feito somente por homens do então cenário do Movimento Negro, os quais se reuniram, compraram uma casa em 1977 e definiram que ali deveria ser o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, no qual nenhuma mulher fez parte como fundadora.

O IPCN tem uma coisa muito e não é nem engraçada, mas é uma coisa muito característica daquela época, porém não muito diferente de hoje. Na fundação do IPCN parece que só tem uma mulher no grupo dos fundadores, todos são homens. (...) “E foi um grupo de homens, todos classe média, que resolveram comprar a casa. Não sei detalhes desse primeiro financiamento, eles que conseguiram o financiamento e compraram aquela casa. E ali, eles definiram que deveria ser um Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN). (Entrevista com Adélia Azevedo, 22 de julho 2020).

¹⁴ Iedo Ferreira, nascido na Cidade de Santo Amaro da Purificação no Estado da Bahia, se mudou com sua família para o Rio de Janeiro onde foi criado. Iedo foi militante comunista, trabalhou para os correios e também para o telégrafo. Com sua vasta experiência como militante, ele participou da fundação de grandes entidades negras na década de 1970, sendo elas a SINBA, IPCN e MNU. Descrição baseada no Livro *Histórias do Movimento Negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*, por Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira.

No entanto, Adélia Azevedo reconhece que o IPCN tem uma forte interferência política no Rio de Janeiro, o que era importante para a formação da militância. De acordo com a entrevistada, o IPCN tinha um braço forte que era a Universidade Cândido Mendes, citada anteriormente por Joel Rufino. A UCAM¹⁵ tinha um Centro de Estudos Afro-Asiáticos¹⁶ que era dirigido por uma pessoa Africana, amigo dos fundadores do IPCN. O Afro-Asiático se tornou outro ponto de encontro que reunia também os intelectuais negros da época:

Eu digo que vivi o IPCN intensamente pois quase todos os dias tínhamos discussões em torno da África e tinha também um braço bem forte que era na Universidade Candido Mendes, que tinha o Centro de Estudos Afro-Asiáticos com o professor José Maria que era uma pessoa africana, se não me engano de Angola e estava aqui no Brasil. Veio para cá neste processo de exílio de lá para cá e se juntou ao pessoal. Era muito amigo dos fundadores do IPCN, então o Afro Asiático era um outro ponto de encontro, da grande intelectualidade negra da época. (Entrevista com Adélia Azevedo, 22 de julho 2020).

Os membros do IPCN falavam de negro, ouviam histórias sobre a África e história do racismo no Brasil. Segundo Adélia Azevedo, isso era um bom caminho, porque, a partir disso, os negros iam para luta contextualizando toda a história com um olhar negro. Para a entrevistada, o surgimento do IPCN teve uma divisão de gênero, mas que a sua interferência política foi essencial para a permanência dele nas frentes de luta.

Abigail Paschoa também fez parte da nossa lista de entrevistados, no entanto, infelizmente ela faleceu em novembro de 2020, porém, Abigail foi de extrema importância para o IPCN, sendo ela uma das presidentes do Instituto. Ela descreve que o IPCN foi o braço político para o Movimento Negro. Sendo iniciado como um movimento de Artistas da Universidade Candido Mendes, o IPCN passou por reuniões no Teatro Opinião e se constituiu como uma das primeiras instituições negras a ter casa própria:

O IPCN era o braço político do Movimento Negro. Porque, como todo movimento, ele é feito de altos e baixos. Na época de 60/70... nos anos de 60,70, que há um ressurgimento do Movimento Negro. Começa como um surgimento cultural. Então a importância do IPCN, é que ele nasce nacionalmente como um braço político. Tínhamos uma influência em todo território nacional, todos eventos nacionais o IPCN estava presente. (Entrevista com Abigail Paschoa, 26 de outubro de 2020).

¹⁵ UCAM: Universidade Candido Mendes, fica localizada no Rio de Janeiro, no bairro de Ipanema. Ela é uma instituição privada de Ensino Superior.

¹⁶ Segundo o *site* da Universidade Candido Mendes, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos foi um espaço de estudos de ciências humanas que se dedicou a pesquisas sociais, intercâmbios com países africanos, ofereceu cursos de pós-graduação e extensão para estudantes de graduação: “O CEAA nos anos 1980 e 1990 foi um dos mais reconhecidos centros de ciências humanas fora do Brasil. (Descrito no site do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ da Universidade Candido Mendes.)”. Fonte: <https://www.iuperj.org/centro-de-estudos-afro-asiaticos/>

Para Abigail, o surgimento do IPCN foi cultural, nasceu nacionalmente como um braço político, sendo influente em todo o território brasileiro, pois o IPCN participava de todos os eventos nacionais de movimentos sociais e negros. Ela afirma que o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras era realmente um Movimento Negro, na verdade, uma organização do Movimento Negro, da política dos negros, sendo ele uma entidade de luta pela igualdade e contra o racismo. O IPCN passou do discurso ressentido para uma posição mais avançada na luta, conquistando o seu lugar na sociedade brasileira.

Maria Alice Santos também foi uma das entrevistadas desta pesquisa. Ela nos relatou que foi presidente do IPCN e que não participou do surgimento da sede, mas, como presidente, ajudou em sua reconstrução quando o Instituto teve seus bens roubados. Ela chegou ao espaço após um Encontro de Mulheres Negras na Faculdade Bennett no Flamengo.

O IPCN é um organismo vivo, então cada um que passa por ele, sendo membro ou fundador, tem uma forma de compreender e vivenciar sua existência. Essas variações são importantes e contemplam a formação viva do Instituto, portanto, cada um dos entrevistados tem uma vivência e experiência diferente com aquele espaço, pois “na verdade, talvez, não deveríamos falar de realidade e sim de realidades, no plural. O mundo se apresenta com uma nova face cada vez que mudamos nossas perspectivas sobre ele. Conforme a nossa intenção ele se revela de um jeito” (DUARTE, 1984, p. 11).

3.2 Atividades do IPCN

O IPCN traz uma pluralidade de atuações naquele espaço desde os eventos do próprio Instituto até as atividades que eram abertas para a comunidade. Segundo Azevedo (2020), tudo o que havia dentro do IPCN era aberto não somente para membros, mas também para toda a comunidade ao redor. As aulas de dança afro são uma prova de que as atividades eram abertas para todos:

Chegando no final da década de 80 para 90 o IPCN vem com atividades. Claro, ele foi espaço no início da década de 80 para as aulas de danças afro da Bailarina Jurandir Palmas. Então Jurandir ocupava o espaço e com muita gente fazendo aula de dança era um momento em que a casa estava aberta para comunidade. Não era uma coisa fechada só para os membros do IPCN. (Entrevista com Adélia Azevedo, 22 de julho 2020).

As atividades do IPCN eram abertas para toda comunidade, e, consequentemente, o lugar tornou-se cada vez mais frequentado. Com o sucesso das aulas de dança, outro

dançarino foi para lá ajudar com as atividades. Com o passar do tempo, os membros da sede montaram uma biblioteca no local, já que era um instituto de pesquisas, portanto, entendiam que precisavam de um lugar específico para os estudos:

Tinha uma biblioteca, o IPCN montou uma biblioteca. Como era uma casa de pesquisa, merecia ter uma biblioteca específica. Essa biblioteca também era aberta a comunidade ao entorno que utilizava aquele espaço para estudos. (Entrevista com Adélia Azevedo, 22 de julho 2020).

Na perspectiva de Adélia Azevedo, essas programações foram muito importantes para o IPCN, mas houve uma falha: para a mesma, a grande falha dos membros foi não manter as atividades que aconteciam ali. Essas atividades poderiam ter dado continuidade ao Instituto, o que os daria um referencial de quem eles eram.

Segundo o Boletim¹⁷ do IPCN referente ao mês de julho de 1976, o instituto promoveu, em abril de 1976, o I Seminário de Cinema Brasileiro e Cultura Negra. O evento ocorreu em convênio com a Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM)¹⁸. Assim, aqueles que participaram tiveram acesso a diversos curtas-metragens que abordavam a temática racial e o cinema. De acordo com o Boletim, o objetivo era promover discussões sobre a cultura negra e o cinema brasileiro.

Então, os filmes exibidos nesse seminário foram “Sai dessa Exu e Candomblé” e “Exu Mangueira” (dirigido pelo Cineasta Jom Azulay), os quais eram representativos para os debates sobre o assunto religião – debates esses promovidos pelos cineastas Jom Azulay, Braulino Nascimento e Alexandre dos Santos, que faziam parte do Museu de Arte e Folclore – e para promover a discussão com os convidados.

Na temática sobre artes, foram reproduzidos os filmes realizados por Vera Figueiredo, intitulados de “Alma no olho” e “Artesanato do Samba”. Para debates sobre história houve a reprodução de “Aruanda e Zumbi dos Palmares”, que, segundo o Boletim, teve a participação da professora Beatriz Nascimento Gomes como analista do filme para conduzir o debate. Para a temática do folclore, foram exibidos os filmes “Chico Rei” e “Festar da Bahia de Oxalá”. Por fim, no quesito manifestação cultural, houve a exibição dos filmes “Partido Alto” e

¹⁷ O IPCN mensalmente lançava boletins sobre sua atuação e atividades dentro e fora da sede. Esses boletins tinham informações das atividades atuais, as que foram e as que ainda seriam promovidas. Sem contar anúncios como classificados, notícias, conteúdos de artes e processos para filiação ao Instituto. Vide nos Anexos desta dissertação uma cópia do boletim, lançado em julho de 1976.

¹⁸ Museu de Arte Moderna (MAM). Localizado no Centro do Rio de Janeiro. Segundo o *site* do museu, o MAM foi fundado em 1948 e é uma instituição de referência para arte e cultura do país, contendo coleções relevantes de arte moderna e contemporânea da América Latina. Ver mais em: <https://mam.rio/sobre/>

“Gafieira”, que foram debatidos por Rubem Confete (Jornalista e Compositor) e Edgar Barbosa (Compositor e Fundador da Império Serrano).

De acordo com o Boletim do IPCN (1976), esse seminário teve uma ampla divulgação na empresa. Em parceria com a Embrafilme¹⁹, houve um levantamento da filmografia onde mais de mil filmes foram analisados e apenas dez foram escolhidos para serem exibidos, pois eram os únicos que tinham temas relativos à participação da cultura negra. Todos os filmes escolhidos foram divididos por assuntos como religião, artes, história e manifestação cultural. Os convidados para os debates das metragens eram “especialistas” nas temáticas abordadas pelos filmes.

Para o IPCN, esse seminário foi de extrema importância, pois, segundo o Boletim, foi a partir daqueles dias de debates sobre os filmes que se sentiram habilitados para recomendação de um reposicionamento da produção cinematográfica referente ao negro. O IPCN considera que essa produção intelectual e cinematográfica “expressa o desenvolvimento cultural, social, político e econômico da população negra no Brasil”. (BOLETIM IPCN, 1976 s/p). Tal evento contribuiria para um desenvolvimento melhorado das relações culturais e raciais entre as pessoas do nosso país. O I Seminário de Cinema Brasileiro e Cultura Negra foi necessário para se pensar na cultura negra nas cinematografias do Brasil.

Além disso, o Instituto também realizou atividades como conferências e debates, sendo uma delas a Palestra da Diretoria do IPCN em São Gonçalo, que, segundo o Boletim de 1976, propiciou a criação do CEBA (Centro de Estudos Brasil-África). Outras atividades fora da sede também eram divulgadas pelo Boletim do IPCN, como a Palestra com os Compositores Candeia e Rubem Confete no Teatro Opinião, com a exibição do curta-metragem “Partida Alto”.

O IPCN durante um dia da semana exibia filmes com temáticas negras para que houvesse debates entre os participantes. Muitos desses filmes não eram reproduzidos na sede, os quais tiveram sua projeção na Cinemateca do MAM, como “A Rainha Diaba”, “Compasso de Espera” e os filmes já descritos acima em relação ao Seminário Cinema Brasileiro e Cultura Negra.

Ademais, outra atividade social que também tinha a participação do IPCN foi o almoço de confraternização realizado no ACRIAPI²⁰, em Del Castilho. Foi realizada também

¹⁹ Foi uma empresa estatal que tinha suas atividades entre os anos de 1969 a 1990. O Embrafilme foi fundamental para difusão e produção do cinema na década de 70 e 80 no Brasil.

²⁰ ACRIAPI: Associação Cultural e Recreativa do IAPI. Localizada no Rio de Janeiro, no bairro de Del Castilho, fundada em 1971. ACRIAPI tinha como atividade principal ser clube social e esportivo para a comunidade ao redor.

a ceia de natal oferecida pelo Instituto às famílias dos associados e amigos. O Instituto também participou do coquetel comemorativo do aniversário da Independência do Senegal.

Ainda, de acordo com o Boletim de julho de 1976, esses eventos foram organizados durante os anos de 1975 e 1976, sendo então comemorado 1º ano de IPCN – esse Boletim de junho era o número 3 do volume 1. Como já relatado, o IPCN foi fundado no ano de 1975, no dia 8 de julho, mas o Boletim nos informa que antes mesmo da oficialização o IPCN já desenvolvia atividades como debates públicos; ainda, os membros participaram não só da primeira semana do Negro realizada na Universidade Federal Fluminense (UFF)²¹ como também de atos públicos, sendo um deles a comemoração da Independência de Moçambique, entre outras atividades com a temática racial.

O IPCN também realizou algumas atividades de pesquisa como entrevista com Otacílio Galdino e levantamento de dados sobre as religiões brasileiras oriundas de África, junto com o Museu de Arte e Folclore do Rio de Janeiro e o Adido Cultural do Senegal. Também foi feito projeto de pesquisa sobre o Jongo e suas origens e pesquisas sobre levantamento dos estoques raciais no Brasil e expressões populares de uso corrente, denotativas de discriminação racial. Essas foram uma das atividades de pesquisa dos anos de 1975 e 1976.

O IPCN aderiu ao SOS Racismo, que foi um projeto desenvolvido pelo Instituto na gestão de Januário Garcia como meio de denunciar atos racistas na sociedade. Segundo Maria Alice, o IPCN acolheu diversas pessoas que foram atacadas nesse sentido nas ruas, nas associações e nos espaços sociais:

O SOS Racismo foi um projeto que denunciava questões de racismo e que atuava não somente na denúncia, mas também no desenvolvimento da denúncia. Implantar o SOS Racismo para ser um espaço de denúncia foi muito importante, porque muitas situações foram resolvidas através desse projeto. (Entrevista com Maria Alice, 17 de agosto 2022).

O IPCN participou/coordenou a Marcha do Centenário da Abolição em 1988, que, de acordo com a entrevistada Maria Alice Santos, as articulações dessa marcha foram levadas para as comunidades do Rio de Janeiro como forma de propostas. As reuniões dessa iniciativa eram realizadas no espaço do IPCN. A entrevistada citada acima nos relatou que Amauri Mendes Pereira era o representante responsável pelas propostas e articulações dessa marcha.

²¹ UFF – Universidade Federal Fluminense. Localizada no Rio de Janeiro.

Conforme foi falado por Maria Alice Santos, o Instituto também participou das Diretas Já²², propondo a redemocratização do Brasil. IPCN estava lá, mais uma vez com o Amauri Mendes Pereira como representante, para falar no grande comício. Os membros e sócios se mobilizaram até para revistar bueiros próximos ao palanque, pois, estavam com medo de possíveis atentados:

As Diretas Já, Amauri foi nosso representante no grande comício. A fala de Amauri teve uma repercussão até internacional. Você vê porque sou tão orgulhosa com esse meu povo. Imagina botar um negro ali para falar para um milhão de pessoas ali na avenida. Nós fomos revistar bueiros ali nas proximidades do palanque com medo de atentados. Essa ação não foi só do IPCN, foi de todo Movimento Negro social. Mas nós estávamos ali. (Entrevista com Maria Alice, 17 de agosto 2022).

O IPCN fez parte da história da mudança do sistema político do Brasil como um Instituto que participou da luta e das movimentações, atuando ativamente naquele momento que foi histórico, de forma nacional e internacional, como mencionado pela entrevistada Maria Alice Santos: *“Estávamos lá! Estávamos na luta pela mudança do regime.”* (Entrevista com Maria Alice, 17 de agosto 2022).

Foi desenvolvido pelo IPCN o curso de preparação de vestibular para negros e negras, com isso, muitos alunos frequentaram aquele espaço se preparando para as universidades – importante relatar que esse vestibular era para negros e negras. Abigail Paschoa relata que os membros do IPCN também tinham suas atividades políticas. Eles participaram dos debates sobre o que seria a Constituição e viajavam pelo país, principalmente para Brasília, para expor as demandas necessárias para constituinte:

Nós participamos dos primeiros debates do que seria a Constituição. Nós tínhamos um companheiro de São Paulo, Hélio Santos, ele veio ao IPCN para perguntar quais eram nossas demandas para a assembleia constituinte. Caó (Carlos Alberto), também foi ouvir nossas demandas para a assembleia. Eu viajava com os outros companheiros, principalmente com Paulo Roberto, para Brasília semanalmente. (Entrevista com Abigail Paschoa, 26 de outubro de 2020).

Os membros do IPCN tinham rotinas semanais políticas, os quais estavam envolvidos em preparar demandas do Instituto para a Constituição, demandas essas que eram relacionadas a questões raciais, à personalidade negra, pois assim era formada a representatividade dos negros entre os jovens. “Uma das diligências dos membros era a preparação de jovens negros ingressando nas universidades, trazendo a cultura negra para os

²² Diretas Já – Movimento de cunho político/popular, organizado durante a Ditadura Militar, onde o povo foi para as ruas no ano de 1983 propondo a volta da redemocratização do Brasil, pedindo a retomada das eleições presidenciais.

espaços acadêmicos. O Instituto também tinha uma boa relação com artistas negros e com políticos importantes como André Negreiros e Edson Santos, tais relações eram essenciais para que as demandas do IPCN fossem ouvidas com mais destaque.” (Abigail Paschoa. 2020).

O Instituto participou junto com Carlos Alves Moura²³ na Fundação Cultural Palmares²⁴. Onde, semanalmente, eram discutidas em Brasília demandas do que seria a fundação. Segundo a entrevistada, Abdias do Nascimento²⁵ fez parte desses debates de formatação da Fundação Palmares, e, logo após os dias em Brasília, todos voltavam para o IPCN para discutir todas as demandas como um corpo coletivo. Abigail (2020) relatou que essas atividades eram uma das coisas boas que aconteciam no IPCN, sendo ele sede e movimento político.

3.2.1 Consolidação da sede do IPCN e de outros movimentos

Assim como diversos espaços de movimentos sociais, o IPCN passou pelo momento de luta por sua sede. Segundo o entrevistado Amauri Mendes, o IPCN nunca deixou de ser uma luta intensa, foi um desafio comprar a sede e também fazer dali o espaço do Movimento Negro IPCN. De 1976 a 1977, Benedito²⁶ Sérgio foi o presidente do IPCN, até então o Instituto não possuía uma sede própria. Foi realizado um projeto para a compra do Instituto, sendo essa iniciativa levada até a um órgão americano. Diante de um cenário que ainda havia um recrutamento para Ditadura Militar, envolver-se em lutas relacionadas ao Movimento Negro ou até mesmo o Movimento Social era uma forma de lutar contra tudo o que estava acontecendo no país. Diante disso, havia repressões em cima dos militantes. Segundo Amauri Mendes Pereira:

É feito um projeto para o IPCN comprar uma sede e esse projeto é levado à fundação Inter Americana, que é um órgão do congresso norte americano. É uma fundação oficial do governo dos Estados Unidos, do estado norte americano. E essa fundação, através de uma pessoa eminente que era um jogador de basquete na época,

²³ Carlos Alves Moura foi o fundador e primeiro presidente da Fundação Cultural Palmares em 1988.

²⁴ Fundação Cultural Palmares é uma Instituição Pública criada para proteção e preservação de valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira. Foi fundada pelo Governo Federal no dia 22 de agosto de 1988. Veja mais em: <https://www.palmares.gov.br/>

²⁵ Abdias do Nascimento: um dos pioneiros do teatro brasileiro. Criou o Teatro Experimental do Negro, em 1944. Foi deputado Federal entre os anos de 1983 e 1987 e senador nos anos de 1977 e 1999 pelo Rio de Janeiro. Abdias fundou o IPEAFRO em 1981. Foi indicado ao prêmio Nobel da Paz em 1978 e 2010. Retirado do livro *O genocídio do Negro Brasileiro* (1977).

²⁶ Benedito Sérgio de Almeida Alves: Presidente do IPCN, teve sua trajetória no período de 1976 a 1977, quando o IPCN ainda não tinha sede própria, sendo ele o presidente que assinou para a compra da mesma no Rio de Janeiro. Com a reatividade de membros da Ditadura Militar, Benedito teve que abandonar o Rio de Janeiro por conta do seu trabalho. (Informações retirada da entrevista com Amauri Mendes).

veio ao Brasil e faz contato com alguns militantes do IPCN que eram muito visíveis na época, e o Benedito Sérgio concorda em fazer esse projeto e fazer a compra da sede do IPCN. Foi uma luta para comprar essa sede, primeiro porquê... veja bem, Gabrielle. Estamos em 1975,76,77 é um período de recrutamento da ditadura militar. Alguns grupos militares entendiam que não era mais possível continuar a longo tempo e outros a que achavam ao contrário, que tinha que fechar tudo a ferro e fogo. (Entrevista com Amauri Mendes Pereira, janeiro 2021).

O espaço passou por tensões de lutas até mesmo coma repressão da Ditadura Militar para ser comprado e para permanecer. Mesmo nesse cenário, Benedito Sérgio assume e assina os documentos, sendo assim, adquiriu a quantia em dinheiro necessária e comprou a sede. Todavia, dentro do IPCN existia uma militância partidária que, diante de um cenário de Ditadura Militar, era completamente contra a compra da sede com dinheiro norte-americano. Contudo, essas lutas foram necessárias para a constituição do IPCN:

O Benedito Sérgio de Almeida Alves, é o grande visionário que não tem medo disso. Ele simplesmente assume, vai lá e assina o papel e pega essa grana. Vai lá e compra essa sede. Eu li diversas atas daquele período, onde que se mostra aquilo que você falou, muita luta interna. (Entrevista com Amauri Mendes Pereira, janeiro 2021).

O presidente do IPCN, naquela época, era também funcionário público como engenheiro do IBGE e, infelizmente, foi pressionado pelo seu trabalho, pois, como um funcionário oficial, ele movimentou situações fora do sistema a que estava inserido, sendo esse movimento identificado por agentes que estavam a serviço da repressão da Ditadura Militar. Por conta disso, Bendito Sérgio precisou abandonar o Rio de Janeiro, e, por estar sendo vigiado, não pôde contar a ninguém o que estava ocorrendo. E isso trouxe mais tensão aos membros e a diretoria do IPCN que acabaram “deixando o lugar”:

Ele é pressionado no trabalho dele, ele é engenheiro no IBGE na época. E no IBGE ele é pressionado, porque ele sendo um funcionário oficial ele fez um movimento complementemente fora e isso foi identificado por agentes da repressão e então na pressão ele teve que deixar o Rio de Janeiro. Ele não poderia continuar à frente do IPCN. E isso resultou em prejuízos, tanto no ponto de vista material, tanto espiritual, imagina a criação dele, tudo que ele investiu de energia. (Entrevista com Amauri Mendes Pereira, janeiro 2021).

A diretoria do IPCN não sabia o que tinha realmente acontecido. Em um tempo de repressão, Bendito Sérgio teve que se mudar às pressas, e como estava sendo vigiado pelos agentes, ele não poderia ir até os membros contar o que estava acontecendo. Essa situação acabou afastando os membros do espaço. A sede acabou ficando vazia devido a esse acontecimento.

Após uma reunião do MNU²⁷ em São Paulo, Amauri e Iedo voltam com a missão de organizar uma assembleia nacional do MNU no Rio de Janeiro. Eles queriam organizar essa assembleia no IPCN, mas ainda não eram membros do lugar, no entanto iriam tentar um diálogo com a direção para tentar organizar. Segundo Amauri:

Com uma sede própria, lugar velho precisando de obras no centro do Rio de Janeiro, rapidamente foi ocupada. Então quando chegamos lá, Iedo Ferreira e eu. No dia 25 de julho, nós voltamos de São Paulo daquela assembleia do MNU do dia 23 de julho, que não foi nacional. Voltamos com um mandado para organizar a assembleia nacional do MNU no Rio de Janeiro. E onde iríamos organizar? No IPCN, só que o IPCN tem dono, mas não somos do IPCN. A missão minha e do Iedo era tentar dialogar com a direção e informar sobre a assembleia daqui a 1 mês e meio. (Entrevista com Amauri Mendes Pereira, janeiro 2021).

De acordo com as entrevistas, quando Iedo Ferreira e Amauri Mendes Pereira chegaram ao IPCN, encontraram as salas da sede ocupadas por trabalhadores informais que usavam o espaço para empreendimentos. Segundo Amauri, uma das salas estava ocupada por um salão de beleza:

Quando chegamos lá, o que havia era, tinha uma pessoa, chamado Joinha. Me parece que era um bom cabeleireiro e tinha uma freguesia enorme. Ele simplesmente chegou lá, assumiu uma sala do IPCN, decorou a sala que por sinal estava muito bonita. Um espaço cheio de espelhos, negócio bonito e se tornou o cabeleireiro Joinha. (Entrevista com Amauri Mendes Pereira, janeiro 2021).

O IPCN também estava ocupado por uma Agência de Transportes. O empreendedor dessa agência era um dos membros do IPCN que utilizou daquele espaço como um meio para abrir a sua empresa de transportes rápidos no centro do Rio de Janeiro:

Ele viu também que o IPCN estava invadido e ele agenciava carretos, ele tinha uma kombi e fazia carretos no centro do Rio. E aos poucos o que ele decidiu pegar o seu lugar, ocupou uma sala e passou agenciar transportes tanto dele, tanto esses transportes mais rápidos, mais baratos. Ele (o membro) começou a fazer isso. (Entrevista com Amauri Mendes Pereira, janeiro 2021).

Na entrevista, Amauri Mendes Pereira expressou que encontrar o IPCN daquela forma não foi tão agradável, mas foi preciso intervir no que estava acontecendo, e convencer as pessoas que tinham ocupado aquele espaço não foi uma tarefa fácil, já que tinham se estabelecido ali. Foram diversas lutas diferentes para a construção e permanência do IPCN.

²⁷ MNU – Movimento Negro Unificado. Fundado em junho de 1978, é um dos movimentos sociais pioneiros na luta do Povo negro contra o racismo. O MNU teve seu marco nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo em pleno Regime Militar, no dia 7 de julho de 1978. Fonte: <https://mnu.org.br/mnu/>

Foi preciso colocar novas portas, fazer uma lavagem e limpeza no local e organizar as salas, e só então começou um novo processo para uma nova diretoria:

Chegamos, resolvemos intervir isso, porque o IPCN não era isso. E foi uma luta difícil demais... Daí você imagina que havia muitas lutas até que a gente conseguisse marcar. Tivemos que colocar uma porta nova, pois já não tinha mais porta. A porta de ferro do IPCN é uma porta comprada de uma demolição, de uma obra ao lado. Porque o IPCN estava sem porta, até então não precisava de porta. (Entrevista com Amauri Mendes Pereira, janeiro 2021).

No ano de 1992 e 1993, Amauri Mendes Pereira assumiu a direção do Instituto. Nesse tempo da nova diretoria, o IPCN começou a apoiar jovens na construção de um futuro profissional. De acordo com o relato do entrevistado, existia uma jovem que conseguiu realizar um curso de chefe de cozinha. Ela nunca tinha sido aceita para o tal curso, mas, com a mobilização do Instituto, ela conseguiu o curso:

Teve uma jovem que conseguiu graças ao apoio do IPCN fazer um curso de chefe de cozinha. Ela nunca tinha sido aceita, já está a quase 10 anos tentando e já iria fazer 40 na época. E ela era uma cozinheira que trabalhou em grandes hotéis, mas não conseguia o espaço de chefe. Só conseguia a elite, porque ela não conseguia entrar nesses cursos. Daí faço uma carta caprichada, tiramos fotos dela, um book. E com aquilo ali ela e com várias assinaturas, inclusive de artistas ela pega aquilo ali e conseguiu entrar no curso. E o tempo que ela fez o curso, ela fez um jantar, era sexta negra no IPCN. Ela fazia comidas, era sempre debates que se encerravam em comes e bebes. Bom, durante um longo tempo conseguimos fazer isso no IPCN. (Entrevista com Amauri Mendes Pereira, janeiro 2021).

Cerca de doze ou treze anos atrás, Maria Alice Santos foi presidente do IPCN, e sua volta para aquele espaço também foi uma retomada de luta pela sede. A entrevistada considerou-se guardiã daquele patrimônio, já que era a nova diretora da Instituição e precisava cuidar daquele lugar e de sua estrutura:

Nesse momento, eu sou a guardiã de um patrimônio, um dos patrimônios mais importantes na mudança da questão do negro nesse país, e fui. Quando eu cheguei, o IPCN não tinha porta, não tinha mais janela, porque ele foi roubado, portas e janelas roubadas por pessoas que venderam para comprar drogas. (Entrevista com Maria Alice, 17 de agosto 2022).

Segundo a entrevistada Maria Alice Santos, foi preciso lutar por aquele espaço, pois, como antes relatado por Amauri, novamente a sede – por estar sem movimentação de pessoas pertencentes aquele espaço – foi invadida novamente por um grupo contra o qual fez-se necessária a força policial para que os membros do IPCN voltassem à atividade naquele espaço:

Nós tínhamos que preservar, foi nessa condição que eu entrei presidente do IPCN e o IPCN precisava de mim, precisava desses meus amigos todos, nós éramos dez pessoas. Nós fomos, lutamos até contra pessoas que estavam invadindo a nossa sede. [...]. Eu e meus parceiros, nós fomos para a delegacia, fizemos boletim de ocorrência e tal, meu amigo que já foi, era da polícia civil, aí ele não usou inicialmente da sua condição de policial, ele usou a condição de militante. Eu achei isso da parte dele fantástico. [...]. Aí fiquei na delegacia e ele foi lá. Aí voltou e disse “ó, eles vão sair, tá? Estão se preparando para sair. (Entrevista com Maria Alice, 17 de agosto 2022).

Esses eventos fizeram parte da consolidação do IPCN. Não só a jovem que entrou para o curso, como foi relatado pelo entrevistado Amauri Mendes Pereira, mas o IPCN acolheu outros grupos que aproveitavam o espaço e lutaram por ele, como os membros companheiros de Maria Alice Santos. Todos esses movimentos de diversos grupos dentro da sede consolidam na prática o movimento, isto é, cada grupo faz uma coisa e movimenta o espaço. Essas lutas conseguiram construir também a ideia de unidade com diversidade, mas com fins comuns e estratégicos para a construção coletiva do que era/é o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras.

Os registros das entrevistas demonstram a identificação de que um dos maiores movimentos unificados, o MNU, se consolidou através de um espaço reconhecido pelos entrevistados como “balcão”²⁸ e “berço”²⁹ de alguns movimentos. Para Adélia Azevedo, o IPCN foi o berço de muitos movimentos sociais no Rio de Janeiro, logo, para Amauri Mendes Pereira, o IPCN foi um balcão em que alguns chegavam e pediam informações e essas mesmas informações impulsionavam a formar novas iniciativas. De acordo com Maria Alice Santos, o IPCN foi um lugar que formou dirigentes das novas movimentações negras que construíram novos espaços de luta.

Podemos afirmar que movimentos se consolidaram através do espaço físico do IPCN, sendo um deles o Criola³⁰. Inicialmente, a ONG Criola, de mulheres negras, era um projeto do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP)³¹. De acordo com Amauri Mendes Pereira, em um determinado momento houve uma divergência entre o CEAP e a ONG, porém, Criola já tinha um financiamento:

²⁸ Balcão: Segundo os entrevistados, essa palavra foi usada para dizer que o lugar foi um centro de informações.

²⁹ Berço: Adélia utilizou essa palavra para descrever lugar de acolhimento inicial.

³⁰ ONG Criola é uma organização criada para defesa e promoção dos direitos das mulheres. Fundada em 1992, a Organização vem reafirmando que a ação transformadora das mulheres negras é essencial para o bem viver de toda a sociedade. Fonte: <https://criola.org.br/quem-somos/>

³¹ Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP) é uma organização que atua no combate contra o racismo e à intolerância religiosa.

...elas já tinham um financiamento, já estavam se estruturando, mas, não tinham ainda um local. Elas saíram do CEAP e pediram para passar um tempo no IPCN, para guardar uns documentos e fazer reuniões. (Entrevista com Amauri Mendes Pereira, janeiro 2021).

O entrevistado relatou que o IPCN acolheu inteiramente a ONG, onde as mulheres elas receberam o apoio que precisavam e tornaram-se algo maior ainda, o que atualmente é a ONG de Mulheres Negras no Rio de Janeiro. A organização tem uma sede própria que está situada na região central do Rio de Janeiro, acolhendo mulheres negras cis e trans para uma melhor vivência na sociedade.

3.2.2 Movimento Negro como um Educador

A educação é um fenômeno social que tem como base o ato do ensino, de transpor novos saberes na formação de um ser. Arrisco-me a dizer que ela não está ligada somente ao ambiente escolar como parece; a educação tem meios de se processar diante da sociedade. Para mim, ela é um método de transferência de novos saberes, um método de nos fazer enxergar o mundo além do que nos é imposto ou comum.

Para Érika Dias³² e Fátima Cunha F. Pinto³³, o processo educativo não é idêntico, na verdade ele varia em cada meio social, e mesmo sendo ele constante na história da sociedade é influenciado pelas transformações dos tempos. Para elas:

A educação é, portanto, um processo social que se enquadra numa certa concepção de mundo, concepção esta que estabelece os fins a serem atingidos pelo processo educativo em concordância com as ideias dominantes numa dada sociedade. A educação não pode ser entendida de maneira fragmentada, ou como uma abstração válida para qualquer tempo e lugar, mas, sim, como uma prática social, situada historicamente, numa determinada realidade (PINTO; DIAS, 2019, p. 449).

Segundo Bordieu (1987), a educação é uma ferramenta de transformação social. É dessa forma que apresento o Movimento Negro e o IPCN: como um ator e produtor de educação. A ideia de Movimentos e Organizações como agentes educadores não tem a ver com a reprodução de desigualdades, como afirma Bordieu (1992) sobre os ambientes de

³² Segundo Scielo: Érika Dias é Doutora em História Moderna pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Editora da Revista Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação; pesquisadora correspondente do Centro de História de Humanidades da UNL e consultora da Unesco Brasil no âmbito do Projeto Resgate Barão do Rio Branco. Ver mais em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/MGwkqfpsmJsgjDcWdqhZFks/?lang=pt#ModalTutors>

³³ Segundo Scielo: Fátima Cunha Ferreira Pinto é Doutora em Filosofia, com Pós-Doutorado pela Universidad Nacional de Educación a Distancia. Editora da Revista Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação; assessora Especial da Presidência e dos Projetos Especiais da Fundação Cesgranrio; membra da Academia Brasileira de Educação (ABE) e da Academia Fluminense de Letras (AFL). Ver mais em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/MGwkqfpsmJsgjDcWdqhZFks/?lang=pt#ModalTutors>

ensino como as escolas, mas, sim, como uma esfera de proporcionar saberes que vão contra a essas reproduções que afetam a sociedade que a tornam desigual nas intersecções de classe, raça e gênero.

A partir dos escritos nos capítulos anteriores, sobre alguns históricos do Movimento Negro e como foram influenciadores de massas em cada momento da sociedade, ressignificando a ideia de raça e politizando uma multidão de negros. (GOMES, 2017). A mobilização dos negros gerou na sociedade marcas de luta, bem como sua emancipação, fazendo com que pessoas não fossem mais passivas no enfrentamento ao racismo e na construção de uma estrutura social racista.

Segundo Hanchard (2001), o processo de construção cultural no Brasil determinou uma hegemonia racial que se materializou e impossibilitou a identificação racial para os negros no país. Para o autor, os discursos populares descritos por uma classe dominante conjugaram a ideia de que existia/existe uma harmonia racial, impedindo um avanço da luta política negra. Porém, os movimentos tentavam se consolidar a cada momento histórico. Eles trocavam a interface dos nomes, mas continuavam resistindo como movimento, “educando” politicamente e racialmente outros negros pelo país.

De acordo com Gomes (2017), o Movimento Negro é um ator político e um educador que produz, constrói, sistematiza e articula saberes que foram produzidos pelos negros ao longo da trajetória brasileira. A autora corrobora que o Movimento Negro é um trabalho que passa de pessoa para pessoa, de lar para lar, de escola para escola etc. Tudo isso através de representações de negros e negras na formação de uma nova política emancipatória.

O Movimento Negro como um Educador perpassa por situações históricas e renova a visão do ser para tornar-se negro, que, segundo Santos (1983, p.12), os negros estavam “afastados de seus valores originais, representados fundamentalmente por sua herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente.”. Acredito no movimento como um referencial educador que ajuda/ajudou a muitos negros e negras a promover o abandono do “figurino branco” e lutar contra um sistema que nos “veste” de branco para ser aceitos socialmente.

Segundo Rufino (1994), “qualquer” junção de pessoas negras na sociedade é um tipo de movimento de resistência, então, podemos considerar que o movimento é como a educação que perpassa pelas vidas negras e que, de alguma forma, resiste pelos anos e através das mudanças sociais as quais vivemos.

Como parte de uma estrutura de movimento que educa e transforma, temos a entrevistada Maria Alice Santos que nos relata como o Movimento Negro, principalmente o que se reunia dentro do IPCN, transformou e educou sua vida, não somente como Movimento Social, mas, também como família:

O IPCN contribuiu muito na formação de pessoas e inclusive na minha. Para mim o IPCN foi um renascimento como pessoa e como militante. Aprendi tudo no IPCN. Quando saí da minha cidade e vim para o Rio de Janeiro, eu vim com o objetivo de construir minha família, quando eu vou para o Movimento Negro, quando eu vou para o IPCN eu percebo que minha família é muito mais ampla. E foi no IPCN que eu tive essa oportunidade, por isso essa nega chegou até aqui. (Entrevista com Maria Alice, 17 de agosto 2022).

O IPCN foi um lugar de construção de saberes para os entrevistados. Como descrito anteriormente, com base no Boletim, o Instituto tinha um papel crucial de apresentar à comunidade negra as questões sobre as relações raciais. Isso era desenvolvido através de cine debates, palestras, aulas públicas e conversas. Os saberes eram expostos dessa forma para os membros e convidados:

A compreensão dos saberes produzidos, articulados e sistematizados pelo Movimento Negro tem a capacidade de subverter a teoria educacional, construir a pedagogia das ausências e das emergências, repensar a escola, descolonizar os currículos. Ela poderá nos levar ao necessário movimento de descolonização do conhecimento (GOMES, 2017, p. 139).

As articulações realizadas no Instituto são capazes de tornar o conhecimento do ser mais amplo e muito mais crítico. Maria Alice Santos chegou ao IPCN apenas para participar das festas com o grupo de Afoxé e, depois de viver alguns momentos ali e ser acolhida por Adélia Azevedo, começou a conhecer os estudos sobre as questões raciais e sociais.

A partir disso, afirmo que o Movimento Negro e suas organizações têm a capacidade de direcionar de forma crucial o âmbito educacional – não digo Educação Básica ou acadêmica e científica, mas, sim, educação social, partindo do ponto de vista que os saberes são diversos e que eles são agentes educadores da população. Segundo Gohn (2011), os movimentos sociais são capazes de produzir aprendizagens e saberes:

Desde logo esclareço: para nós a educação não se resume à educação escolar, realizada na escola propriamente dita. Há aprendizagens e produção de saberes em outros espaços, aqui denominados de educação não-formal. Portanto, trabalha-se com uma concepção ampla de educação. Um dos exemplos de outros espaços educativos é a participação social em movimentos e ações coletivas, a qual gera aprendizagens e saberes (GOHN, 2011, p. 333).

Percebo que há um cunho educativo em participar das práticas dos movimentos sociais. Para Gomes (2017), o Movimento Negro é capaz de produzir uma pedagogia pós-abissal³⁴, através do reconhecimento do Movimento Negro como um produtor de saberes, que coloca nossos pensamentos em construção epistêmica.

O IPCN não é uma escola ou ambiente educacional padrão. Mesmo que entrevistados como Adélia Azevedo e Maria Alice usem o termo “escola” para falar sobre as mudanças que o Instituto trouxe para elas, o IPCN é um espaço, uma organização - que afirmo como educador - ser um lugar de diversos saberes, sendo eles inesgotáveis como retrata Boaventura de Souza Santos. O Movimento Negro e organizações como o IPCN geram aprendizagens e novos saberes, então volto a afirmar a partir da concepção do que é educação: eles são educadores!

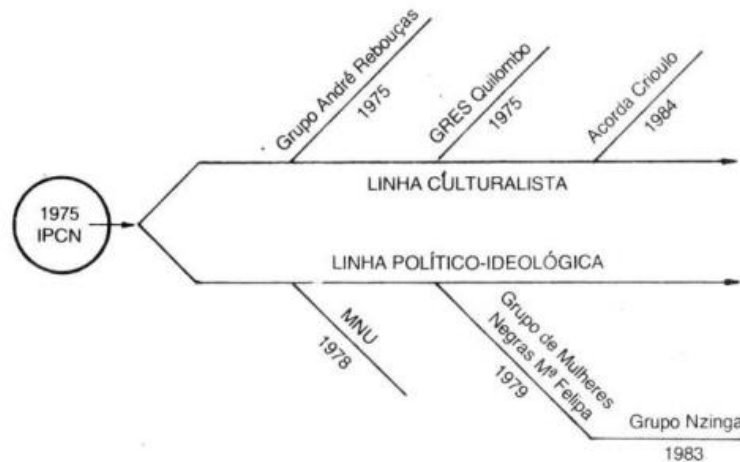
3.2.3 Linhas do IPCN, segundo Joel Rufino dos Santos

O Instituto de Pesquisas das Culturas Negras era o único que tinha um espaço próprio, o que influenciou diretamente na construção de novos grupos de movimentos sociais no Rio de Janeiro. Abigail Paschoa relatou na sua entrevista que o espaço do IPCN foi, muitas vezes, cedido para outras organizações se estruturarem ou para guardarem materiais de divulgação e publicação.

A sede do IPCN foi um lugar de diversos debates e lutas sociais, porém, membros e organizações também divergiam no que acreditavam quanto às pautas das causas que defendiam. Segundo Santos (1985), o IPCN gerou linhas divergentes que constituíram outras Instituições, algumas delas seguiram “linhas culturalistas” e outras “político-ideológicas” como mostra o gráfico abaixo que foi produzido pelo autor.

³⁴ Pós-Abissal: termo utilizado pelo sociólogo e professor Boaventura de Souza Santos para dizer que a diversidade de saberes é inesgotável, vai além de um só “saber”, ou de uma só verdade.

Gráfico nº 1



Fonte: Comunicação Iser Edição 28³⁵

O Grupo André Rebouças foi uma organização de negros que tinha como proposta intervir intelectualmente nas universidades, atuando nas salas de aula com professores e com o movimento estudantil. Por quase 20 anos, esse grupo desenvolveu intensas atividades de pesquisas, enquadrando categorias de ações políticas negras mais amplas (SILVA, 2018).

Segundo Treece (2018), GRES Quilombo, também fundado em 1975, foi uma escola de Samba que surgiu com o intuito de resgatar os valores do samba que, segundo seus fundadores Candeia, Nei Lopes, Wilson Moreira e Mestre Darcy do Jongo, estavam sendo perdidos em meio ao Carnaval.

O Movimento Negro Unificado (MNU) surgiu quando representantes de diversas entidades se juntaram para combater uma discriminação racial sofrida por um grupo infantil de garotos do Time Tietê de Voleibol e também a prisão e tortura que levou à morte de Robson Silveira da Luz por ter sido acusado de roubo de frutas em uma feira em São Paulo (JARDIM, 2012). Outro grupo também formado foi o Nzinga de Mulheres Negras, um movimento de mulheres periféricas que teve Lélia Gonzalez como fundadora. Importante relatar também sobre o Aqualtune, que foi um grupo de mulheres que divergiu a partir de debates no IPCN. No capítulo mais à frente, descreveremos mais sobre este grupo formado por Pedrina de Deus. Esses grupos formaram-se a partir de linhas divergentes de debates dentro do IPCN:

³⁵ Disponível em: https://www.iser.org.br/wp-content/uploads/2020/07/comunicacoes-28_compressed.pdf

Linha culturalista não são consideradas, no discurso predominante, a rigor, como Movimento Negro, mas, como já se disse, algo assim como um híbrido, em parte filhas da cultura do racismo. Da linha político-ideológica saíram, para começar, em 1978, o Movimento Negro Unificado (MNU), de implantação nacional; o Grupo de Mulheres Negras Maria Felipa, 1979; e o Grupo Nzinga de Mulheres Negras, 1983, entre outros. No Rio de Janeiro, como em São Paulo, e, logo depois, em outras capitais, o Movimento Negro explícito, centrado na luta organizada contra o racismo, reagiria em cadeia (SANTOS, 1985, p. 14).

Segundo Santos (1985), o IPCN constituiu outros movimentos, dividindo os mesmos em linhas de discursos culturais e políticos. Todavia, o Instituto teve sua história com um permanente conflito entre a esquerda orgânica e os marxistas em geral. As duas linhas de discurso estavam presentes, o que era importante para a construção de um Movimento Negro político.

A partir dessas representações de consolidação de movimentos afirmamos, novamente, que o IPCN foi um balcão e um berço para o Movimento Negro no Rio de Janeiro, recebendo, enviando e formando pessoas social e politicamente, onde, através desse espaço, possibilitou a estruturação e formação de outros movimentos negros políticos na cidade:

O IPCN é exemplo bem-sucedido de Movimento Negro explícito- bem-sucedido porque, num quadro de alta rotatividade institucional, conseguiu sobreviver dez anos, e explícito porque se consagra abertamente à luta contra o racismo e sua cultura, aí incluídos os "grupos específicos" (essas aglutinações de negros pobres com caráter exclusivamente "cultural", como são, por exemplo, um terreiro de Candomblé e um bloco carnavalesco). As vicissitudes da história do IPCN, não por acaso, são as típicas dos movimentos sociais de feição política: a fragmentação, a mobilização restrita, os equívocos estratégicos, a cooptação partidária etc., que aqui deixamos apenas indicadas (SANTOS, 1985, p. 16).

O IPCN impulsionou, acolheu e formou pessoas, possibilitando que as mesmas formassem outras para movimentos políticos de permanência, o que atualmente é uma realidade nas organizações que foram consolidadas pelo espaço do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras.

3.3 Um olhar sobre Mulheres Negras nas décadas de 70 e 80

Podemos dizer que o Movimento Negro, em suas fases na instalação no Brasil, foi um movimento majoritariamente dirigido por homens. Segundo Santos (2009), é na década de 70 que mulheres negras começaram a argumentar sobre sua atuação dentro do Movimento Negro. É possível, portanto, observar que a década de 70 foi bem decisiva para o Movimento Negro, para as associações de frentes negras e para as mulheres.

Segundo Lemos (1997), as mulheres negras começaram a criticar suas posições dentro do movimento, opondo-se ao machismo e ao sexismo que vinham sendo reproduzidos por parte dos seus colegas militantes. Porém, elas já estavam se organizando, produzindo atividades em que elas se incluíam com as demandas diretamente relacionadas às mulheres. De acordo com Santos:

Tentavam organizar no interior do movimento suas próprias atividades, o que causava as mais diversas reações negativas por parte dos homens negros, tais como a ocupação intencional por parte destes das salas de reuniões nos dias em que as mulheres tinham suas atividades programadas (LEMOS, 2007, p. 277).

Situações como essas criaram desconforto dentro do movimento, a ponto de os homens negros acusarem as mulheres de iniciarem uma militância que se opunha às causas pelas quais eles lutavam. Apoiados nessas reações, Lemos (1997) relata que os homens eram cada vez mais agressivos nas falas contra os encontros e atividades das mulheres negras, julgando-os como eventos de práticas homossexuais que atrapalhariam as relações afetivas entre homens e mulheres. Segundo Lélia Gonzalez (1982):

[...] O atraso de alguns manifestou-se num tipo de moralismo calvinista e machista, que caracterizava o quanto se sentiam ameaçados pela capacidade e sensibilidade das companheiras mais brilhantes; em seus comentários, falavam de mal-amadas e coisas que tais (baixaria mesmo) (GONZALEZ, 1982, p. 35).

No livro *Lugar de Negro*, de Lélia Gonzalez em parceria com Carlos Hansenbalg, ela nos relata sobre a rotina do Movimento Negro e que, mesmo que homens negros estivessem em luta contra o racismo, isso não os impedia de reproduzir opressões sociais como o machismo. Foi a partir disso que mulheres negras se reuniam separadamente, debatiam suas pautas e traziam para o movimento.

Em meio a muitas conquistas de consolidação do Movimento Negro, mulheres negras lutavam por sua posição de fala e contra o machismo, sexismo e até mesmo o assédio praticado por seus companheiros militantes. Em meio às eventuais divergências entre ambos os gêneros no movimento, elas se articulavam para ter a sua própria organização (SANTOS, 2009).

As mulheres negras sofriam duplicadamente, tanto por carregarem o estigma do racismo quanto por terem também que lidar com o machismo e o sexismo. Elas viviam esses dois tipos de conflitos na sociedade e ainda teriam que lutar contra a homofobia, nos casos das homossexuais. A luta das mulheres não era apenas contra as questões raciais, mas também

contra diversos preconceitos da sociedade que marginaliza e estereotipa o corpo feminino (MOREIRA, 2007).

3.3.1 Algumas das movimentações das Mulheres Negras no RJ

Segundo, Rodrigues e Prado (2010), o ano de 1975 é marcado pelo reaparecimento das organizações feministas no Brasil, e, logo no ano de 1978, é criado o Movimento Negro Unificado em São Paulo. Para os autores, esses marcos foram importantes para a consolidação do movimento de mulheres negras no Brasil. Porém, segundo a entrevistada Adélia Azevedo, o movimento de mulheres negras já tinha iniciado dentro do IPCN:

O IPCN foi o acender para o desejo de começar uma organização feminina negra, ou melhor, feminista negra. Ali nós começamos a discutir alguns problemas que na época eram bem efervescentes. A questão da empregada doméstica, daí agora temos aquela morte da criança lá em Recife que ainda impera, quer dizer a madame não respeita a empregada. Então é isso, para nós o IPCN era o berço para as discussões femininas, pois naquela época a maioria das mulheres eram empregadas domésticas. (Entrevista com Adélia Azevedo, 22 de julho 2020).

Embora os debates feministas já fossem dialogados pela Organização das Nações Unidas (ONU), na década de 70, foi nos anos 80 que essas discussões foram observadas no Brasil, tendo debates em diversas cidades sobre os direitos das mulheres, estimulando diferentes criações de diferentes grupos, organizando mulheres no país (SILVA, 2014).

Entre as décadas de 70 e 80, temos o surgimento de diversos grupos feministas organizados no país. Em 1975, temos o Centro da Mulher Brasileira (CMB) no Rio de Janeiro; em 1979, o Coletivo de Mulheres, criado depois de conflitos no CMB; e em 1981 o SOS Mulheres (SILVA, 2014). Dessas cisões dentro do movimento de mulheres surgem as pautas das mulheres negras, conforme foi relatado na citação anterior pela entrevistada Adélia. Em outras palavras: as mulheres negras já se organizavam desde o Movimento Negro.

De acordo com Santos (2009), nos anos 70, as mulheres negras já questionavam sua participação no Movimento Negro exigindo papéis mais ativos na luta política. A partir disso, elas já se organizavam, separando-se do Movimento Negro e unindo-se ao movimento feminista, que, por sua vez, ainda na década de 70, sapara-se desse grupo, pois perceberam que as demandas feministas eram diferentes das demandas das mulheres negras.

Em 1983, ocorreu o Encontro de Mulheres Negras organizado pelo Grupo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro (GMN). Segundo a entrevistada Adélia Azevedo, criadora do GMN

– com o apoio de Abigail Paschoa, Joselina da Silva, Maria Alice, Mary Isabel e Vik Birkbeck –, esse grupo foi consolidado dentro do IPCN e discutia suas demandas no Rio de Janeiro. Segundo Joselina da Silva (2014), nesse mesmo ano, surgiu o Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras, que foi coordenado por Lélia Gonzales; logo após, é criado o Centro de Mulheres de Favela e Periferia.

No ano de 1987, temos o I Encontro Estadual de Mulheres Negras, que tinha como prioridade vetar a participação de homens e mulheres brancas. Esse foi o primeiro encontro em que, majoritariamente, mulheres negras construíram e participaram. Essa atividade já era para articulação dessas mesmas no Encontro Nacional. Então, após o Encontro Estadual, a comissão organizadora foi para o IX Encontro Nacional Feminista em Pernambuco, onde essas mesmas mulheres perceberam que as discussões das pautas que envolviam suas causas não eram debatidas. Foi sugerido à liderança daquele encontro uma oficina para visibilizar as mulheres negras e suas ocorrências naquele espaço de articulações e debates. As mulheres negras do Rio de Janeiro tinham ido a esse encontro para estimular, articular e organizar um Encontro Nacional de Mulheres Negras (SILVA, 2014).

A ida ao Encontro Nacional Feminista em 1985 foi importante para organização do Encontro Nacional de Mulheres Negras no Rio de Janeiro. De acordo com Azevedo (2020), esse encontro foi articulado também nas dependências do IPCN, cujo espaço era utilizado para as articulações das mulheres negras. A comissão desse encontro passou a participar da organização do Encontro Nacional, o que foi uma experiência nova para elas, pois nenhuma tinha vivido experiência como aquela.

Após reuniões nacionais em determinados Estados do Brasil, foi realizado, em 1988, no Estado do Rio de Janeiro em Valença, o I Encontro Nacional de Mulheres Negras. Conforme os escritos de Silva (2014), intuito do Encontro Nacional era realocar e debater as questões de gênero e raça no cenário político do Brasil, fazendo denúncias e ampliando o olhar sobre sexismo e racismo no país. Também era alvo dessas mulheres debater as desigualdades sociais a partir do olhar das mulheres negras. As pautas de reivindicações do evento tinham a ver com as visões ideológicas não atingidas por outros movimentos.

3.3.2 Mulheres Negras no IPCN

O IPCN sempre teve o apoio de uma mulher na fundação. Segundo a entrevistada Abigail Paschoa, as companheiras dos fundadores não frequentavam a casa, somente a

“Márcia” fez parte da fundação do IPCN. O primeiro grupo de mulheres negras (GMN) foi fortalecido dentro do IPCN. De acordo com Abigail Paschoa:

O primeiro grupo que não se fala muito GMN estava Adélia, estava a Jô e quase todas do IPCN. Começamos a nos fortalecer lá. Fomos ao Encontro Latino Americano Caribenho de Mulheres Negras. Trouxemos outro encontro para cá. Mas não conseguimos que mulheres negras participassem em totalidade, porque outras instituições aceitaram um alto preço que a comissão organizadora pediu para adentrar ao encontro, cobrando 50 dólares. Eu achei um abuso. Eu nem fui. Trazemos para cá o encontro e tivemos dificuldades para aparecer. (Entrevista com Abigail Paschoa, 26 de outubro 2020).

A entrevistada relata que o IPCN fez parte de tudo isso, pois era naquele espaço, com mulheres membras do Instituto, que tudo era articulado e organizado. A mesma relata que, após o encontro Latino Americano e Caribenho de Mulheres Negras, surgiu um grupo dentro do Instituto chamado IPCN Mulher:

Na volta deste encontro surgiu o grupo de mulheres IPCN, o IPCN Mulher. Porque começamos a discutir o machismo dentro do movimento. Foi uma época importante na trajetória do IPCN. Na verdade, eram poucas mulheres. As mulheres dos nossos companheiros não estavam lá. Eram poucos que levavam suas mulheres aos encontros do IPCN. E tinha muitas mulheres brancas, a do Januário e do Romão. Agora, as mulheres negras ficavam em casa cuidando dos filhos e nós que na época éramos solteiras, é que participávamos do movimento de mulheres negras do IPCN. (Entrevista com Abigail Paschoa, 26 de outubro 2020).

O IPCN Mulher foi um grupo organizado por aquelas que frequentavam o Instituto e reconheciam o machismo estrutural acontecendo, e, conseqüentemente, elas começaram a debater essa ideia. A entrevistada Adélia relata que mulheres não participaram da fundação do IPCN – na verdade somente uma, e isso pode ter contribuindo para a estrutura machista da sociedade prevalecer também dentro daquele espaço:

O IPCN tem uma coisa que não é engraçada, parece que só tem uma mulher na fundação, todos são homens. Acho que o nome da mulher que participou da fundação era Marcia, eu não sei se ela era esposa de um dos fundadores, mas, só tinha ela na história da fundação, só existe ela. (Entrevista com Adélia Azevedo, 22 de julho 2020).

Como militante atualmente associada, e diretora do IPCN, Margareth Ferreira alega que entende que os processos políticos também são responsáveis por retirar as mulheres dos espaços de liderança, mesmo elas sendo a maioria no espaço. Isto faz parte do machismo estrutural instalado na sociedade:

Então, eu queria te dizer assim, no meu olhar de militância, a presença dos homens na década de 70 não era tão forte, a presença das mulheres era muito mais forte, mas a política fazia com que as mulheres fossem retiradas do processo de liderança. (Entrevista com Margareth Ferreira, 16 de novembro 2022).

De acordo com Maria Alice, Adélia Azedo exerceu grande influência no IPCN com sua chegada. A entrevistada nos relatou que frequentava o IPCN a partir dos eventos que lá tinham; e também com os Filhos de Ghandi, ela ia acompanhá-los e depois voltava para sua casa. Maria Alice não se filiou ao Instituto a partir dos eventos e sim pela voz da representante:

Adélia, ela participava de um programa em uma rádio, na rádio TUPI, que era uma rádio bem popular e em um desses dias eu estava ouvindo e ouço aquela voz de mulher convocando, voz de Adélia convidando as mulheres negras para um encontro na faculdade Benett, no Flamengo. (Entrevista com Maria Alice Santos, 17 de agosto 2022).

Após esse convite, Maria Alice Santos foi até o encontro. Ela teve o conselho de seu primo (a entrevistada não relatou seu nome), que ficou muito preocupado com sua ida. Mas, Maria Alice relata que foi carregando uma bandeira: “Eu carregava as questões dos moradores da cidade nova, sabe? Das mulheres da Cidade Nova a qual a maioria aqui é negra, eu vou. eu fui.”. Segundo ela, esse encontro com tantas informações foi um divisor para sua vida:

Aí eu vou para esse encontro. Eu estava vestida de forma diferente, entendeu? Na época a gente usava calça de lycra, blusa e tal... essa era minha roupa. E elas estavam como se deveria estar em um evento como aquele. De blazer e tal. Era outro grupo. Eu me lembro perfeitamente, o auditório era uma descida. Eu cheguei., sabe quando você chega assim no topo, já tinha começado o evento, já tinha alguém na mesa falando, aí eu chego. Quando eu cheguei que fiquei no topo, porque eu fiquei na dúvida: “e agora?”. Cheguei e agora? Onde vou sentar, será que eu posso sentar, sabe? E quase que com arrependimento de ter ido quando eu percebi o cenário. Homens e mulheres participando. Aí eu vi os gestos das pessoas que estavam na mesa, o espanto. Tipo assim: “quem é essa figura?”. Eu fiz essa leitura e eu não me enganei. (Entrevista com Maria Alice Santos, 17 de agosto 2022).

Mesmo estando em um lugar que reflete igualdade, por ser um encontro de mulheres negras, podemos ver as diferenças de classe através da individualidade de cada uma e também suas subjetividades. Maria Alice era de periferia e se viu dentro em um espaço de militância com muitas mulheres acadêmicas e até mesmo políticas que tinham aparência e vestimenta diferentes da sua. Porém, decidiu falar:

Aí eu falei: “eu estou aqui porque eu sou ouvinte da rádio TUPI e eu ouvi uma mulher, Adélia, convocando mulheres negras para esse encontro”. E como eu venho de uma comunidade de muitas mulheres negras, nessa eu comecei a contar as

condições das mulheres, eu achei que era o momento, e por isso estou aqui. Tipo assim, não adianta agora fazer nada para me tirar, porque não dá para sair mais. (Entrevista com Maria Alice Santos, 17 de agosto 2022).

A entrevistada nos relatou que, após sua fala naquele auditório cheio, ela foi acolhida por algumas mulheres naquele lugar: *“A Adélia me acolheu, outras mulheres lá me acolheram. Essas pessoas foram mais solidárias comigo. Aí foi ali, dali que eu fui para o IPCN.”*. O Instituto fez parte do processo em que Maria Alice recebeu muito apoio, ela nos relatou que aquele lugar foi sua segunda família.

De acordo com as entrevistadas Adélia Azevedo e Maria Alice, mesmo que o IPCN fosse um espaço seguro e acolhedor, era possível perceber a presença do machismo a partir dos homens ali. Segundo Maria Alice, se fazia necessário lidar com os homens na linguagem popular, ou seja, “levar na conversa”:

Mas no IPCN nós tivemos no começo da nossa história o machismo e seu poder, aliás, tudo que acontece na sociedade, claro, acontecia com a gente lá dentro. Então o machismo era homens discutindo sobre militância e mulher sendo secretária, mulher organizando evento, mulher fazendo cartaz, isso a partir das discussões organizada pelo os homens. Haviam mulheres que entravam na discussão, que rompia barreiras do machismo, como Joselina, Abigail e Adélia elas rompiam essas barreiras, mas eu ainda não estava preparada para romper isso, então, eu ia no popular com eles, conversando no popular. (Entrevista com Maria Alice Santos, 17 de agosto 2022).

O grupo IPCN Mulher surgiu a partir desses apontamentos de machismo dos membros do Instituto. Esses debates foram tão intensos que começaram a se reunir todas as terças e quintas, mas, de acordo com Pedrina³⁶ de Deus, essas reuniões eram esvaziadas pelos homens, pois os mesmos alegavam que precisavam do espaço para debates do Movimento Negro:

O grupo de mulheres se reunia todas das terças e quintas no IPCN, mas, nossas reuniões eram constantemente esvaziadas porque o IPCN e outras entidades do Movimento Negro precisavam da sala. (Entrevista com Pedrina de Deus, feita por Amauri Mendes Pereira).

³⁶ Pedrina de Deus, paraense, publicitária, professora militante do Movimento Negro e do Movimento Feminista. “Pedrina, negra, cabeça raspada já na década de 70, brincos exagerados, olhar firme, meio doce, meio belicoso”, descreve o sociólogo e historiador carioca Amauri Mendes Pereira, que prepara um livro sobre a professora. “É uma personagem emblemática na trajetória do Movimento Negro”, afirma. Nos anos 70, Pedrina participou do (e mais tarde dirigiu) o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), no Rio de Janeiro, o que lhe permitiu se aproximar do samba e de outras expressões culturais afro-brasileiras – e lhe ajudou a formular sua síntese de negritude festiva. Na militância, só sobrou tempo para o samba, que acolhe em sua casa: o “Encontro Cearense de Compositores de Samba – ECCOS. Fonte 1: Livro: *O movimento de Mulheres Negras: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil*. Organizadores: Joselina da Silva e Amauri Mendes Pereira. Fonte 2: <https://www.geledes.org.br/kizomba-de-pedrina/>

O machismo, que é algo estrutural na sociedade, era frequente dentro do IPCN, ao ponto de as mulheres serem interrompidas em suas reuniões para realizar funções que são “estabelecidas” como femininas. Essas funções tinham haver com a limpeza do lugar, planejamento das refeições e entre outras:

Precisam da sala e dos nossos braços para tarefas ditas de mulher. Que dizer, varrer, arrumar, limpar, servir café, providenciar a divulgação (sair pelas ruas para distribuir panfletos), fazer a comida para vender e arrecadar finanças para as instituições. Em pouco tempo viramos o departamento feminino do IPCN e de todas as entidades negras que usavam a sede do IPCN (Entrevista com Pedrina de Deus, feita por Amauri Mendes Pereira).

As mulheres no IPCN queriam debater suas pautas, mas os homens, que eram reféns do machismo estrutural, queriam elas realizando as funções ditas femininas ao ponto de nomeá-las como departamento feminino. Essa situação é bem parecida com rompimento das mulheres com o Movimento Negro (SANTOS, 2009):

Foi a partir dos anos 70 que a mulheres negras começaram a questionar sua participação junto ao Movimento Negro e a exigir papel mais ativo no que se referia à luta política, contrapondo-se aos papéis subalternos e às tarefas domésticas, como cozinhar, limpar e secretariar, que eram destinados a elas nos eventos e encontros promovidos pelo movimento (SANTOS, 2009, p. 277).

Os homens insistem em colocar as mulheres em lugares ditos pertencentes a elas. Ou seja, o machismo não escolhe o lugar, homens militantes também reproduziam isso dentro do movimento na sede do IPCN. Situações constrangedoras como essas ocorreram novamente em uma determinada noite no Instituto, mas foi a partir dessa situação que o grupo Aqualtune surgiu dentro da sede do IPCN:

Em uma determinada noite, estávamos reunidas e fomos solicitadas a desocupar a sala, porque homens tinham uma “importante” reunião. Bendita Noite! As negas rodaram a baiana, fizemos nossa reunião sentadas na escada, aquela escada estreita, em Caracol. Uma mulher falava lá em cima e a outra respondia lá embaixo. Na pauta daquela reunião, estava o uso da mulher negra pelas chamadas “entidades negras”, reproduzindo os mesmos métodos dos segmentos racistas da época. Dessa reunião nasceu a REMUNEA – Reunião de Mulheres Negras Aqualtune. (Entrevista com Pedrina de Deus, feita por Amauri Mendes Pereira).

Mais um movimento foi formado a partir do IPCN. Na verdade, esse grupo foi criado nas escadas localizadas dentro do Instituto, as quais dividem o primeiro e segundo andar. REMUNEA tinha como interesse discutir as demandas das mulheres negras e a frente política, fortalecendo a consciência crítica e política para, a partir disso, gerar conteúdo sobre

as questões raciais e feministas, assim, trocando experiências, analisando-as e compartilhando-as. Maria Alice nos relatou que não foram todas mulheres do IPCN que frequentavam aquele espaço que participaram desses grupos formados a partir das mulheres atuantes ali.

Assim como foi no conflito do Movimento Negro com o de mulheres em que, segundo Santos (2009), estas tiveram reações negativas vindas dos seus companheiros de luta, ocupando intencionalmente suas salas de reuniões nos dias em que tinham atividades programadas, elas eram acusadas de produzir um movimento separado causando desconforto e um clima de apreensão dentro da militância. Um dos históricos de sexismo foi quando os homens diziam que as reuniões eram um encontro de sapatonas, um encontro de lésbicas (SANTOS, 2009).

O grupo do IPCN Mulher, que agora era Aqualtune, continuou com as mulheres que decidiram permanecer. Como relatado ainda nesse tópico, não foram todas as mulheres que faziam parte do grupo de membros do Instituto que participaram. O grupo sofreu ataques sexistas dos homens do IPCN, foram chamadas de lésbicas como se esse termo fosse algum tipo de xingamento e também foram acusadas de dividir o movimento:

E veio o troco dos homens e de mulheres em forma de preconceito: “são lésbicas, são feministas, são divisionistas, nem parecem negras!” Quando nós assumimos como uma Reunião de Mulheres, independente do IPCN a pressão interna e externa foi mais intensa. Anexo a essa memória, um bilhete manuscrito do Presidente da época, solicitando às irmãs a participação efetiva na condução dos trabalhos da entidade “acima de nossas diferenças”. Enfatizando: Voltem a varrer, arrumar, limpar, servir café, providenciar a divulgação (sair pelas ruas distribuindo panfletos), fazer comida para vender e arrecadar finanças para as instituições. (Entrevista com Pedrina de Deus, feita por Amauri Mendes Pereira).

Por conta dessas provocações e conflitos sexistas e machistas realizados pelos homens do IPCN, as mulheres decidiram ser independentes até fisicamente do espaço do Instituto e começaram a se reunir em outros locais, até mesmo as praças do Rio de Janeiro foram usadas para realizar reunião:

Declaramos nossas independências física do IPCN em agosto de 1979, mas tivemos algumas perdas significativas, pois algumas mulheres preferiam continuar dentro do IPCN. (Entrevista com Pedrina de Deus, feita por Amauri Mendes Pereira).

O grupo Aqualtune foi formado a partir de um conflito no IPCN, como já foi relatado anteriormente. Porém, este grupo já existia dentro do Instituto com reuniões que eram organizadas pelas mulheres (IPCN MULHER). O Aqualtune se desvinculou do IPCN e foi construir sua história. As mulheres que fizeram parte desse grupo foram: Estela Costa, Léa

Garcia, Suzete Paiva, Oir Nascimento, Jurema Gomes, Azoilda Trindade, Shirley da Silva, Irani Maia, Cristina Daniel, Édila Silva, Cecília Luíz, Vera Lúcia, Pedrina de Deus, entre outras. Maria Alice Santos não fez parte do movimento de mulheres que acontecia no IPCN e fora dele. Ela nos relatou que não se sentia parte daquele grupo:

Eu não falo sobre o Aqaltune porque eu não fiz parte. Tinham algumas reuniões, tinham algumas coisas, mas eu não fiz parte, porque eu me sentia muito distante. Às vezes tem espaços que você não participa ou não participou por conta própria mesmo. eu não me identificava com aquele movimento de mulheres, eu não estava nessa luta específica da mulher muito menos da mulher negra. Eu estava em uma luta geral, sabe? Contra a pobreza, contra a miséria, contra a violência. Porque era isso o que eu estava em alguns momentos vivendo e em outros momentos eu estava assistindo. (Entrevista com Maria Alice, 17 de agosto 2022).

Mesmo que algumas mulheres não participassem do IPCN Mulher, como supracitado, ele acontecia na sede, como uma “organização” feminina de resistência contra todo o poder machista que ali também acontecia. As mulheres se organizaram para ter voz dentro do Movimento Negro, dentro do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras.

Nas reuniões que ainda aconteciam dentro do IPCN, foi escolhido um nome para o grupo feminino, que antes era conhecido como IPCN Mulher, sendo o Aqaltune³⁷, por fim, o nome designado, já que era o nome da uma filha de um Rei do Congo, a qual foi uma comandante que defendeu o reino do seu pai com outros guerreiros contra os holandeses que queriam aprisionar e vender negros. De acordo com Pedrina de Deus:

O nome Aqaltune foi escolhido em conjunto, mas a “sacada” veio da Irani. Cada participante pesquisou nomes femininos e suas histórias. Quando as jagas invadiram o congo, para aprisionar negros e vende-los como escravos portugueses e holandeses, uma mulher chamada Aqaltune filha do Rei Cajanga, comandou os guerreiros para defender o reino do seu pai (Entrevista com Pedrina de Deus, feita por Amauri Mendes Pereira).

O nome foi escolhido pela integrante Irani, pois elas entenderam que foi uma boa “sacada” por parte dela. Após a saída do grupo do IPCN, as mulheres começaram a se reunir onde houvesse um espaço, como bancos de praças, por exemplo. Mas, segundo Pedrina de Deus, elas se reuniam mais em uma das casas das integrantes; principalmente na casa da própria Pedrina, que era localizada em um bairro do Rio de Janeiro que permitia um melhor deslocamento das companheiras. As reuniões continuaram acontecendo às terças e quintas:

³⁷ Aqaltune: Personagem Lendária da história do Quilombo dos Palmares. Teria nascido no Reino do Congo, de linhagem real, liderado uma parte dos guerreiros na batalha de Mbwika (1665), o que resultou em sua escravização e deslocamento para a América Portuguesa, no atual Nordeste brasileiro. É lembrada como uma rainha guerreira. Fonte: www.ufrgs.br/africanas/aqaltune-seculos-xvi

As Aqualtunes se reuniam onde fosse possível, inclusive nas praças. Os bancos da Cinelândia chegaram a abrigar alguns encontros. Mas a maioria era na casa das participantes. O meu apartamento na Lapa, por ter ônibus para todos os bairros, recebeu grande parte das reuniões (Entrevista com Pedrina de Deus, feita por Amauri Mendes Pereira).

As Aqualtunes seguiram mantendo as reuniões e empenhando-se nos estudos para uma melhor formação de cada uma das integrantes. Os encontros eram para formar estratégias de combate a dominação de raça e sexo. A tática das mulheres era se infiltrar nas entidades reivindicativas para dar fundamentos às reivindicações e aos discursos, algumas vezes eram palavras bonitas e frases de efeitos (DE DEUS, 2014).

O grupo, com o passar do tempo, infelizmente teve um fim. Infelizmente, com o tempo, muitas não podiam mais participar das reuniões e começaram a ter desníveis de informações e de reflexões. As participantes, com o tempo, perceberam que estavam a cada dia mais evoluindo, mas, não estavam multiplicando:

Aqualtune não era uma entidade, eram oportunidades de espaço formador de consciência da mulher negra. Cumprimos esse papel, mas, eu não posso dizer que cumprimos bem, porque em determinando momentos nosso cotidiano de mulheres negras tomava vulto: família, trabalho, alteração nos estudos. Nem todas podiam participar das reuniões. Começamos a perceber que estávamos evoluindo, mas, não estávamos crescendo. A REMUNEA morreu por falência múltipla do tempo. Mas foi uma experiência que não se acabou. As Aqualtunes estão por aí (Entrevista com Pedrina de Deus, feita por Amauri Mendes Pereira).

Com o tempo, as reuniões infelizmente acabaram, mas, como foi relatado por Pedrina de Deus, o grupo não acabou, elas estão presentes por aí. Aqualtune iniciou dentro do IPCN, em uma reunião de mulheres que estava lutando contra o machismo e o sexismo, cuja luta ocasionou em sua independência. Aqualtune não teve um fim – ela continuou viva na vida de todas aquelas mulheres que construíram essa história.

3.4 IPCN nos dias atuais

Atualmente, o presidente geral do Instituto é Marcio Madeira Silva, e junto com outros diretores e conselheiros está dirigindo a sede e suas demandas executivas e sociais. Em abril de 2020, novos associados organizaram um novo movimento, já que, devido à pandemia causada pela COVID-19, o Instituto estava inativo de suas atividades. Depois disso, os associados restabeleceram o IPCN e, como descrito no *site* do Instituto, foi um “*movimento de*

restabelecimento”, tal processo fez com que novos associados e antigos associados incorporassem as ramificações desse movimento.

Segundo Margareth Ferreira, atualmente diretora de patrimônio, existiu um motivador para uma nova diretoria, que foi a ancestralidade, pois eles entendiam que os ancestrais negros lutaram e conseguiram um prédio, um espaço para as movimentações sociais e políticas de homens e mulheres negras:

Nossos ancestrais pretos conseguiram ter um prédio pela luta negra. Muitas instituições do movimento conseguiram espaços para funcionar, espaços cedidos pelo Estado, cedidos por pessoas... O IPCN não, o IPCN foi financiado por uma organização internacional que mandou recursos para a compra desse prédio, para quê? Porque o Movimento Negro é um elemento importante, o território de luta do IPCN é muito importante. Nós estabelecemos um território dentro outro território negro que é o bairro da Lapa aqui no Rio de Janeiro. (Entrevista com Margareth Ferreira, 16 de novembro 2022).

Diante da entrevista com a diretora de patrimônio do Instituto, entendemos que restabelecer o IPCN foi uma tarefa que se deu por conflitos, já que ainda havia uma gestão que estava à frente cuidando daquele lugar. Mesmo que as novas pessoas que queriam assumir a diretoria chegassem com a ideia de acolhimento e mudanças, o conflito iria acontecer para que se levantasse uma nova eleição.

De acordo com Margareth Ferreira, os conflitos se deram com militantes históricos (a entrevistada não mencionou seus nomes), que faziam ou fizeram parte do IPCN. Muitos não aceitavam essa ideia de uma nova gestão e outros foram convidados a compô-la, mas negaram o convite para que não houvesse conflitos. Ainda assim, aqueles que aceitaram assumir a nova direção decidiram “lutar” por essa nova mudança:

...E a gente peitou essa história, ou seja, militantes históricos achavam que não tinha que ter mudança, mas a gente construiu através de outros militantes históricos que achavam que deveria haver essa mudança na direção. (Entrevista com Margareth Ferreira, 16 de novembro 2022).

De acordo com a entrevistada, a composição da nova diretoria ocorreu a partir de diálogos e afetos. Ela relatou que quando foi convidada a participar como diretora de patrimônio, preocupou-se com quem seriam seus colegas de gestão e, por esse motivo, marcou reuniões para conversar com cada um deles, principalmente com o presidente, para entender quais eram as intenções em ser diretor daquele espaço. Tal estreitamento dos laços se fazia necessário, pois, segundo Margareth Ferreira, a nova gestão precisa construir uma relação de afetividade.

A nova eleição aconteceu entre os meses de setembro e outubro de 2020, onde o antigo presidente era Benedito Sérgio. Os componentes que faziam parte da chapa que estava propondo essa mudança são: Marcio Madeira Silva (Presidente), Adilson Aguiar Xavier (Diretor Administrativo), Valéria dos Santos Neves (Diretora Comunitária), Marcelo Dias (Diretor de Comunicação), Vera Neri da Silva (Diretora Cultural), Sérgio Carlos Cândido (Diretor Financeiro), Margareth Ferreira (Diretora de Patrimônio) e Pascoal Nascimento (Procurador), esses são o que fazem parte do Conselho Diretor. Os conselheiros fiscais efetivos são: Ana de Souza Neves, Plínio da Costa Tembae, Robson Luis Mansueto. Já Laércio Lino de Carvalho, Carlos Augusto Baptista e Claudia Miranda são os conselheiros suplentes.

Segundo Margareth Ferreira, com essa chapa de diferentes militantes do Movimento Negro, o IPCN teve mais uma vez uma nova gestão com a proposta de construir um espaço afetivo e afrocentrado, rompendo com a lógica colonizadora e fazendo com que a presença das mulheres fosse mais forte naquele lugar:

Resolvemos ter uma gestão de maneira afrocentrada e afetiva. Foi feito um jogo, consultando o oráculo ancestral para que a gente pudesse ver se era isso que a ancestralidade queria e saber o que ancestralidade do IPCN queria, a partir disso temos feito um diálogo ancestral e isso tem ajudado muito. Quando já estávamos estabelecidos na gestão, descobrimos que havia um acervo de umbanda dentro do IPCN, uma parte de um acervo daqueles que foram resgatados dos terreiros de umbanda está lá, e agora a gente vai zelar por esse patrimônio mantendo ele lá dentro. Já estão tentando tirar da gente, mas, já estamos fazendo a manutenção para manter lá como patrimônio. Isso é resposta da nossa gestão afetiva em diálogo com todos. (Entrevista com Margareth Ferreira, 16 de novembro 2022).

Conforme relatado em entrevista por Margareth Ferreira, a religião dos associados que fazem parte da diretoria é algo muito importante na continuação da construção do espaço e das atividades. A intenção é manter a memória dos ancestrais viva naquele lugar de forma religiosa, em forma de luta e de fazer permanecer os direitos já conquistados.

O IPCN voltou com suas atividades de gradativamente, havendo debates de forma *online* como as Terças do IPCN que são conversas com convidados do instituto que ministram assuntos sobre questões raciais. Houve também Grupos de Trabalhos de cosmovisão que dialogaram com a forma de ver o mundo a partir de valores e crenças afro-brasileiras e africanas. O IPCN é um organismo vivo e se faz presente até os dias atuais.

3.4.1 Um organismo vivo: movimentações atuais

Durante a pesquisa, foi percebido que o IPCN é um organismo vivo, inclusive essa frase faz-se presente no tema central desta dissertação. Algumas perguntas foram surgindo a partir da escrita e uma delas é: por que o IPCN é um organismo vivo? Acredito que precisamos entender o conceito dessa frase antes de continuar.

Segundo Romão (2020), o organismo vivo tem capacidade de articular todo um conjunto de funções de um ser. Ele é formado por células que são capazes de reproduzir. Isto é uma teoria geral e breve do que seria o organismo vivo. Através desse conceito é possível entender o motivo pelo qual usamos essa frase. O IPCN é um organismo vivo! Ele é um conjunto de pessoas e de histórias em um só lugar que é capaz de reproduzir um movimento de luta, denunciando e combatendo o racismo que está estruturado na sociedade.

Os atuais associados e membros do IPCN relataram que, com a nova diretoria da sede no ano de 2021, mesmo com as portas fechadas, o Instituto continuou produzindo suas programações na sociedade. Como descrito anteriormente, eventos digitais ocorreram para dar continuidade as atuações do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras. É a partir desta nova direção que foram instaladas as segundas e terças de debates de forma virtual, em que acontecem os diálogos políticos com representantes de partidos políticos.

No ano de 2022, as atividades do IPCN voltaram à sua rotina presencial, com feiras afroculturais, organizações de seminários como “Seminário IPCN: Passado, presente e perspectivas”, que teve a presença de Susete Paiva (Associada do IPCN dos anos 70) como parte da mesa de palestra. O Instituto também participou de atos públicos como a manifestações na Vila Cruzeiro – RJ e de eventos como a posse do presidente da Comissão Estadual da verdade da Escravidão Negra do Brasil da 16 subseção da Ordem dos Advogados do Brasil.

Nestas programações, também ocorreram diálogos políticos nas segundas-feiras e terças de debates. No mês de julho tivemos a comemoração dos 47 anos do Instituto, em que nas terças e quintas a sede se manteve aberta para aulas de capoeira de Angola com a Mestre Cristina. Finalizando as comemorações de 47 anos do IPCN, no dia 10 de agosto de 2022, a II Edição da Feira AfroCultural prestigiou a Instituição que ocupa um lugar de destaque e referência na luta antirracista. A feira é aberta para toda comunidade ao redor, tendo várias atrações como barracas com exposições de artes, beleza e estética, comidas artesanais e entre outras coisas, como exibição de documentário e homenagem às mulheres negras.

Neste ano, também foi realizada a II Semana jurídica do IPCN com o tema “Hermenêutica Negra e Direito Antidiscriminatório” com o objetivo de buscar estratégias a

serem implementadas por advogados e advogadas na luta antirracista. E nos dias 24 e 25 de agosto o IPCN se faz presente no Seminário “Lei de Cotas: uma década”, com intuito de debater as perspectivas sobre as ações afirmativas no Brasil.

No dia 20 de novembro de 2022, a Feira AfroCultura teve mais uma edição, mas dessa vez com uma temática especial que foi a semana da Consciência Negra. Estive presente neste evento, em que foi inaugurada a biblioteca do IPCN com um acervo de livros doados e outros já pertencentes ao Instituto com a temática racial. Neste mesmo dia, foi lançado o selo do IPCN e da Livraria Rubi. Esse selo é importante para que escritas sejam produzidas e lançadas a partir do Instituto. Ainda no mês de novembro, no dia 30, uma roda de conversa com a temática “Educação Antirracista” teve como convidada palestrante a professora Lavini Castro³⁸, entre outras atividades que acontecem no Instituto todos os meses.

No Boletim de 1976, na parte inicial, faz-se uma homenagem a um ano de existência do IPCN, descrevendo que o “IPCN VEIO PARA FICAR”, e hoje, em 2022, vemos estas atividades ainda acontecendo, e temos mais certeza de que, após 47 anos de história, esta Instituição tem sua existência estabelecida de forma permanente. Sim, ele é um organismo vivo: por sua história, pelas lembranças e pela continuação da luta em combate ao racismo na sociedade.

³⁸ Lavini Castro – Educadora Antirracista, mestre em relações étnicas raciais pelo PPRE/CEFET-RJ. Historiadora pela UERJ. Idealizadora e coordenadora da rede de professores antirracistas. Pesquisadora de LHER/UFRJ. Ganhadora do prêmio Sim à Igualdade Racial.

CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO

Finalizo minha pesquisa aqui entregando minha contribuição para a construção de escritos sobre o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras. Lembro que ao iniciar esta pesquisa, no ano de 2020, encontrei-me em meio a uma intensa busca por conteúdos acadêmicos que falassem sobre esta Instituição, e, sim, encontrei fontes que me ajudaram neste processo.

Queria deixar registrado que eu nunca havia ouvido falar sobre o IPCN, mesmo tendo participado de movimentos negros no interior do Rio de Janeiro. Foi em um café da manhã junto à professora Dra. Joselina da Silva, no bairro da Lapa, região central do Rio Janeiro, que eu conheci um pouco sobre a Instituição e, desde então, despertou em mim o desejo de pesquisar sobre.

Quando comecei a escrever sobre o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, percebi que havia uma grande responsabilidade de que este se tornasse objeto de minha pesquisa, já que se fazia necessário declarar sobre as narrativas daqueles que construíram aquele espaço. Eu não fiz parte do processo do IPCN, nem de sua construção e muito menos das suas lutas. Contudo, como alguém que estava pesquisando os seus processos, não tem como não olhar para aquele lugar sem ter sentimentos afetivos por sua história.

Em todas as entrevistas, percebi os conflitos que foram necessários para sua construção, todavia, também percebi o amor que todos os interlocutores dessa pesquisa demonstraram em falar sobre o IPCN. Muitos choraram ao lembrar de amigos, histórias e momentos naquele lugar, outros riram ao lembrar das brigas calorosas que ali aconteceram. Percebo que aquele espaço também foi família para muitos deles. Maria Alice Santos e Adélia Azevedo afirmam que o IPCN era família e que muitas vezes passavam mais tempo ali do que em suas próprias casas.

Em um determinado momento na entrevista com Abigail Paschoa, ela disse a seguinte frase: *“Gabrielle, escreva sobre o IPCN para que as pessoas leiam sua história e ele seja conhecido e reconhecido. Este é o desejo de muitos que ali passaram.”*. No processo, percebi que minha dissertação/pesquisa tinha mais a ver com as narrativas das pessoas do que a própria história da organização.

O processo desta pesquisa não foi apenas acadêmico, criei experiências conversando com cada entrevistado/a. Como já declarei, eles se emocionavam ao falar sobre o IPCN, mas eu também – por diversas vezes – ao ouvir todas as histórias, eu aprendi com cada um deles.

Há ensinos que recebi das conversas que ainda ecoam como vozes dentro de mim. E isso faz parte do processo educador que é aquela organização. Ouvir as narrativas desses associados é também entender o lugar que eles ocuparam. Quando entrei no IPCN pela primeira vez e olhei aquelas escadas situadas no primeiro andar da sala principal só conseguia me lembrar da história da construção das Aqualtunes, meu coração estremeceu como se a energia delas ainda tivesse ali. Fiquei imaginando todas aquelas mulheres sentadas naquelas escadas construindo e debatendo pautas sobre ser negra no Rio de Janeiro e no Brasil.

Esta pesquisa também atravessou meus sentimentos, fez-me repensar sobre a militância que eu carrego, sobre a militante que eu sou e qual é meu papel na sociedade como mulher preta, educadora e periférica. Aquelas pessoas estavam em constante movimento de luta em todos os espaços pelos quais passavam – eles/as lutaram por direitos, e o nosso dever é continuar em luta e exigir pela continuidade do que já foi conquistado.

O Instituto de Pesquisas das Culturas Negras é um movimento Educador, e, usando a mesma perspectiva da frase inicial do livro de Nilma Lino (2007, p. 38), podemos afirmar que “o Movimento Negro é Educador!”. Transfiro esta mesma certeza ao IPCN, entendendo que educação vai além do que parece convencional e científico. Declarar isso é legitimar os saberes sociais como parte de um processo educativo.

As narrativas registradas nesta pesquisa podem nos ajudar a apontar o IPCN como um espaço de formação social de negros e negras, pois as nossas vidas são influenciadas pelas lutas sociais. O Instituto cumpre e cumpriu um papel de luta social em combate ao racismo e a todo tipo de desigualdade social.

A proposta da pesquisa foi trazer o IPCN para a academia, descrevendo suas narrativas a partir do olhar dos interlocutores entrevistados, fazendo uma conexão com o Movimento Negro e os movimentos sociais, já que o Instituto, como organização, fez parte dessas lutas. Antes de entrar no contexto das narrativas, fez-se necessário falar sobre os conceitos de raça e racismo no Brasil. O IPCN também é um espaço de luta antirracista. Portanto, explicar sobre a definição dessas intersecções fez parte do processo para que se concluísse que o Instituto não é somente um movimento e sim um território de luta contra os danos causados pelo racismo de forma estrutural e institucional na sociedade. Ainda neste ponto, descrever sobre o Movimento Negro e os movimentos sociais traz a percepção da construção daquele Instituto.

No capítulo II, descrevi um pouco sobre a metodologia e como foi o processo do roteiro desse trabalho. As entrevistas foram os pontos cruciais para o desenvolvimento, já que o objetivo foi escrever a partir das narrativas daqueles que ajudaram na construção e

participaram do espaço. Porém, no início, com as dificuldades de uma pesquisadora iniciante, a hipótese era encontrar o máximo de material possível para este trabalho, talvez uma mesma narrativa entre todas as entrevistas e bibliografias, mas no caminho foi possível perceber que a pesquisa estava se encaminhando para escrita da construção e permanência do IPCN a partir dos olhares dos interlocutores.

No capítulo III, dialogamos com esses olhares e também com as bibliografias estudadas. Em cada tópico foi possível conectar as narrativas com os escritos e as referências das ciências humanas, com as temáticas de raça, racismo, movimento sociais, Movimento Negro e suas organizações. Como já foi descrito, o IPCN foi e é muito atuante nas lutas sociais, de forma que muitos movimentos consolidados reconhecem aquele espaço. Um exemplo é a entrevistada Margareth Ferreira, que fez parte da coordenação do MNU e considera o espaço do Instituto como um lugar acolhedor também para o Movimento Negro Unificado. Grupos como a ONG Crioula também passou por aquele lugar para se consolidar.

O Instituto de Pesquisas das Culturas Negras foi um balcão de acolhimento entregando informações, mas também amparando e recebendo novas ideias, organizações e movimentações. Ele faz parte de uma construção histórica no Rio de Janeiro, ele é uma organização do Movimento Negro que fez parte das mobilizações sociais em busca de políticas melhores para a população, principalmente para os negros e negras.

O IPCN é um organismo vivo e resistente! Ele viveu e sobreviveu com o apoio de todos os associados. A partir do meu olhar como uma iniciante pesquisadora, afirmo que este foi e continua sendo um espaço de movimentações negras, um território da ancestralidade e um lugar com um extenso potencial de transformação de vidas através do saber social educativo que ali existe. Esta pesquisa é somente uma simples contribuição para continuação dos escritos sobre o IPCN.

O IPCN é vivo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, A. **As teorias dos movimentos sociais**: um balanço do debate. Lua Nova: São Paulo, p. 49-86. 2009.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *In: X Congresso Nacional De Educação – EDUCERE*, 2011, Curitiba, Anais... Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. p. 329 - 341

BORDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BORDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DOMINGUES, P. J. Movimento Negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.

DOMINGUES, P. J. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **Mediações: Revista de Ciências Sociais**, v. 10, n. 1. p. 25-40, 15 de jul de 2005 .

DUARTE JUNIOR, J. F. **O que é realidade**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DA SILVA, J.; PEREIRA, A. M. **O Movimento de mulheres negras**: Escritos sobre os sentidos de democracia e Justiça social no Brasil. Rio de Janeiro: Nandyala, 2014.

DA SILVA, Joselina. A União dos Homens de Cor: aspectos do Movimento Negro dos anos 40 e 50. **Estudos afro-asiáticos**, v. 25, n. 2, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2003000200002> Acesso em: 15 abr. 2023.

DA SILVA, S. M. **O GTAR (Grupo de Trabalhos André Rebouças) Na Universidade Federal Fluminense**: memória social, intelectuais negros e a universidade pública (1975/1995). 2018. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2018.

DRUMONT, M. P. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas: São Paulo, p. 81-85, 1980.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Nacional, 1965.

GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, 2011.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, N. L. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

GONZÁLES, L. O Movimento Negro na última década. In: GONZÁLES, L.; HASENBALG, C. (Orgs.). **O lugar do negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1980.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Rev. Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

HANCHARD, M. **Orfeu e poder**: Movimento Negro no Rio e São Paulo. Rio de Janeiro: EDUERJ/UCAM - Centro de estudos Afro-Asiáticos, 2001.

IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

JARDIM, D. MNU: 34 anos de luta contra o preconceito racial. **Palmares Fundação Cultural**. 2012. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=21311> Acesso em: 15 abr. 2023.

JESUS, Marize Conceição de. **O legado da militância negra pós-64 para a democratização das relações étnico-raciais**. 2015. 174 f.: il. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, 2015.

LEMOS, R. **Feminismo negro em construção**: a organização do movimento de mulheres Negras no Rio de Janeiro. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicossologia de Comunidade e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

MELUCCI, A. **Challenging codes**: collective action in the information age. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MELUCCI, A. Um objetivo para os movimentos sociais? Tradução Suely Bastos. **Revista Lua Nova**, n. 17, 1989.

MOREIRA, N. R. **O feminismo negro brasileiro**: um estudo do movimento de Mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo. 2007. 121 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2007.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **História do negro no Brasil**: o negro na sociedade Brasileira: resistência, participação, contribuição. Brasília: FCP, 2004.

PEREIRA, Amauri Mendes. **Trajetória e perspectivas do Movimento Negro Brasileiro**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

PEREIRA, Amilcar Araújo. **“O Mundo Negro”**: a constituição do Movimento Negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. 268 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.

PINTO, F. C. F.; DIAS, E. Educação e Sociedade. **Ensaio**: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 27, n. 104, p. 449-455, jul. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002701041> Acesso em: 15 abr. 2023.

QUINTÃO, T. T. Os media e a construção dos caras-pintadas. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, v. 4, 2010.

RODRIGUES, C. S.; PRADO, M. A. M. Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com o Estado Brasileiro. **Psicologia e Sociedade**, v. 22 n. 3, p. 445-456, 2010.

RIOS, F. O protesto negro no Brasil contemporâneo (1978-2010). Dossiê Questão Racial no Brasil, **Lua Nova**, v. 85, 2012.

SANTOS, S. B. D. As ONGs de mulheres negras no Brasil. **Sociedade e Cultura**, v. 12 n. 2, p. 275-288, 2009.

SANTOS, S. B. D. Feminismo Negro Diaspórico. **Revista Gênero**, v. 8 n. 1, 2007.

SANTOS, J. R. O Movimento Negro e a crise brasileira. **Política & Administração**, n. 2, jul./set., 1985.

SANTOS, J. R. IPCN e Cacique de Ramos. **Comunicações do ISER**, ano 7, n. 28, Rio de Janeiro, ISER, p. 5-20, 1988.

SILVA, J. da; EUCLIDES, M. S. Falando de gênero, raça e educação: trajetórias de professoras doutoras negras de universidades públicas dos estados do Ceará e do Rio de Janeiro (Brasil). Dossiê – Educação feminina: história e memória. **Educ. ver**, v. 34 n. 70, jul./ago., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.58760> Acesso em: 15 abr. 2023.

SCHERER-WARREN, I. (2013). Movimentos sociais no Brasil contemporâneo. **Revista História: Debates E Tendências**, v. 7 n. 1, p. 9-21. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/hdtv.7n.1.2947> Acesso em: 15 abr. 2023.

SOUZA, J. C. Marx contra Marx. In: **I Encontro de Programas de Pós-Graduação da FFCH da UFBA**, 2010, Salvador. Encontro de São Lázaro. Salvador: Quarteto Editora, 2010.

SOUSA, N. S. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

TREECE, D. Candeia, o projeto Quilombo e a militância antirracista nos anos 1970. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 70, p. 166-188, 2018.

TOZONI-REIS, M. F. de C. **Metodologia da pesquisa**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

WERNECK, J. Racismo Institucional e saúde da população negra. **Saúde Soc. São Paulo**, v. 25, n. 3, p. 534-549, 2016.

WIEVIORKA, M. **O racismo, uma introdução**. Tradução de FanyKon. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ANEXO A – Jornal semanal do IPCN - 1976


**BOLETIM do
INSTITUTO DE PESQUISAS
DAS CULTURAS NEGRAS**

Ano I • vol. 1 • Número 3 • Julho de 1976

UM ANO DE IPCN

FUNDADO A 8 de julho de 1975 o IPCN, mesmo antes desta oficialização, já vinha desenvolvendo atividades com vistas a seus objetivos, promovendo debates públicos; editando o 1.º número de seu Boletim Informativo; participando da primeira "Semana do Negro" levada a efeito no ICHP da UFF; promovendo conferência sobre Arte Negra, proferida por Abdias do Nascimento, Professor da cadeira de Culturas Afro-Latino-Americanas da Universidade Estadual de Nova York em Buffalo (EUA); participando, juntamente com o Consulado Geral Português, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos, o jornal *Crítica* e representantes da Nigéria, Quênia e Camarões, do ato público em comemoração à independência de Moçambique; entre outras atividades.

A partir de sua fundação, tem o IPCN desenvolvido toda uma série de atividades e realizações que passamos a enumerar resumidamente:

AUDIOVISUAL

Projeção, acompanhada de debates com a platéia, do audiovisual "O Passado Africano", produção do IPCN, nos seguintes locais: Guadalupe Country Club; Teatro Fonte da Saudade; auditório do IBAM; ACRIAPI, em Del Castillo; Instituto de Educação Clélia Nancy, em São Gonçalo; Irmandade de N. S. do Rosário e S. Benedito dos Homens Pretos; Teatro Gláucio Gil, em convênio com o 4.º Distrito de Educação e Cultura do Rio de Janeiro; e no Museu de Arte Moderna, onde também foi exibido o filme "O Negro na Cultura Brasileira".

CONFERÊNCIAS E PALESTRAS

- Palestra com os compositores Canêdia e Rubem Confeite sobre As Escolas de Samba e as Origens do Samba Urbano no Teatro Opinião, com projeção do curta metragem "Partido Alto".
- Palestra da Diretoria do IPCN em São Gonçalo que propiciou a criação do CEBA — Centro de Estudos Brasil-África.
- Conferências, em número de três, do etnólogo Gherard Kubik, sobre a influência de Angola na música brasileira, em convênio com o IBAM e ICBA.
- Palestras do ator Milton Gonçalves e do Adido Cultural do Senegal Edmond Roques King no Instituto de Educação Clélia Nancy, em convênio com o CEBA, e no Teatro Gláucio Gil, para alunos da área do 4.º DEC.

CICLOS DE CINEMA COM DEBATES

- Apresentação, no Teatro Fonte da Saudade, de dois filmes documentando o Festival de Arte Negra, na Nigéria.
- Projeção do filme *A Rainha Diaba*, na Cinemateca do MAM, acompanhada de palestra do ator Milton Gonçalves sobre a marginalização do negro no cinema.
- Lançamento, na Cinemateca do MAM, do filme *Compasso de Espera*, seguido de debates com seu diretor, Antunes Filho, sobre o tema abordado: a problemática do negro de classe média.
- Realização, na Cinemateca do MAM, do Seminário "Cinema Brasileiro e Cultura Negra", com a projeção dos curta-metragens: *Sai dessa Exu*, *Candomblé*, *Partido Alto*, *Artesanato do Samba*, *Alma no Olho*, *Aruanda*, *Zumbi dos Palmares*, *Chico Rei*, *Festas na Bahia de Oxalá*, *Gafieira e Exu Mangueira*, com a participação nos debates de diversos professores, cineastas e atores.
- Projeção, no Teatro Gláucio Gil, do filme *Máscaras Negras (Masques Noires)*.

ATIVIDADES DE PESQUISA

- Entrevista com Otacílio Galdino, 1.º Cidadão Samba do G.R.E.S. Mangueira.
- Entrevistas visando ao levantamento de dados sobre as religiões brasileiras oriundas de África, em conjunto com o Museu de Arte & Folclore do Rio de Janeiro e o Adido Cultural do Senegal.
- Levantamento, ainda em curso, — datas de eventos significativos para a história do negro brasileiro — com vistas à elaboração de um calendário a ser editado.
- Projeto de pesquisa sobre o jongo e suas origens.
- Projetos de pesquisa em fase de estudos de viabilidade de realização:
 - Expressões populares de uso corrente, denotativas de discriminação racial;
 - Levantamento dos estoques raciais no Brasil.

**PROMOÇÃO DE SHOWS DA DANÇA E
MÚSICA BRASILEIRAS**

- Apresentação do espetáculo *Olurum Baba Mim* no auditório do IBAM, em convênio com o ICBA.
- Primeira apresentação em público do trio vocal OS TINCOÃS no Teatro Opinião após palestra do radialista e produtor Adelson Alves.
- Apresentação do já consagrado conjunto vocal OS TINCOÃS no auditório do IBAM, em convênio com o ICBA.
- Lançamento do primeiro Lp da compositora e cantora GIOVANA na sala Corpo Som do MAM.

CONTATOS COM ENTIDADES CONGÊNERES

Objetivando o desempenho de nossas atividades, o IPCN manteve contatos com as seguintes entidades: Câmara de Comércio Brasil-África; Museu de Arte & Folclore do Rio de Janeiro, com vistas ao desenvolvimento de projetos comuns de pesquisa; Centro de Estudos Afro-Asiáticos, que promoveu a realização do Encontro de Pesquisadores de Cultura Negra, com a participação de representantes da Universidade Federal Fluminense, Universidade de Campinas, Universidade Federal da Bahia, Secretaria de Ciência, Cultura e Tecnologia do Est. de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Grêmio Recreativo de Arte Negra e Samba Quilombo, participando das primeiras reuniões que deram origem à sua fundação; Afosé Filhos de Ghandi; Consulado Geral do Senegal, apresentando a proposta aprovada pelo Consulado, da criação de um Centro Cultural Senegal-Brasil; G.R.E.S. Unidos de São Carlos, fornecendo dados para a elaboração de seu enredo *A Arte Negra da Legendária Bahia*; Associação de Canto Coral, objetivando realizar o levantamento da obra do Pe. José Maurício; além da participação nos dois encontros de Entidades de Cultura Negra dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

ATIVIDADES SOCIAIS

- Almoço de confraternização realizado na ACRIAPI, em Del Castillo, onde foi servida suculenta carne seca com abóbora, em meio a apresentação do conjunto de samba local, grupos de capoeira, etc.
- Participação, em conjunto com a Equipe Soul Grand Prix, na festa em homenagem a Cosme e Damião, com farta distribuição de doces, refrigerantes e brinquedos no Vitória Esporte Clube.
- Ceia de natal oferecida pelo IPCN às famílias de seus associados e amigos.
- Participação no coquetel comemorativo do aniversário da Independência do Senegal.

8 de Julho de 1976

É O DIA DO PRIMEIRO aniversário do IPCN. O evento não representa, em absoluto, o atingimento de uma meta; representa antes superação de uma fase, união, perseverança e fé em nós mesmos. Representa ainda dedicação, abnegação e espírito de sacrifício de muitos. Representa horas de renúncia, noites de constante vigília, dias de preocupação, não quanto ao passado, mas quanto ao futuro. Este primeiro aniversário simboliza, enfim, imensos campos semeados à espera do bom tempo e da boa colheita. Os inimigos são muitos, reconhecemos: a terra árida — os que não creem; o tempo ruim — os que recusam qualquer tipo de ajuda; as pragas — os que minam nossas forças ainda no nascedouro; e as aves de rapina — os que querem viver de nós. Somente através da união de esforços no trabalho é que poderemos vencê-los. Assim, amigos, mais do que nunca precisamos de você, mais do que nunca precisamos de sua ajuda na ceifa desta colheita, a qual se não é grande, não obstante vale mais por ser a primeira. E unidos poderemos colher muito mais, deixando ainda os campos semeados para os que vierem depois. O IPCN veio para ficar.

Deu nos jornais

O Depto. de Pesquisas do IPCN recolheu nos jornais cariocas diversas matérias concernentes aos assuntos de interesse dos associados.

No campo da música, chamou-nos a atenção o artigo de Aloysio Reis — "A Libertação é um grito SOUL" — do qual destacamos parte:

A PENETRAÇÃO

Para qualquer um desses ingênuos que pensam que no Brasil não existe racismo, eu recomendo uma visitinha a uma dessas domingueiras dançantes promovidas pelos clubes da Zona Norte e Baixada Fluminense, onde as discotecas só executam soul music.

2 Você pode contar nos dedos, os brancos que dançam no meio do salão, e, vale a pena lembrar, que algumas aparelhagens de som já foram quase destruídas pela platéia porque alguns discotecários imprudentes resolveram retirar os discos de soul, e substituí-los por rock ou qualquer outro gênero. Estes grupos de negros dançarinos de soul estão altamente organizados e estão melhor informados sobre as novidades neste campo de música, do que qualquer colunista especializado. Eles se comprimentam através de gestos especiais e falam um dialeto especial. Quanto mais James Brown, melhor.

"São uns macacos de imitação dos negros americanos", diriam os idiotas da objetividade — esse tipo humano tão bem rotulado por Nelson Rodrigues.

Muito mais importante do que a constatação de que a soul music está penetrando integralmente no meio da juventude negra dos subúrbios, é o fato de que esta é também uma resposta à discriminação racial que sempre existiu no Brasil, embora enrustida. E por que não haveria de existir, se os negros chegaram aqui em navios negreiros, e foram tão massacrados quanto seus irmãos que desembarcaram ao norte da América?

"Por que esses caras não vão dançar samba?" — perguntariam ainda os idiotas da objetividade.

Porque a força contestatória do samba já foi completamente anulada pelas suas próprias instituições. Há muito tempo que as escolas de samba já perderam o reboledo. Ao se transformarem em empresas promotoras de espetáculos para inglês ver, aceitando, inclusive, um vergonhoso contrato de prestação de serviços com a Riotur, o que restava em termos de "expressão autêntica do povo" foi pra cucuia.

É claro que existe a resistência. Ninguém pode fechar os olhos para iniciativas brilhantes como a recém-criada escola de Quilombo (Candeia, Paulinho da Viola, Monarco e outros). Ninguém pode deixar de sentir o poder arrasador de uma interpretação de Clementina de Jesus.

Mas acontece que essas coisas não tocam no rádio. Acontece que o samba autêntico é ostensivamente massacrado pelo samba massificado.

Enquanto isso, a carga externa de soul music é arrasadora. Só nesse mês, a gravadora Top Tape lançou 6 LPs de soul. É a Motown penetrando em massa. Os discos de James Brown vendem como arroz e feijão nos subúrbios. As discotecas não têm outra opção: é soul ou nada.

(Última Hora — 27-05-76.)

Em foco

I SEMINÁRIO CINEMA BRASILEIRO E CULTURA NEGRA

Em abril próximo pensado, do dia 22 ao dia 26, o IPCN realizou, em convênio com a Cinemateca do MAM, um seminário intitulado Cinema Brasileiro e Cultura Negra. O evento consistiu de projeção de uma série de curtas metragens abordando a temática, e de palestras e debates após cada projeção.

Tendo como objetivo colocar em discussão aspectos concernentes às relações cinema brasileiro / cultura negra, o Seminário teve início com a projeção do filme *Compasso de Espera*, de Antunes Filho, encenado pelos atores Zózimo Bulbul e Renée de Villmond. A exibição seguiu-se amplo debate com a platéia, sobre o preconceito racial e o papel do negro no cinema brasileiro.

A PREPARAÇÃO

Paralelamente a uma ampla divulgação na imprensa, o IPCN completou junto à Embrafilme o levantamento da filmografia de curta metragem destinada a programas educacionais, em que fossem abordados temas relativos à história, aspectos sociais e expressão cultural do negro no Brasil. Entre mais de mil filmes examinados, foram escolhidos dez, os únicos a versarem temas relativos à participação do negro no ambiente cultural brasileiro da atualidade. Os trabalhos escolhidos foram divididos por assunto e programados de modo que a cada sessão ocorresse duas exibições diferentes. Para julgar os filmes, tanto no seu aspecto técnico, quanto no da validade de sua mensagem, foram convidados especialistas de consagrada competência.

OS FILMES

Como representantes do assunto religião, foram exibidos dois curtas metragens: *Sai Dessa Exu* e *Candomblé*. Para dirigir a discussão foram convidados Braulino Nascimento e Alexandre dos Santos, do Museu de Arte e Folclore. Ainda dentro deste tema foi projetado, extra programa, o filme *Exu Mangueira*, do cineasta Jom Azulay, que também participou dos debates.

Já o item arte foi representado pelos filmes *Alma no Olho* e *Artesanato do Samba*, de Vera Figueiredo, realizadora de ambos. O folclore se fez representar por *Chico Rei* e *Festas da Bahia de Oxalá*, de cujos debates participou o ator e diretor Milton Gonçalves e o engenheiro José Carlos. Sobre História foram exibidos *Aruanda* e *Zumbi dos Palmares*, analisados pela professora e pesquisadora Beatriz Nascimento Gomes. *Partido Alto* e *Gafieira* representaram o tema manifestação cultural e foram debatidos pelo jornalista e compositor Rubem Confeite, o compositor e fundador da Império Serrano Edgar Barbosa, o chefe do Departamento de Cinema do IPCN o fotógrafo Januário Garcia e o cineasta Jom Tobá Azulay.

(continua na pág. 6)

LIMA BARRETO — 1881 - 1922

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu aqui no Rio de Janeiro, numa sexta-feira 13 em 1881, portanto, exatamente sete anos antes da Abolição. Filho de negros livres, não nasceu escravo. Seu pai, João Henriques de Lima Barreto era tipógrafo. Operário, nutria grande fé no valor da educação. Francisco de Assis Barbosa, biógrafo de Lima Barreto, diz-nos que até pouco tempo existia em uso na Imprensa Nacional um manual de tipografia traduzido do francês por João Henriques.

Como sempre tem acontecido aqui no Brasil, principalmente entre nós, um pai normalmente projeta para o filho a realização de seus sonhos frustrados. Com João Henriques vai acontecer o mesmo. Não vendo como formar-se em Medicina, quer ver o filho graduado. E é à custa de ingentes sacrifícios que consegue dar a Lima Barreto a base educacional para que ele em 1897 matricule-se na Escola Politécnica do Largo de S. Francisco, antigo nome da Faculdade de Engenharia que funcionou naquele local.

Obvio que Lima Barreto não concluirá o curso de Engenharia. Mas a luta que empreende para fazer face a um meio mesquinho e obscurantista, vai dar à sua vida uma dimensão, de riqueza interior, de integridade de caráter, de humanismo, poucas vezes atingida por um intelectual brasileiro.

Marginal, mas consciente dos fatores que determinavam sua marginalização, questionará até a morte a consistência da escala de valores que lhe predetermina "o seu lugar".

Fiel ao sentimento de negritude, foi dos primeiros intelectuais negros a empreender a "via crucis" da auto-realização, sem jamais deixar de denunciar as

injustiças sofridas, e clamar por um tratamento humano para seus irmãos.

Pioneiro no campo da arte literária, inovador tanto no que se refere ao conteúdo, quanto no que se relaciona à forma, somente agora alguns críticos de vanguarda, como Osman Lins começam a ver que sua obra de muito se antecipa às proposições inovadoras dos promotores da Semana de Arte Moderna de 1922.

Profundamente sensível aos problemas sociais, sua concepção de arte é a que se chama hoje de "arte engajada", tendo como fim precipuo o "acordar" os homens de sua letargia insensível e assim fazê-los melhor. Seus personagens são geralmente negros, sua ficção, sempre relacionada com a vida real, jamais se afasta do aspecto de denúncia.

São momentos altos de sua obra os seguintes romances: *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Memórias do escravo Isaías Caminha*, *Clara dos Anjos* e vários contos, principalmente *O Homem que falava javanês*. Obra vasta, mas que não segue uma linha ascendente, cheia de altos e baixos, reflexo da vida difícil e sofrida do autor, está sendo revista em nossos dias pela crítica de vanguarda que costuma asseverar que Lima Barreto instaura entre nós o "romance crioulo", o "romance Brasil", em oposição ao beltrismo geral, importação européia.

Como lenitivo às pressões de toda ordem que em vida sofreu, Lima Barreto adquiriu o hábito da bebida que em fases sucessivas o levará à indigência, à loucura, aos manicômios e à morte. Morreu a 1.º de novembro de 1922, já um farrapo de gente, numa casinha do bairro de Todos os Santos.

Nosso respeito à sua vida e à sua obra.

CLASSIFICADOS

COMUNIDADE PROFISSIONAL

• Expressão Corporal e Danças Afro-brasileiras — com a Professora Marlene Silva — Rua José Linhares, 121 — Leblon, às terças e quintas, 20,00 h. Tel.: 274-4417.

• Equipamento de Som e Luz para Bailes, Festas, Shows — VERASOM — Rua Siqueira Campos, 142 — s/l 42 — Tel.: 235-6627.

• Equipe Soul Gran Prix. Sensacionais reuniões de *soul music* nos diversos Clubes da Cidade. O melhor *soul*. Tel.: 261-6499.

• Berman Arquitetura Ltda. Projetos para decorações de interiores. Construções. Rua Figueiredo Magalhães, 286 — s/903. Tel.: 257-0734.

• Afro Chamber. Órgão informativo da Câmara de Comércio Afro-Brasileira. Pedidos para Av. Rio Branco, 279 — 7.º and. — s/4 — São Paulo — SP.

• Dra. Maria Helena N. Barbosa. Cirurgiã dentista — Rua do Catete, 310 — s/407. Diariamente de 9,00 às 12,00 h e de 14,00 às 19,00 h. Sábados: 9,00 às 12,00 h e 14,00 às 17,00 h.

• Tatiana Modas. A amiga das costureiras e modistas. Rua Humaitá, 71 — Loja D.

• Fotografias para arte & propaganda — Slides — Posters — Reportagens. Januário Garcia — Tel.: 252-9949. José Ricardo — Tel.: 224-3881. Carlos Alberto Vieira — Tel.: 224-1529.

O NEGRO

E A HISTÓRIA

• Os egípcios — a primeira grande civilização que a História registra — eram, segundo o historiador grego Heródoto, que visitou o país, "negros e de cabelo encarapinhado".

• Navegadores africanos attingiram a América muito tempo antes de o genovês Cristóvão Colombo "descobri-la". Esse fato, há longo tempo conhecido dos pesquisadores de história da África, foi confirmado pela descoberta, em escavações realizadas no México, de ossadas pertencentes a negros que morreram por volta do ano 800 A.C.

• Foi George Washington Carver o descobridor das propriedades alimentícias da soja, hoje bastante popularizada graças à grande quantidade de calorias e proteínas que contém. Ele viveu no século passado, nos Estados Unidos, sendo hoje conhecido em todo o mundo.

• Até o século XVI, a Europa estava atrasada, em termos culturais, sociais, tecnológicos, etc., em relação a diversas regiões da Ásia e da África. Com a escravidão e o colonialismo, começou a propagar-se o mito hoje popular, da superioridade européia.

• O Brasil é o segundo país do mundo em população negra, só perdendo para um país africano — a Nigéria — com 80 milhões de habitantes. Estima-se que os descendentes de africanos no Brasil perfaçam mais de 50 por cento da população.

• Esopo, a quem são atribuídas as famosas *Fábulas*, era um escravo de origem africana, nascido na Frígia, Ásia Menor. A informação é segura, pois quem nos dá é o monge Planudes, o Grande, que viveu no século XIV, ao qual devemos a história da vida de Esopo e suas *Fábulas*, na forma em que hoje são conhecidas. Esopo, segundo ele, tinha "nariz largo... com lábios grossos e balouçantes e a pele negra da qual tirou seu nome (Esopo sendo o mesmo que Etíope)".

• O famoso Quilombo dos Palmares, tão (mal) cantando por nossas escolas de samba, constituiu um verdadeiro Estado negro-africano encravado em pleno território da América Portuguesa. Palmares durou cerca de 100 anos, e os registros que falam de 20 ou 30 anos referem-se unicamente ao período de luta, não levando em conta o tempo necessário para a organização de um Estado que chegou a ameaçar o poder lusitano no Nordeste do que hoje é o Brasil.

NOTICIÁRIO

Universidade estuda negro

Plena de êxito foi a iniciativa dos alunos da UFF, especificamente do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, que de 31 de maio a 8 de junho último realizaram a Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro à Formação Social Brasileira, no Anfiteatro da Faculdade de Direito em Niterói.

Entre os temas abordados, destacam-se "Culturalismo e Contracultura", "Alguns aspectos da história social do negro pós-Abolição", "O negro e a Casa das Minas no Maranhão", "Movimentos políticos como forma de organização do negro".

A Semana de Estudos, que teve por objetivo introduzir na Universidade uma cadeira de estudos sobre o negro, principalmente nos cursos que abrangem a área de Ciências Humanas, contou com a participação de vários intelectuais de projeção como a historiadora Beatriz Nascimento, o professor Eduardo Oliveira e Oliveira, o professor Peter Fry, o professor José Bonifácio Rodrigues e outros.

Soul

Em promoção da Equipe Soul Grand Prix será realizado possivelmente no dia 21 de agosto no OLARIA ATLÉTICO CLUBE, a apresentação do conjunto soul "Archie Bell and The Drells", um dos maiores sucessos na atualidade.

Ciclo de cultura negra nas escolas

Vem sendo coroado de efetivos êxitos na área educacional o trabalho realizado em convênio com o IV Distrito Educação e Cultura do Rio de Janeiro, do qual recebemos ofício de agradecimento e apostilas referentes ao audiovisual *Passado Africano*. Em decorrência do sucesso da exibição desse audiovisual, temos recebido solicitações de alunos e professores sobre subsídios para trabalhos de pesquisa em turma, como também sobre a exibição do *Passado Africano* em outros estabelecimentos escolares.

Programa comemorativo

do

primeiro aniversário

Como um dos pontos altos de nossas comemorações exibimos nos dias 9, 10 e 11 de julho de 1976, às 20,30 horas, na Cinemateca do MAM, o filme *Wattstax*, longa metragem (em cópia de 110 minutos), sobre o maior festival de soul music realizado em 1972, nos Estados Unidos. Entre as atrações do filme destacam-se: Rufus Thomas, Isaac Hayes, Staple Singers, Carla Thomas e outros gigantes do soul.

Festival da Nigéria

Nos últimos dias do mês de agosto próximo o IPCN estará promovendo uma mesa redonda sobre Festival de Arte Negra, a ser realizado em 1977 na Nigéria. Na oportunidade será projetado o documentário sobre o primeiro festival, realizado em Dacar, no Senegal em 1970. Para o evento esperamos contar com a presença de todos quantos se interessarem pelo estudo e a pesquisa da cultura negra. Entre os participantes da mesma estão convidados o sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira, da Secretaria de Ciência, Cultura e Tecnologia do Estado de S. Paulo, a etnóloga Juana Elbein, do Centro Afrocultura da UF da Bahia, compositores, cantores, atrizes, professoras e a notável Clementina de Jesus, que aliás representou o Brasil no festival de Dacar — O local será comunicado pela imprensa.

Padre José Maurício

O IPCN vem realizando gestões com vistas a realizar nos próximos meses uma apresentação de peças musicais do Padre José Maurício Nunes Garcia, cuja vasta obra vem sendo pesquisada pela Prof.^a CLEOFÉ P. MATTOS da Associação de Canto Coral. O conjunto instrumental e coral será organizado por Paulo Moura em convênio com a Associação de Canto Coral e colaboração da Irmandade de N.S. do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos.

ASSOCIE-SE AO IPCN

Música popular

O CANTO AFRO DAS ALDEIAS

4 Depois do sucesso de abril GIOVANA voltou, a pedidos, à sala Corpo Sômi do MAM, nos dias 22 a 27 de junho.

Mais amadurecida, com mais certeza ainda das coisas da vida. O recado, o mesmo: a força e o talento do homem comum jogado na selva das cidades, na miséria das favelas ou na enorme distância entre dois apartamentos contíguos.

Seu show, antes de tudo, uma lição de solidariedade fazendo-nos a impressão de uma deusa negra que nos fala de perto de nossos problemas e de sua pequenez diante do mistério maior que é a vida.

*Que tristeza é essa
Dentro dos seus olhos
Uma luta íntima dentro do peito
Um tempo nublado
Uma tarde cinza
Chegando o negro azul da noite*

O arrebatamento se inicia com o primeiro toque do atabaque mágico de Caboclinho mandando uma mensagem para as aldeias. Aldeias modernas onde nos encontramos fechados e sós. Aos poucos

todos vão se libertando como se pertencessem a uma aldeia única, como aquelas em que, sentados em torno da fogueira, dividíamos a caça do dia e sorriamos e falávamos de nós mesmos. Aldeias como aquelas onde os mais jovens bebiam da experiência dos mais velhos, onde nenhuma distância era maior do que a vontade do coração.

Giovana guerreira, força do amor construindo! Giovana rebelde, rebeldia que somente os puros e as crianças possuem! Giovana mimosa, mimosa e frágil, com toda a fragilidade que só os deuses têm! Fragilidade de onde emerge sua força.

*A minha mente é um vendaval
Meu corpo no teu corpo é um terremoto
Meu sangue negro nobre
Não permite que eu caminhe no escuro
Será que você não sente
Será que você não vê a ponta da estrela
A ponta da estrela vem me iluminar
Na poesia parada
No fim da batucada vem me iluminar
Dentro ou fora do beco
Meus sonhos do lado do avesso
Na noite anterior.*

Um poema para Giovana, a filha da AFRICA

Giovana
Em ti reconheço
A beleza selvagem
O ébano cor de acajú
Do povo ativo que outrora
Na graça dos deuses apaziguados
Em meio às oferendas e litâneas
Te recebeu no seu seio íntimo
O seio do antigo povo bassari
Giovana
Das margens do Fálémé
Ao leito do Amazonas
O caminho foi longo e cruel
Caminho de dor e destruição
Ele tinha para ti
Um gosto de sal e de pimenta
A bebida emerge do feticheiro da tua aldeia
Esta aldeia que outrora
Através das ramagens das palmeiras
Te viu partir um dia

Na fundo do porão de um navio negro
Pobre hámas fumano
Que a Europa mercante
Destinava ao café e à baunilha
Vós éreis mil, vós éreis cem mil
Filhos de angústia e da desesperança
Filhos da dor carnal
E das explosões de riso da Europa
E o zunido do chicote do negro
No fundo do tórrido porão
Rimava vozes clamores, Giovana
E portanto, apesar do granto da aldeia
Asgalelas e os cliques levantaram âncoras
Levando para as Américas
As bestas humanas arrancadas do continente
E na ponta dos mastros
O pólen das flores tropicais
Vós éreis cem mil,
Vós éreis um milhão
GIOVANA

Mamadou Seyni M'Bengue
(Consul Geral do Senegal)

RENGA MOI — O canto universal da negritude

Muita gente se surpreendeu com a peça *Renga Moi*, apresentada pela Abafumy Company, de Uganda, em teatros do Rio e São Paulo. Isso porque não se tratava de um espetáculo "primitivo", como se costuma pensar das coisas africanas e negras em geral, mas sim de um teatro moderno, utilizando recursos bastante sofisticados, em termos artísticos e técnicos, para contar uma história altamente elaborada — bem mais do que o público em geral e a própria imprensa dita "especializada" puderam perceber.

A imprensa, por sinal, mais uma vez mostrou sua absoluta falta de conhecimento com relação à África, e aos africanos, o que expriu através de matérias inconsistentes, repletas de lugares-comuns, quando não a falsa informação, pura e simples.

CRIAÇÃO COLETIVA

Na verdade, *Renga Moi* é uma criação coletiva do grupo Abafumy — não uma "lenda", como afirmaram *O Globo* e o *JB*. De lenda, a peça guarda apenas a estrutura, que serve para relatar, de forma alegórica, fatos da história recente de Uganda e da África em geral. Como meios de expressão são utilizados os quatro principais idiomas falados em Uganda (nenhum dos quais é o *swahili*, cuja presença deve ser creditada à fértil imaginação dos bem informados repórteres tupiniquins), além da música, ritmo e dança, algumas vezes tradicionais, outras com influência da *soul music* criada por irmãos que a Diáspora Africana fez nascer na América do Norte.

A preocupação central é mostrar as dificuldades decorrentes do choque entre duas culturas — a tradicional, africana, e a européia, geralmente adotada, sem qualquer adaptação, pelos africanos educados no exterior. Para estes, que formam a nova elite africana, tudo que é europeu é moderno, e deve ser imitado. Como resultado, ocorre o crescente distanciamento entre a classe dirigente europeizada e o povo, que se junta a outras causas para ocasionar a instabilidade política quase onipresente na África de hoje. Sem nos esquecermos da cor-

rupção, herança do sistema colonial, e da mentalidade voltada para a acumulação de riquezas, por ele introduzida.

QUEBRAR A RESISTÊNCIA

A Abafumy Company foi criada em 1968, com o objetivo de oferecer uma alternativa ao teatro que então se fazia em Uganda: de um lado, a representação nos moldes clássicos europeus — Shakespeare —, de outro, o teatro folclórico, fechado sobre fórmulas repetitivas e vazias. Os criadores da Abafumy tinham em mente um teatro ao mesmo tempo africano e negro, na temática e na forma, mas também universal, para o que deveria usar símbolos de compreensão universal, capazes de romper a barreira do idioma.

Os primeiros tempos foram de muita pesquisa, inclusive a procura de gente para atuar no grupo. Paul Mukasa, um componente do grupo, nos conta:

— "O problema é que a maioria dos jovens com o grau de informação necessário para fazer parte de um elenco como este não está interessada em fazer teatro. Todos querem ser engenheiros, administradores, técnicos, não atores. Para conseguirmos formar o grupo, foi necessário, entre outras coisas, acenar com possibilidades como as de viajar para o exterior, para atrair os jovens. Mas felizmente tudo deu certo. Hoje, o grupo é bem coeso".

Quem entrou no grupo para viajar não deve ter-se decepcionado. A Abafumy tem-se apresentado em diversos países, principalmente nos dois últimos anos: França, Polônia, Checoslováquia, Jamaica, Porto Rico, Iugoslávia, Venezuela, Colômbia, Inglaterra... Por sinal, a Inglaterra, terra dos antigos "colonizadores", foi o único país que não os recebeu bem:

— "As críticas referiam-se muito mais à situação política de Uganda, e ao Presidente Amin, do que propriamente à atuação do grupo. E disseram também, que o espetáculo era demasiadamente ligado à temática dos movimentos negros".

Em Porto Rico, o grupo fez uma apresentação gratuita para uma platéia

negra e pobre. O que, aliás, encaixa-se perfeitamente em suas perspectivas.

— "Pretendemos ganhar dinheiro no exterior para podermos construir nosso próprio teatro, em Kampala. Você sabe, somos uma companhia particular, não recebemos auxílio do governo, só estímulos. Com nosso teatro, será possível apresentar peças a platéias maiores e mais heterogêneas, e até ampliar o grupo, quebrando um pouco a resistência das pessoas, sejam elas muito tradicionalistas para aceitar coisas novas, ou muito europeizadas para admiti-las, quando essas coisas novas são essencialmente africanas".

METADE DA HISTÓRIA

Sempre sorridentes e amáveis, os componentes do grupo escondem, por detrás desta aparente simplicidade, os argutos observadores que são. Estranharam, por exemplo, a passividade do negro brasileiro, especialmente a falta de consciência da sua negritude — os cabelos *fritos*, as perucas, a maquiagem de *rouges* e pós-de-arroz transformando belos rostos negros em ridículas caricaturas, e mesmo os cabelos *afro* usados como simples modismo, muitas vezes para se valorizar diante do branco. O mesmo quanto à atitude das pessoas para com o grupo, nas ruas, um misto de curiosidade e deboche, recheados de um mal-disfarçado racismo.

— "Sabe, irmão, nós estamos acostumados a reagir. Em Londres, por exemplo, tivemos uma série de incidentes com as pessoas na rua, choferes de táxi que não paravam, essa espécie de coisa. Aqui, nós nunca sabíamos o que fazer. Eu mesmo fui praticamente escurado de uma loja fina, onde ia comprar umas roupas, e nem soube como reagir. Você sabe, o pessoal daqui é tão *cool*, em outro lugar eu teria brigado, aqui deixei ficar".

De acordo com um velho costume africano, as pessoas de Uganda costumam contar apenas metade da história. O resto, deixam que o interlocutor pense e descubra por si mesmo. É tempo de começar a pensar.

Capitalismo e escravidão

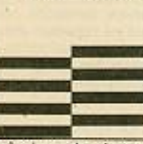
Eric Williams

Cr\$ 80,00

ERIC WILLIAMS, Primeiro-Ministro de Trinidad Tobago, foi durante muitos anos professor de Ciência Política e Social da Universidade de Howard, de Washington, e serviu na comissão das Antilhas. Autor de inúmeras outras obras sobre as Antilhas e História Britânica, neste seu livro, *Capitalismo e escravidão*, faz completo levantamento sócio-econômico da época (1783-1833) em que o capitalismo britânico se consolidou às expensas do tráfico de escravos africanos.

capitalismo e escravidão

ERIC WILLIAMS



A economia política da escravidão

Eugene Genovese

Cr\$ 75,00

Os aspectos principais da civilização sulista de antes da guerra, os interesses político-econômicos dos proprietários de escravos, seus compromissos ideológicos e psicológicos, a base agrícola da economia sulista, a diversificação das safras e os movimentos de reforma dos industriais numa sociedade escravista e a atitude dos plantadores proprietários de escravos em relação ao desenvolvimento industrial, são alguns aspectos abordados por Eugene Genovese em *A economia política da escravidão*. Um clássico no gênero.

A ECONOMIA POLITICA DA ESCRAVIDÃO

EUGENE GENOVESE



PALLAS S.A.
Editora e Distribuidora
Av. Mem de Sá, 202. Tel.: 224-0921
20.000. Rio de Janeiro, RJ
Caixa Postal 7001

À VENDA NAS LIVRARIAS

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

em foco (Conclusão da p. 2)

CONCLUSÕES SOBRE O I SEMINÁRIO CINEMA BRASILEIRO E CULTURA NEGRA, REALIZADO NA CINEMATECA DO MAM, RIO DE JANEIRO, DE 22 A 26 DE ABRIL DE 1976, PATROCINADO PELO IPCN — INSTITUTO DE PESQUISA DAS CULTURAS NEGRAS.

Constatou-se a existência de uma filmografia referente ao negro que não corresponde a sua verdadeira expressão cultural, social ou histórica. Carentes de informações precisas, métodos de pesquisa e análise, esses filmes contribuem para dar continuidade à desinformação generalizada quanto ao negro e sua realidade, sua história, seus homens e mulheres de maior expressão. O tratamento mais comum, dentre os filmes apresentados, foi o de tentar revelar segredos religiosos, como forma de propaganda turística através do *exotismo* — tratamento este incompatível com as tradições que esses filmes dizem pretender transmitir. Tais informações revelam sentimentos colonialistas e racistas mal disfarçados, inaceitáveis em nossa época e num povo como o nosso, basicamente mestiço.

O IPCN, considerando o consenso desse I Seminário e a receptividade que as idéias ali veiculadas obtiveram junto aos participantes, alguns deles diretamente ligados ao setor cinematográfico, sente-se habilitado a recomendar o reposicionamento da produção cinematográfica referente ao negro, através da qual seja possível chegar-se à efetivação do que está expresso nos textos das leis que impõe a igualdade e o respeito entre as raças e suas manifestações culturais próprias.

O IPCN considera, ainda, necessária uma produção intelectual, cinematográfica ou não, que expresse o desenvolvimento cultural, social, político e econômico da população negra e mestiça do Brasil, contribuindo, desta forma, para um melhor desenvolvimento das relações culturais e raciais entre todas as pessoas nascidas neste país.

Para a efetiva realização desses anseios, o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras conclama todos os participantes do Seminário e leitores deste documento ao debate objetivo da questão.

Rio de Janeiro, 1.º de maio de 1976

FORMAÇÃO DO QUADRO SOCIAL

Na oportunidade em que o IPCN comemora o seu 1.º aniversário de fundação, iniciamos uma campanha para a inscrição de novos associados. Evidentemente, um Instituto de Pesquisas não é um clube social, mesmo assim, percebemos a necessidade da organização de um quadro de associados, na busca de uma forma segura de podermos contar com pessoas realmente interessadas nos projetos elaborados pelo IPCN.

Lembramos que sem a SUA COLABORAÇÃO nada poderemos fazer. O trabalho que se pretende realizar, em termos de valorização cultural e social da comunidade, só poderá ser efetuado na medida do engajamento de todos nós. Colabore conosco participando de nosso quadro de associados.

6 Mensalidade de sócio efetivo Cr\$ 20,00

Compareça às nossas reuniões:
Aos sábados a partir de agosto
Av. Graça Aranha, 416 — 8.º and. 14,00 h.

Correspondência para a Caixa Postal 1458 ZC-00
Rio de Janeiro — RJ

Boletim do IPCN

Presidente: Benedito Sérgio de Almeida Alves
Vice-Pres. Cultural: Orlando Fernandes
Vice-Pres. Administrativo: Paulo Roberto dos Santos
Vice-Pres. de Relações Públicas: Carlos Alberto Medeiros

Órgão de divulgação interna do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras.

C. Postal 1458. ZC-00 — Rio de Janeiro — RJ.

DISTRIBUIÇÃO INTERNA

CONTOS CRIoulos DA BAHIA
Narrados por Mestre Didi
Coleção Vozes do Mundo
Moderno n.º 15

76 p. — Cr\$ 15,00



Esses contos formam parte da cultura dos **Terreiros** que envolvem descendentes de origem Nago, em segunda, terceira, quarta e até quinta geração. São histórias transmitidas de geração em geração, diretamente dos mais velhos aos mais jovens. Os terreiros Nago não são apenas comunidades religiosas; a prática litúrgica é o fator aglutinante e transmissor de uma rica tradição. Estes contos valem por sua estética e também pela imensa informação que trazem. Certamente despertarão o interesse dos estudiosos de Antropologia, Comunicação, Letras e de todos os que analisam as origens da cultura brasileira.



OS NAGO E A MORTE:
Páde, Asêse e o Culto
de Egun na Bahia

J. Elbein dos Santos
Coleção Mestrado n.º 4
244 p. — Cr\$ 65,00

Este livro se baseia na tese de doutorado em Etnologia apresentada pela autora na Sorbonne. Sua publicação vem atender às solicitações cada vez maiores de nosso público universitário por temas relativos às origens culturais brasileiras. Examina e desenvolve algumas interpretações sobre a concepção da morte, suas instituições e seus mecanismos rituais entre os descendentes, no Brasil e particularmente na Bahia, das populações da África Ocidental. São visadas as comunidades, grupos e associações que se qualificam a si mesmos de NAGO e que a Etnologia moderna chama de Yorubá. As pesquisas foram feitas no Brasil e na própria África Ocidental.

DEMOCRACIA RACIAL

Thales de Azevedo
104 p. — Preço: Cr\$ 25,00

Se de um lado a **democracia racial**, no Brasil, parece ser um fato consumado, por outro lado, vemos a frequência inquietante de atos discriminatórios que no mínimo fazem supor que o brasileiro se deixa levar por compulsões que contradizem profundamente essa instituição de que tanto se orgulha. Tentar tirar a limpo essas dúvidas, ou pelo menos tentar lançar um pouco de luz nessa contradição, tem sido uma tentação constante de nossos cientistas sociais. Procurando historiar o problema, analisando as motivações que têm regulado a mestiçagem, levantando hipóteses sobre a possibilidade de uma literatura afro-brasileira; tentando uma explicação para os incidentes raciais que se repetem entre nós, o autor procura esclarecer essa temática, lançando alguns dados novos e algumas interpretações originais muito elucidativas. Um livro para antropólogos, sociólogos e estudiosos de problemas brasileiros.



Rua Frei Luis, 100
Caixa Postal 23
25.600 Petrópolis, RJ

Filiais:

Rio de Janeiro: Rua Senador Dantas, 118-1
Tel.: 242.9571
São Paulo: Rua Senador Feijó, 158/168
Tel.: 33-3231 - 32-6090
Belo Horizonte: Rua Tupia, 85
Loja 10 — Tel.: 22-4152
Porto Alegre: Rua Riachuelo, 1280
Tel.: 25-1172
Brasília: CRL/Norte - O. 704
Bloco A - N.º 15
Tel.: 23-2436

ANEXO B – Ata da Reunião Aqualtune

CARTA DE PRINCÍPIOS

REUNIÃO DE MULHERES NEGRAS AQUALTUNE

Não somos mais uma organização negra. Somos um grupo de combate ao racismo e ao machismo que prepara suas participantes para a ação política necessária para o fim dessas duas ideologias de dominação, onde elas tenham atuação ou sintam necessidade. Pode ser dentro das organizações negras, das organizações de mulheres ou de outras organizações democráticas e progressistas da nossa sociedade. Será também na vida diária - família, trabalho, estudo e em qualquer lugar.

As integrantes da Reunião de Mulheres Negras Aqualtune se preparam para esta ação política, procurando formas de se desenvolver com uma maneira própria de se expressar, vencendo o medo, a timidez e a confusão das idéias, até que todas sejam capazes de falar, escrever e atuar em todas as organizações que nos interessem, colocando a questão racial e aumentando a consciência de negros e negras.

A REMUNEA vai procurar transmitir o conhecimento adquirido e criar novos conhecimentos que sirvam à nossa gente, colaborando para o surgimento de novos militantes: gente orgulhosa de ser negra e a fim de fazer valer seus direitos neste país, em que as classes dominantes utilizam o racismo para impedir o povo de comandar seu próprio destino.

Vai procurar conhecer e avaliar os processos usados pela ideologia de dominação, criando paralelamente uma contra-ideologia que ajude a desmistificar e descolonizar tudo o que se aprendeu até hoje sobre negros e mulheres e que nos tacha de seres humanos inferiores e indignos.

Quer também desmistificar a questão do negro como uma questão puramente cultural e a idéia de que é possível acabar o racismo simplesmente com a prática livre das manifestações culturais negras. Quer levar a sociedade brasileira a assumir que se a maioria é negra o país é negro.

Para elaborar contra-ideologia, a REMUNEA se propõe a estudar os temas que estão mais presentes na realidade da mulher negra como problemas que impedem o seu crescimento e a sua participação na luta pela mudança de seu próprio destino. Cada tema é desenvolvido em linguagem clara e de fácil compreensão, para que possa atingir e ser assimilado por mulheres não escolarizadas, que constituem a maioria negra. A REMUNEA assume também a responsabilidade de gerar finanças necessárias para que esta contra-ideologia seja impressa e esse material